



REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores—RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo—N.º 5



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66, Rua da Fabrica, 66

1891

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

- O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Istar na tradi-
ção occidental*, por THEOPHILO BRAGA pag. 1
- Notas sobre a linguagem vulgar do Porto*, por J. LEITE DE
VASCONCELLOS pag. 19
- Liste des odonates du Portugal et note critique sur les ONY-
CHOGOMPHUS GENEI, Selys et HAGENII, Selys*, par AL-
BERT GIRARD pag. 26

VARIA

- Effets de la semi-domestication sur le daim (Dama vulga-
ris) d'après M. Keilhack*, par P. C. pag. 46

OS MORTOS

- Antonio Roberto Pereira Guimarães*, por R. P. pag. 48

REVISTA

DE

SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

O MYTHO

CHALDEO-BABYLONICO DOS AMORES DE ISTAR NA TRADIÇÃO OCCIDENTAL

(ESTUDO SOBRE O CYCLO ROMANESCO DE JULIANA E JORGE)



DEPOIS de termos determinado nos romances da *Gayarra* das Asturias, e da *Serrana de la Vera*, da Extremadura, que matam todos os seus amantes, os vestigios do antigo mytho da deusa Istar, da civilisação accádica, o Diabo-Venus da Edade média, outros desenvolvimentos do mesmo mytho apparecem no romance popular de *Juliana e Jorge*, commum a quasi todos os povos da Europa. Este romance, reduzido á simplicidade do seu thema, resume-se no castigo que uma amante dá ao namorado, no momento em que lhe annuncia que vae casar com outra mulher. A mesma simplicidade ou vulgaridade do assumpto faria com que o romance se decompozesse em prosa anedoctica, se é que elle tivesse origem n'uma idealisação da realidade; a sua conservação em povos diversissimos, e sempre na fórma poetica, explicam-nos que essa persistencia é devida á universalidade de um mytho, que se transformou em lenda

popular, e se adaptou entre aquelles povos em que existiam concepções analogas, apesar da diversidade das raças em que elle se encontra.

As duas mulheres rivaes, são *Istar* e *Allat*, as duas manifestações divinas do principio feminino Belit; *Istar*, era adorada no planeta Venus, com as suas aparições ao anoitecer e de madrugada, (1) ou a luz dos dois crepusculos matutino e vespertino. *Allat*, é a noite, ou o Paiz immutavel da região escura do Inferno. Compreende-se a antinomia entre as duas deusas, a que é a manifestação do mundo das estrellas, e a que é a Grande Senhora da Terra, a deusa chthoniana e infernal. Douzi, Douwasi (Thammuz) o esposo mysterioso de Istar, apresenta um character solar indiscutivel; a sua entrada na região das sombras, no Paiz immutavel cahindo sob o poder de Allat, mostra como o mytho nasceu da personificação do phenomeno da natureza. Lenormant, caracterisando o aspecto planetario nas religiões chaldeo-babylonicas como consequencia de uma systematisação dos antigos elementos, conclue: « A unica divindade, que desde os tempos mais antigos apresenta uma physionomia planetaria bem determinada é Istar. Em contraposição, nada mais claro e mais bem estabelecido do que o character solar de seu esposo Douzi ou Thammuz; reconheceu-se desde longo tempo na religião da Phenicia, onde, demais, desempenhava uma acção muito mais consideravel na mythologia babylonica. Estes deuses, que morrem e resuscitam periodicamente, proprios do culto da Asia anterior, são personificação do Sol nas phases successivas do seu curso diurno e da sua carreira annual. » (2)

A idealisação d'este phenomeno, o Sol descendo ao occaso, ou para as trevas da Noite, e para o solsticio do

(1) Lenormant, *Magie*, p. 108.

(2) Id. ib., p. 120.

Inverno, deu-se também nos povos áricos, e é a base geral da sua mythologia. O aspecto planetario é exclusivamente chaldeo-babylonico, mas os mythos baseados sobre elle, podem facilmente adaptar-se ao aspecto crepuscular e solar das mythologias indo-europêas.

Como Istar, a deusa com as duas aparições da estrella da tarde e da manhã, e esposa de Thammuz, Allat é também a esposa do Sol. Diz Tiele, na *Historia comparada das antigas Religiões*: « Os Babylonios tinham também a sua Allat, a rainha do imperio dos mortos, a esposa do Sol, residindo no mundo infernal, a *sombria deusa que lança veneno nas veas d'aquelles que violam os seus juramentos*, de sorte que resultam as mais terriveis doenças. » (1) No romance de *Juliana e Jorge*, é com veneno que ella castiga o perjurio do amante que lhe annuncia que se vae desposar com outra mulher; e elle, montado no seu cavallo, sente que lhe vae faltando a luz. Esta tradição apparece em uma дума da Ukrania (*Gregorio*), em um canto da Suecia (*a Historia de Olaf*), em um canto da Escossia (*Lord Randal e Sir William*), na Bretanha franceza (*J'ai fait un rêve*), nas Asturias (*El Convite*), na Catalunha (*La inoble venganza*), e em Portugal, em Traz-os-Montes (*D. Ausenia*), ilhas dos Açores (*O caso de Juliana e Jorge*), no Brazil, Ceará e Pernambuco (*Juliana e Jorge*) e em um Pliego suelto castellano do seculo xvi (*Moriana*). A quasi universalidade d'esta tradição entre povos tão diversos, como slavos, scandinavos, germanicos, bretãos e romanicos, prova-nos a profundidade primitiva das suas raizes ethnicas, e os varios grãos de transformação do thema primordial fundado sobre uma concepção mythica.

A transformação dos mythos chaldeo-babylonicos

(1) Tiele, op. cit., p. 199.

operou-se ainda na grande civilização da Asia anterior; basta recordar a relação entre a lenda de *Semiramis* com o mytho de *Samouramat*, o céu elevado, do Peixe *Oannes* com o mytho de *Hea* ou *Ea-Han* ou *Dagan*, o peixe Salvador, que ainda persiste nos Contos populares europeus.

Nas dez versões do romance de *Juliana e Jorge* ha diferentes grãos de elaboração do mesmo thema; na tradição scandinava, a Historia de Olaf representa o conflicto de dois amores do mancebo entre o Elf e a noiva; conserva ainda o elemento mythico, quando o Sol no seu giro atravessando a floresta, é vencido pelo crepusculo da noite ou a Aurora vespertina sobre os amores da Aurora matutina. Na tradição da Finlandia, onde os vestígios turanianos são mais persistentes como se observa pelo estudo da epopêa mythica do *Kalevala*, a tradição desenvolve-se na fôrma de lenda, e o noivo que sacrifica a sua namorada é envenenado. Sabendo-se como nas povoações primitivas da Europa entrou um elemento mongoloide, da mesma raça que na Asia anterior creou a grande civilização accádica, e conhecendo-se como persistem vestígios de superstições e cultos chthonianos, que os monumentos da Chaldêa hoje explicam, torna-se logico o aceitar a proveniencia d'estes vestígios poeticos conservados no Romanceiro popular, a que já se referia Strabão maravilhado da sua enorme antiguidade.

Nas Notas aos *Cantos populares do Brazil*, (t. II, p. 199) aproximando os paradigmas do romance de *Juliana e Jorge*, fomos levado pela versão da Catalunha á seguinte affirmação: « O nome de Gudriana faz-nos lembrar o da heroína germanica *Gudruna*, e o quadro descripto esse thema violento das cantilenas normandas da epopêa alemã. Sigurd, segundo a tradição epica do Edda, esquece-se de Brunhilde com quem estava para casar, por effeito de uma bebida magica que lhe deu a mãe de *Gudruna*, com a qual elle depois casa. Como o Jorge, do

romance insulano e brasileiro, Sigurd tambem tem um cavallo, o Grani que atravessa o fogo.» Esta primeira interpretação não contradiz a conclusão actual, porque a situação de Sigurd entre os dois amores deriva da sua origem como *heroe solar*.

A referencia mais antiga conhecida d'este romance na tradição peninsular, acha-se em uma Ensalada ou folhavo-
lante de Romances, da Bibliotheca de Praga, publicada por F. Wolf, onde apparecem dois versos de um romance que não chegou a ser colligido no seculo XVI:

1) ¿ Que me diestes, Mariana
Que me diestes en el vino ?

Menendez Pidal, nos *Viejos romances asturianos*, notou que estes dois versos pertenciam ao cyclo de Juliana e Jorge, conhecido nas Asturias sob o titulo *El Convite*.

Gil Vicente allude ao canto popular *Moliana, Moliana*; e nas ilhas dos Açores ainda se diz em tom de ameaça: «Heide-te fazer *cantar a Moliana*.»

Aproximaremos todas as versões d'este romance pela ordem em que as fomos encontrando nas lições oraes ou escriptas, para se deduzir da mutua similaridade o seu indiscutivel character mythico.

2) A. — JULIANA (VERSÃO DE PERNAMBUCO)

— Deus vos salve, Juliana,
No teu estrado assentada.
« Deus vos salve, rei Dom Jóca
No teu cavallo montado.
Rei Dom Jóca, me contaram
Que tu estavas p'ra casar ?
— Quem t'o disse, Juliana,
Fez bem em te desenganar.

« Rei Dom Jóca, se casaes,
Tornaes ao bem querer,
Poderás enviuar
E tornar ao meu poder.
— Eu ainda que enviuve,
E que torne enviuar,
Acho mais facil morrer,
Do que contigo casar.
« Espera ahí, meu Dom Jóca,
Deixa subir meu sobrado,
Vou vêr um cópo de vinho,
Que p'ra ti tenho guardado.
— Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade,
Vejaes que somos parentes,
Prima minha da minha alma.

Que me deste, Juliana,
N'este copinho de vinho,
Que estou co'a rédea na mão,
Não conheço o meu caminho?
A minha mãe bem cuidava
Que tinha o seu filho vivo!
« A minha tambem cuidava
Que tu casavas commigo.
— Oh meu pae, senhora mãe
Me bote a sua benção,
Abraçe bem apertado
O meu maninho João,
Meu pae, senhora mãe
Me bote a sua benção;
Lembranças á Dona Maria,
Tambem á Dona Cellerencia.
A minha alma entrego a Deus,
O corpo á terra fria,
A fazenda e o dinheiro
Entregue a Dona Maria.
— « Cale a bocca, meu Dom Jóca,
Ponde o coração em Deus,
Que este copo de veneno
Quem te hade vingár sou eu.

— Já acabou-se, já acabou-se,
Oh flor de Alexandria!
Com quem casará agora
Aquella moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se,
Já acabou-se, já deu fim,
Nossa Senhora da Guia
Queira-se lembrar de mim.

B. — VERSÃO DO CEARÁ

Dom Jorge se namorava
D'uma mocinha mui bella;
Pois que apanhando servido
Ousou logo de ausentar-se,
Em procura de outra moça
Para com ella casar.
Juliana que isto soube
Pegou logo a chorar;
A mãe lhe perguntou:

— De que choras, minha filha?
« É Dom Jorge, minha mãe
Que com outra vae casar.
— Bem te disse, Juliana,
Que em homens não te fiasse;
Não era dos primeiros
Que as mulheres enganasse.

— « Deus te salve, Juliana,
No teu sobrado assentada!
« Deus te salve, rei Dom Jorge,
No teu cavallo montado.
Ouvi dizer, rei Dom Jorge
Que estavas para casar?
— « É verdade, Juliana,
Já te vinha desenganar.

« Esperae, rei Dom Jorge,
Deixa eu subir a sobrado ;
Deixa buscar um copinho
Que tenho p'ra ti guardado.

— « Eu lhe peço, Juliana,
Que não haja falsidade ;
Olhe que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
« Eu lhe juro por minha mãe,
Pelo Deus que me creou,
Que rei Dom Jorge não logra
Esse seu novo amor.

— « Que me deitas, Juliana
N'este seu copo de vinho ?
Estou com as redeas nas mãos
Não enxergo meu rucinho ?
Ai, que é do meu paesinho,
Por elle pergunto eu ?
Eu morro, é do veneno
Que Juliana me deu.

— Morra, morra o meu filhinho,
Morra contrito com Deus,
Que a morte que te fizeram
Ella quem vinga sou eu.

— « Valha-me Deus do céu
Que estou com uma grande dôr ;
A maior pena que levo
É não vêr meu novo amor.

C. — VERSÃO DA ILHA DE S. MIGUEL

« Deus te salve, Juliana,
Sentada no teu estrado !
— Deus te salve a ti, D. Jorge,
Em cima do teu cavallo !

« Eu venho-te convidar
 Se queres ir ao meu noivado?
 — Espera-me ahí, D. Jorge,
 Espera-me um poucachinho,
 Enquanto te vou buscar
 Uma taça com bom vinho.

« Que me deste, Juliana,
 N'esta taça com bom vinho?
 Que tenho o freio na mão,
 Não enxergo o cavallinhô?

— Ahí servirá de exemplo
 A quem o quizer tomar;
 Quem deve as honras alheias
 Comsigo ira pagar.
 « Já minha madre o sabe
 Que não tem o seu menino!
 — Já minha madre o sabe
 Que eu não tenho meu marido.

D. — VERSÃO DE TRAZ-OS-MONTES

— Apeia-te, oh cavalleiro,
 Vamos d'ahí merendar.
 « Tu que tens, oh Dona Ausênia
 Guardado para me dar?
 — Tenho vinho de ha sete annos
 Guardado para te dar.
 « Eu não sei, oh Dona Ausênia
 Se será muito guardar. .

 Dona Ausênia, Dona Ausênia,
 Que botaste a este vinho?
 — Eu botei-lhe resalgar,
 E pós de lagarto moido.

« Oh meus filhos sem ter pae,
 Minha mulher sem marido!
 — Triste de ti, Dona Ausênia
 Co'o teu credito perdido.

3) LA INNOBLE VENGANZA (VERSÃO DA CATALUNHA)

Aqui esta la Gudriana
 En su jardi delicado,
 Collintne lindas floretas
 Per su lindo enamorado.
 Mientras las estay cullendo
 Don Guespo n'es arribado.

— Deu la quart, la Gudriana!
 « Don Guespo ben arribado.
 — Domingo eu sun de bodas;
 Aqui vincho á convidarla.
 « Que se senti aqui, Don Guespo,
 En esta pedra picada,
 Tomará un bocadito
 Y en beuré una vegada.

Quant Don Guespo ho que begut
 Ya no veyá el seu caballo.
 — Que m'has dat la Gudriana,
 Que no veo mi caballo?
 « L'hi dada una medicina
 Qu'el Doctó no l'ha ordenado.
 — Si tingués papé y tintero
 Per escriure una carta
 A la triste de mi madre
 Que no'm veuré torná á casa.
 A diez horas de la noche
 Guespo malo yá n'estaba,
 A las doce de la noche
 Guespo muriendo ya n'estaba;

La punta de l'alba clara
Guespo enterrado estaba,
Ya portan la Gudriana
Que l'anavan á cremarla.

4) EL CONVITE (VERSÃO DAS ASTURIAS)

— Vengo brindado, Mariana,
Para una boda el domingo. .
« Esa boda, Don Alonso,
Debiera ser conmigo.
— Non es conmigo, Mariana,
Es con un hermano mio.
« Siéntate aqui, Don Alonso
En este escaño florido,
Que me lo dejó mi padre
Para el que case conmigo.

Se sentára Don Alonso,
Presto se quedó dormido ;
Mariana como discreta
Se fue á un jardin florido.
Tres onzas de soliman
Cuatro de acero molido,
La sangre de tres culebras
La piel de un lagarto vivo,
Y la espinilla del sapo,
Todo se la echó en el vino.

« Bebe vino, Don Alonso,
Don Alonso, bebe vino.
— Bebe primero, Mariana,
Que asi está puesto en estilo.
Mariana, como discreta,
Por el pecho lo ha vertido,
Don Alonso, como joven
Todo el vino se ha bebido.
Con la fuerza del veneno
Los dientes se le han caído.

Ella desenterrou a erva do domingo,
Ai! foi para ti, Gregorio!
Segunda feira de manhã lavou-a,
Ai! para o Gregorio!
Na terça feira ferveu a erva venenosa,
Ai! para o Gregorio!
Na quarta a peçonha estava feita,
Ai! para o Gregorio.
Quando na quinta, elle veio, já não respirava,
Gregorio, oh Gregorio!
Na sexta feira levaram-no para a cova.
Gregorio, oh Gregorio!
A mãe bateu na filha, no sabbado
Gregorio, oh Gregorio!
— Filha ruim, porque o mataste tu?
Gregorio, oh Gregorio?
« Mãe, oh mãe, a afflicção não conhece justiça;
Gregorio, oh Gregorio!
Porque é que elle fez promessas fingidas a duas raparigas,
Gregorio, oh Gregorio?
Agora, elle já não pertence nem a uma nem a outra;
Gregorio, o perfido Gregorio!
Elle sustenta-se de terra fria e humida,
Gregorio, o falso Gregorio!
Tiveste a paga que mereceste
Gregorio, falso Gregorio!
Quatro taboas e um coval estreito e negro.
Gregorio, falso Gregorio!
Que os moços saibam o que os espera,
Gregorio, oh Gregorio!
Quando dão a palavra mentida a duas donzellas,
Gregorio, oh Gregorio!
Agora a tua sorte é ser pasto dos bixos,
Gregorio, oh Gregorio!
Emquanto eu vou logrando alegrias da vida,
Gregorio, oh Gregorio!
Oh judia, vem cá, traze-me o copo de vinho,
Gregorio, oh Gregorio!
Quero entoar o canto funeral do traidor
Gregorio, oh Gregorio!

Na *Historia do Lied, ou a Canção popular na Alemanha*, Edouard Schuré, traz uma ballada de origem sueca, intitulada *A historia de Olaf*, que pertence ao mesmo thema tradicional de Juliana e Jorge (p. 106 a 108):

- 6) Olaf, de noite pela floresta cavalgava destemido,
para o convite da boda ; cantarolava divertido.

Os Elfs, dançaritando, atravessam-se-lhe no caminho,
e a rainha da selva estende-lhe a sua mão branca.

— Salve, senhor Olaf ! muito bemvindo seja !
Não foi para dansar commigo que viestes aqui ?

« Dansar ? não, eu não posso, não me apetece dansar,
Ámanhã, ao romper do dia é o meu casamento.

— Ouve lá, bello Olaf, vem dançar commigo,
Tenho duas esporas de ouro que guardo para ti.

Tenho o mais bello vestido, e o mais rico manto,
Meus dedos o teceram, e a lua os córou.

« Dansar ? não, eu não posso, eu não quero dansar,
Ámanhã, ao romper do dia devo de estar casado.

— Ouve lá, bello Olaf, vem dançar commigo
No meu verde palacio tenho um montão de ouro para ti.

« De ti um montão de ouro bem quizera acceitar,
Mas, por amor de Deus, eu não posso dansar.

— Pois então, tu recusas-te a dansar commigo ?
Que sem demora a morte vá contigo na garupa.

Ella levanta o braço e toca-lhe sobre o coração.
« Meu Deus, que senti eu ? Meu Deus, que dor !

E depois collocando-o pallido sobre o seu cavallo :
— Vae dansar ámanhã com tua amada no baile.

E quando elle chegou ao limiar do seu castello
Sua mãe o esperava, e lhe disse logo :

— Meu filho, o que é que tens? Filho, metes-me medo.
Porque trazes os olhos tão baços? de que é essa pallidez?

« Socegue, minha mãe! minha mãe, não tenha medo,
Uma lfe das florestas me bateu sobre o coração.

— Deita-te, filho querido; seja o teu somno socegado,
Á tua noiva, ai! o que é que lhe contaremos?

« Dizei-lhe que eu cavalgo por montes e por valles,
Que experimento na caça os meus cães e cavallos.

Elle deitou-se e dormiu. Ao romper da alvorada
Chegou a noiva, já pelo caminho cantando.

— « Que é isto? choraes, mãe? o que tendes? dizei-m'o.
Porque é que o meu amado não está ao pé de ti?

— Oh filha, elle cavalga por montes e por valles,
Experimenta na caça os seus cães e os cavallos.

A donzella levantou a coberta bordada a ouro,
E o senhor Olaf estava ali pallido e morto.

Nos Cantos populares da Escossia, ha um com o titulo *Lord Randal*, que é o mesmo thema da *Juliana e Jorge*:

7) — Onde estiveste, lord Randal, meu filho? Onde é que estiveste, meu lindo rapaz.

« Andei pelo bosque, minha mãe; fazej-me a cama depressa, pois que venho cansado da caça, e preciso deitar-me.

— Onde é que jantaste, lord Randal, meu filho? Onde é que jantaste, meu lindo rapaz?

« Jantei em casa da minha fiel amada, minha mãe; arranjae-me a cama depressa, porque venho cansado da caça, e preciso bastante deitar-me.

— O que é que tu comeste ao jantar, lord Randal, meu filho? Que foi que comeste ao jantar, meu lindo rapaz.

« Comi enguias cosidas, minha mãe; arranjae-me a cama depressa, porque venho cansado da caça e preciso bastante deitar-me.

— Que é dos teus cães, lord Randal, meu filho? Que é feito dos teus cães, meu lindo rapaz?

« Elles incharam e morreram, minha mãe; arranjae-me a cama depressa, pois que eu venho cansado da caça, e bem preciso deitar-me.

— Oh! desconfio que estás envenenado, lord Randal, meu filho! Receio que estejas envenenado, meu lindo rapaz.

« Oh, sim, eu estou envenenado, minha mãe. Arranjae-me a cama depressa, porque estou a arder por dentro, e preciso deitar-me.

Walter Scott, *Cantos populares das fronteiras meridionaes da Escossia*, t. III, p. 252. Trad. Artaud.

Aproxima-se mais da versão sueca este outro canto da Escossia, *Lord William*:

8) « William era o mais destemido cavalleiro, que a bella Escossia alimentava; e, ainda que afamado em França e Hespanha, caiu sob a mão de uma dama.

« Passeava sósinha uma donzella na orla d'esta floresta sombria, quando ella ouviu telintar umas rédeas; e desejou que este ruido fosse signal de uma aventura feliz.

« — Vem a meus braços, meu caro William, sê o bem vindô na minha casa; ali terás boa meza, vasta lareira e archotes em barda.

« — Eu não quero parar, não me atrevo a parar; não quero ir a teus braços: uma donzella mais linda do que tu dez vezes espera-me em Castlelaw.

« — Mais linda do que eu, Willie! donzella mais linda dez vezes do que eu, isso nunca viram os teus olhos.

« Inclinou-se sobre a sella para abraçal-a antes de partir; e com um punhalsinho muito agudo, ella lhe atravessou o peito.

« — Galopa, galopa, sir William, galopa, crava ambos os acicates; a tua linda menina de Castlelaw desespera de te não vêr chegar.

« Então fallou um bello passaro no alto de uma arvore: — Para que mataste este senhor tão nobre? Elle vinha para te desposar... (1)

(1) Chants populaires de l'Écosse, III, 234.

No resto do canto a donzella esconde o corpo do assassinado no seu aposento e só ao fim de um anno é que o disse á dama que a servia, deitando ambas o cadaver a uma corrente larga e profunda onde se sumiu.

9) (VERSÃO DA BRETANHA FRANCEZA)

—J'ai fait un rêve cette nuit
Que m'amie était morte,
Sellez, bridez-moi mon cheval,
Que j'aïlle voir m'amie.

Son cheval il s'est arrêté
Près d'un buisson de rosés.
De trois l'amant prit le plus beau
Pour donner à s'amie.

— Tenez, belle, prenez mon coeur,
Ce beau bouton de roses
La bell', je viens vous convier
De venir à mes noces.
La bell', la bell', si vous m'aimez
Ne changez pas de robes.
La première est de satin blanc,
L'autre est de satin rose.
La troisième est de beau drap d'or
Pour fair'voir qu'elle est noble.

Du plus loin qu'on la voit venir
« Voici la mariée !
— La mariée point ne la suis,
Je suis la délaissée.

L'amant vient, la prend par la main,
Et la mène à la danse
Après le quatrième tour
La belle est tombée morte.

Elle est tombée du côté droit
L'amant du côté gauche.
Tous les gens qui étaient présents
S'disaient les uns aux autres :

« Voilà le sort des amoureux
Qui en épousent d'autres. (1)

O nome de Jorge conserva a reminiscencia ligada ao typo de *S. Jorge e da Donzella*, que em Portugal apresenta os caracteres do mytho solar; o parentesco com a donzella é a relação do Sol com a Aurora; a circumstancia do cavallo define melhor o aspecto solar, que vae festejar o seu casamento no Domingo, dia consagrado ao Sol. É á meia noite, que Don Guespo succumbe, e enterrado ao despontar da alvorada, quando prevalece o crepusculo matutino. Nas versões da poesia do norte define-se melhor o caracter da amante; a cara trigueira, de olhar fatal, é o crepusculo vespertino, e o cavalleiro, que atravessa a floresta escura é seduzido pelo elf e encontrado morto pela noiva que o vem procurar de madrugada. Uma simples aventura romanesca de rivalidade amorosa não podia encontrar uma tão vasta idealisação; essa extensão nas tradições das Asturias e Catalunha; de Traz-os-Montes, ilha de S. Miguel, Ceará e Pernambuco, da Ukrania, da Suecia, da Escossia e da Bretanha, leva-nos á inferencia da constante elaboraço de um mytho.

THEOPHILO BRAGA.

(1) J. J. Ampère, nas *Instructions relatives au Recueil de Poesies populaires de la France* traz este canto colligido na Bretanha pelo Dr. Roulin.

NOTAS

SOBRE A LINGUAGEM VULGAR DO PORTO (1)

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal.

CAMÕES, *Lus.*, VI, 52.

Nô nosso país, pelo que respeita á linguagem litteraria, não ha só incertezas e hesitações na orthographia, ha-as tambem quando se falla; ainda assim, a lingua escrita é mais uniforme que a oral. Num é noutro caso ha certos typos communs. Com relação á falla, tem-se, por exemplo, como culto pronunciar o *s* e o *z* á maneira do Porto (para a gente do Norte e de parte do centro do país), ou á de Lisboa (para a gente do Sul e do restante do país) em vez do *s* e *z* reversos, não confundir o *v* com o *b*, dizer *al*, *el*, etc. por *áur*, *éur* (minhotos), dizer *-ã* e *-ão* por *-ão* e *-óum* (id.), etc.; ainda assim, se uma pessoa bem educada nunca em caso algum dirá *v* por *b*, *áur* e seus congeneres, por *al*, etc., não raro porém á gente do Norte se ouve o *s* reverso e o *b* por *v*, mesmo falando quanto ao resto com perfeição litteraria. Certos sons, como é por *ei* (meridional), que não devem

(1) D'este artigo far-se-ha uma edição separada em volume, com o titulo de *Dialectos interamnenses*, IX (Linguagem vulgar do Porto),— como continuação de outros artigos que com aquelle titulo tenho publicado na *Revista de Guimarães*, d'onde tambem se fizeram edições em separado. Indico isto por causa das citações e referencias bibliographicas dos meus artigos ulteriores.

*

ocorrer na linguagem culta, e que destoam completamente do que se passa nos dialectos septentrionaes, ouvem-se tambem uma vez ou outra no extremo Sul (Alemtejo e Algarve) ás pessoas instruidas; assim, em pleno parlamento, ouvi uma vez um deputado alemtejano dizer *ribêra* (= ribeira).

Em summa: postoque a lingua escrita represente um padrão, notam-se quasi sempre na pronúncia influencias locais. De modo que muitas das particularidades provincianas não são apenas populares, pertencem juntamente ás pessoas civilizadas. A regra geral é ésta: quando essas particularidades não destoarem muito do que se escreve ou do que se tem como norma, não se evitam. Todo o bom portuense dirá, por exemplo, embora inconscientemente, *Puôrto*, *müôrto*, etc., e substituirá com facilidade o *b* ao *v*, dizendo *binho*, etc.; a mim mesmo, que não sou do Porto, e pertença a uma região dialectal onde o *ô* se não ditonga em *uô*, já no fim dos dez annos que vivi naquella cidade, e apesar da natureza dos meus estudos, os ouvidos da gente do Sul me notaram ás vezes tal pronúncia. Vê-se d'aqui como a linguagem é em grande parte extremamente automatica.

O estudo dos dialectos tem pois maior significação do que parece á primeira vista, porque nelles não se encerra só a linguagem estrictamente popular.

É certo que, ao lerem isto que estou escrevendo, muitas pessoas, d'aquellas proprias que dizem *Puôrto* e *binho*, hão-de negar a minha affirmação, porque nestas questões de linguagem o hábito inveterado de escrever de certo modo, e o cuidar-se que se diz tambem de tal ou qual maneira, não deixam reflectir nos sons que realmente se pronunciam: mas nem por isso o que digo é menos verdadeiro. Já uma occasião me aconteceu notar eu na pronúncia de um meu condiscipulo beirão o *s* especial da sua terra (*š*), e elle, que tinha mais vaidade do que prática

de observar, responder-me enfurecido: *não ſinhor, não ſinhor...*, proferindo ao mesmo tempo, inconscientemente, e com grande emphase, o tal *s!*

Interessa por muitos motivos o estudo dos dialectos populares: em primeiro lugar interessa á linguística, porque elles, alem de serem boa e regular linguagem, fallada pela maioria da população do país, e cujas relações com o latim e as outras linguas importa conhecer, dão ás vezes grande luz ás questões da linguagem litteraria, que não raro só por elles em muitos pontos se explica; em segundo lugar interessa á psychologia e á glottologia geral, porque, tendo elles desenvolvimento mais livre e mais espontaneo do que a lingua culta, que está em parte muito subordinada á tradição litteraria, e sujeita, no estylo, no vocabulario, e ainda na syntaxe, aos caprichos dos escriptores de fama, podem então as leis vivas da linguagem ser mais facilmente surprehendidas na sua acção; em terceiro lugar interessa á anthropologia, porque, do mesmo modo que a constituição geologica, a flora, a fauna, o clima caracterizam physicamente uma região, os dialectos, como os costumes, o typo anatomico, as aptidões estheticas, intellectuaes e moraes, as tendencias morbidas, caracterizam de certo modo as populações que se servem d'elles; por último, ainda o seu estudo aproveita aos tribunaes para a averiguação da identidade de pessoa, aos criticos para a determinação da procedencia de certos escritos, e aos romancistas, dramaturgos e folhetinistas, que a cada passo põem nos labios dos seus personagens o fallar do povo.

Estas considerações, postoque summarias, e sem exemplificação, justificam o vir eu occupar-me aqui da linguagem vulgar do Porto, — com quanto o que principalmente me mova a tal estudo seja a necessidade que tenho de conhecer por meudo, e classificar, todos os nossos idiomas locaes, para organizar por completo um dia a

Dialectologia Portuguesa, que absorve ha alguns annos grande parte da minha actividade.

Sobre a linguagem vulgar do Porto, além de uma ou outra observação isolada, devida a este ou áquelle investigador, não existe, que eu saiba, nenhum trabalho especial, a não ser um pequeno artigo publicado pelo Sr. Soeiro de Brito in *O Elvense*, n.º 151, de 9 de Julho de 1882, com o titulo de *Carta da Foz do Douro*, III. O auctor não pôs a mira em fazer um artigo philologico, e sim sòmente em apresentar ligeiras considerações a correr, como *dilettante*; por isso não devo sujeitá-lo á critica: senão eu diria que quasi todas as suas observações são inexactas ou mal expostas. Desejo porém tocar num ponto. Diz o Sr. Soeiro de Brito: « Talvez pela grande affluencia de gente vinda do Brazil, de Inglaterra e outras partes, nestas terras as inflexões são diversas das do resto do país, e os sons por vezes emittidos com uma falta de pureza que faz lembrar a lingua britannica ». Uma das questões mais difficeis da glottologia é determinar as causas primeiras das mutações phoneticas; todavia as pessoas estranhas ao assumpto julgam a este proposito com a maior facilidade. Evidentemente o Sr. Soeiro de Brito não poderia provar a sua affirmação, porque todos os sons da linguagem do Porto se manifestam, quer isoladamente, quer em grupos mais ou menos extensos, nos diversos pontos do país. Não pareça isto contradicção com asseverar eu adeante que o *e* do ditongo *ei* e *em* (*œi*, *œi*) se aproxima do *a* inglês de *bad* e *man*; se fallei aqui no inglês foi a titulo de comparação, e não porque eu reconhecesse ao som portuense origem britannica. Tambem se podia dizer que o som *ch* do Norte está proximo do do *c* italiano antes de *e* e *i*, e ninguem supporia que elle viesse de Italia. Ha em todas as linguas muitos sons iguaes ou parecidos que tem origem differente. Por tanto ás palavras do Sr. Brito oppo-
nho eu a seguinte proposição: NEM NA PHONETICA, NEM NA

MORPHOLOGIA, NEM NA SYNTAXE, HA NA LINGUAGEM PORTUENSE UM UNICO PHENOMENO QUE POSSA ATTRIBUIR-SE A INFLUENCIA BRAZILEIRA OU INGLESÁ. Com relação mesmo ao vocabulário, que é cousa perfeitamente externa e accidental, não conheço factos que demonstrem que no Porto a proporção dos vocabulos de origem estrangeira seja maior do que no demais Portugal.

Eu quisera no presente escrito offerecer aos leitores maior número de considerações, tanto mais que tenho pela cidade do Porto o affecto que se tem por uma segunda patria; mas, sendo-me preciso organizar estas notas á pressa, para satisfazer o pedido da redacção da *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro*, foi-me impossivel ser mais extenso por agora, e só noutra occasião completarei o estudo. Como porém vou em breve publicar um longo artigo sobre a linguagem de Guimarães, a qual tem intimas relações com a do Porto, fica em parte attenuada essa falta.

A) PHONETICA

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA

1. O *s* do Porto differe do de Lisboa, e é exactamente igual ao que eu ouvi a um natural do concelho de Olivença, provincia de Badajoz, em palavras taes como *soy*, *santo*, etc. Na minha *Evolução da linguagem*, Porto 1886, pag. 28-29, descrevi este som como uma *lingual dorso-apical, gingival superior, dental inferior*, i. é, como um som que se obtem tocando com o extremo dorsal da lingua nas gingivas superiores, e a ponta nos dentes in-

feriores. Ao *s* corresponde a sonora *z* (1). O *s* e o *z*, que, para commodidade representarei aqui por *ç* e *z*, só tem este som quando iniciaes e mediaes. O *s* e *z* finaes e antes de consoante surda, excepto *ch*, parece-me serem o *s* beirão attenuado, que aqui represento por *š*; antes de consoante sonora, excepto *j* e *rr*, parece-me serem o *z* beirão, tambem attenuado, que aqui represento por *ž*: assim temos *çá*, *pásta*, *nóš*, *nóço* (=nosso), e *zánga*, *cáza*, *páš* (=paz) (2). Antes de *ch*, *j* e *rr*, o *s* e *z* finaes confundem-se com o som seguinte. Antes de *s* porém não posso dizer agora se ha assimilação geral, se não; apenas posso dizer que a algumas pessoas cultas do Porto tenho ouvido pronunciar *aš. çálas* (=as salas).

2. As vogaes são gutturalizadas, ao contrário do que succede no Sul; ésta gutturalização, augmentada da abertura da vogal, dá a certas nasaes um tom mui esquisito para os ouvidos meridionaes.—Cfr. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue port.*, pag. 9, nota.

3. O ditongo *ou*, quer oral, quer nasal, é aberto, i. é, pronuncia-se *òu*. Cfr. § 7-a.

4. O ditongo *ei*, quer oral, quer nasal (representado neste caso na lingua litteraria por *-em*), parece ter um som especial, comprehendido entre *éi* e *âi*, onde o som do *e* se aproxima do do *a* na palavra inglesa *man*, *bad*,

(1) Tanto o *s* como o *z*, em virtude do íntimo apêrto dos orgãos factores, produzem grande sibillo, que se torna muito sensível ás pessoas estranhas á pronuncia portuense.

(2) Nos dois casos digo *parece-me*, porque talvez sejam *x* e *j* attenuados,—em todo o caso *x* e *j* diversos dos de Lisboa nas mesmas condições. Esses sons são difficeis de precisar, e eu não pude fazer ainda a observação completa.

etc. Este som não é especial ao Porto. Representando-o por α , temos assim *r α i* (=rei), *b α i* (=bem), *ónt α i* (=ontem), etc. — Também Barbosa Leão, nos *Elementos de grammat. port.*, Porto 1886, pag. 97, se aproxima da verdade quando escreve: «... o ditongo de *mãi* é um, e o de *bem* é outro» (pag. 97); mas elle imaginava que em *bem* era *êi* nasal, o que não é. Este som *êi* nasal só se manifesta no Sul. — Cfr. adiante.

5. O *p* é levemente aspirado em *p \check{h} ena*, *p \check{r} encípio* (o segundo *p*), *óp \check{h} io*, etc.

Nota. Por commoidade typographica não noto estes diversos sons com signaes proprios, mas fique sabido que *em* final vale αi , que *ei* vale αi , e o ζ e o z , bem como o *s* final e antes de consoante conforme as posições, tem os valores assignalados no § 1.

(*Continúa*).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

LISTE DES ODONATES DU PORTUGAL

ET NOTE CRITIQUE SUR LES

Onychogomphus Genei, SELYS et *Hagenii*, SELYS

Depuis plusieurs années je réuni des Odonates de tous les points du territoire portugais, dans le but de publier un travail étendu sur leur distribution géographique. Le résultat de ces recherches, que je crois pouvoir considérer comme à peu près complet, paraîtra bientôt, mais je crois utile de publier déjà, quand ce ne serait que pour prendre date, la liste des espèces qui habitent notre pays, et je profite de l'occasion pour faire connaître une des plus intéressantes l'*Onychogomphus Genei*.

Je dois la découverte de cette espèce à un des mes plus zélés correspondants mon regretté ami M. Antonio Guimarães, aide-naturaliste au Muséum, qui m'en a adressé un couple de Coruche en 1883. Cet envoi fut bientôt suivi de plusieurs autres, mais comme l'étude des *Onychogomphus* de ce groupe est très difficile et que je manquais de types de comparaison j'ajournai leur étude. Récemment M. le Prof. Achilles Costa ayant eu l'extrême obligeance de me communiquer un des mâles types de son *Gomphus excelsus* de Sardaigne je suis en demeure de publier mes observations sur la rare Gomphine portugaise, intéressante addition à la faune de la Péninsule.

Section Zoologique du Muséum — Ce 10 Septembre 1890.

I.—LISTE DES ODONATES DU PORTUGAL

Un très petit nombre d'auteurs s'est jusqu'à présent occupé des odonates de la Péninsule; en réunissant toutes leurs citations relatives au Portugal on ne trouve mentionnées que 40 espèces dont trois doivent certainement être retranchées, ce sont *Lestes macrostigma*, *Erytroma najas* et *Platicnemis pennipes*. Aux 37 espèces restantes que j'ai toutes retrouvées, mes recherches me permettent d'en ajouter 12, ce qui porte à 49 le nombre total des espèces authentiques de notre pays. Dans la liste suivante j'ai marqué d'un astérisque (*) les espèces que l'on a aussi signalées en Espagne et du signe ‡ celles que j'ai récemment découvertes.

FAM. I. LIBELLULIDÆ

SUB-FAM. I. LIBELLULINÆ

- ‡ * *Diplax vulgata*, L.
- * » *striolata*, Charpentier
- * » *meridionalis*, Selys
- * » *Fonscolombii*, Selys
- * » *flaveola*, L.
- ‡ * » *sanguinea*, Müller
- * *Libellula depressa*, L.
- ‡ * » *quadrimaculata*, L.
- * *Libella cærulescens*, Fab.
- * » *brunnea*, Fonscolombe
- ‡ * » *nitidinervis*, Selys
- ‡ * » *barbara*, Selys
- ‡ * » *cancellata*, L.
- * *Crocothemis erythrœa*, Brull.

SUB-FAM. 2 CORDULINÆ

- * *Oxygastra Curtisii*, Dale.

FAM. II. ÆSCHNIDÆ

SUB-FAM. I. GOMPHINÆ

- ‡ * *Onychogomphus uncatatus*, Chp.
 * » *forcipatus*, L.
 ‡ * » *Genei*, Selys
 * *Gomphus simillimus*, Selys
 * » *pulchellus*, Selys
 » *Graslinii*, Ramb.
 * *Cordulegaster annulatus*, Latr.

SUB-FAM. 2. ÆSCHNINÆ

- * *Anax formosus*, v. d. Linden
 * *Aeschna cyanea*, Latr.
 » *juncea*, L.
 * » *mixta*, Latr.
 * » *affinis*, v. d. L.
 ‡ » *rufescens*, v. d. L.
 * *Fonscolombia irene*, Fonsc.

FAM. III. AGRIONIDÆ

SUB-FAM. I. CALOPTERYGINÆ

- * *Calopteryx virgo*, L.
 * » *splendens*, Harris
 * » *hæmorrhoidalis*, v. d. L.

SUB-FAM. 2. AGRIONINÆ

- * *Lestes viridis*, v. d. L.
- * » *nympha*, Selys
- * » *virens*, Chp.
- * » *barbara*, F.
- * *Sympicna fusca*, v. d. L.
- * *Platycnemis acutipennis*, Selys
- ‡ » *diversa*, Rbr.
- * » *latipes*, Rbr.
- * *Pyrrhosoma minium*, Harris
- * » *tenellum*, De Villers
- * *Ischnura Graellsii*, Rbr.
- * *Enallagma cyathigerum*, Chp.
- ‡ * *Agrion pulchellum*, v. d. L.
- * » *puella*, L.
- ‡ * » *cærulescens*, Fonsc.
- * » *Lindenii*, Selys.

Cette liste montre qu'à l'exception de cinq, toutes nos espèces ont déjà été signalées en Espagne et qu'au point de vue des Odonates notre pays ne présente aucun facies caractéristique. Par contre l'ensemble de la Péninsule forme peut-être une des faunes les mieux caractérisées de l'Europe.

Aux espèces déjà citées pour l'Espagne il faut ajouter :

- Diplax pedemontana*, All.
- Libella albystila*, Selys
- Urothemis advena*, Selys
- Brachytron pratense*, Müll.
- Lestes macrostigma*, Eversman
- Platycnemis pennipes*, Pallas
- Ischnura pumilio*, Chap.
- » *elegans*, v. d. L.

et deux espèces douteuses, *Erythromma najas* et *Platycnemis pennipes*, ce qui porte à 57 le chiffre total des espèces Péninsulaires. Quand on considère cependant la situation géographique, la variété de climats et l'extension de l'Espagne, on a lieu de croire ce chiffre bien au dessous de la vérité quand l'Italie renferme 85 espèces, la France 74 et la Belgique 61.

De ces 57 espèces, une seule *Urothemis advena*, est spéciale à l'Espagne; deux *Libella nitidinervis* et *Onychogomphus Genei*, ne se retrouvent en Europe qu'en Sicile ou en Sardaigne, et deux autres *Libella barbara* et *Ichnu-ra Graellsii*, ne se retrouvent pas en Europe, mais sont communes avec l'Algérie.

II.—NOTE SUR L'ONYCHOGOMPHUS, Genei

L'*Onychogomphus Genei* forme avec les *O. Hagenii*, Selys et *pumilio*, Rbr. un groupe très naturel dont les espèces sont très difficiles à distinguer, ceci tenant d'une part à ce que quelques caractères disparaissent presque par dessiccation, d'une autre part au petit nombre d'échantillons étudiés et en troisième lieu à ce que les deux sexes ont été pris isolément.

On a longtemps ignoré quel était le vrai mâle du *G. Genei* ♀ décrit par De Selys en 1841. Sa découverte en Sardaigne en 1882 par le professeur A. Costa, un an avant que je l'ai reçu du Portugal, est venue combler un grand desiderata des entomologistes.

M. de Selys n'a décrit que la femelle du *G. Genei* et M. Costa n'a publié qu'une diagnose du mâle, et il me paraît indispensable de donner la description complète des individus du Portugal, que j'ai précédée de la synonymie

de toutes les espèces avec lesquelles on a confondu le *G. Genei*, ce qui fera sentir tout l'intérêt que présente la Gomphine portugaise.

BIBLIOGRAPHIE

DES

Onychogomphus Hagenii, Selys, **Genei**, Selys et **pumilio**, Rbr.

1817.—Savigny, J. C.—*Description de l'Égypte; Névropt.*
pl. I, fig. 13 ♂; fig. 14 ♀.

L'auteur figure deux individus de ce groupe sans les nommer.

1838.—Burmeister—*Handbuch der Entomologie; Zweiter Band*, p. 832.

Burmeister rapporte les figures précédentes au genre *Diastotoma*.

1841.—Selys Longchamps, E. de.—*Nouvelles Libellulidées d'Europe*; Rev. Zoologique, p. 246.

L'auteur donne le signalement d'une Gomphine femelle qu'il a examinée au Musée de Turin, lors d'un voyage en Italie et qui a été recueillie en Sicile par Victor Ghiliani. Il la nomme *Gomphus Genei* en supposant que le mâle doit appartenir à la Section du *Gomphus unguiculatus*.

1842.—Rambur, *Hist. Nat. des Insectes Névroptères*.

Le *Gomphus pumilio* est décrit d'après un individu mâle d'Égypte de la coll. du Mus. de Paris; Rambur rapporte à cette espèce le couple figuré par Savigny.

1850.—Selys Longchamps, E. de et Hagen, H. — *Revue des Odonates ou Libellules d'Europe*; pp. 101 et 384.

Dans ce traité classique des Odonates on trouve d'abord avec peu de différence la caractéristique du *G. Genei* ♀ publiée en 1841 et à l'appendice à cet ouvrage une description complète du même individu. M. Hagen, collaborateur de M. de Selys croit pouvoir rapporter au *G. Genei* une femelle reçue d'Égypte qui se trouve au Mus. de Berlin.

1854.—Selys Longchamps, E. de—*Synopsis des Gomphines*, p. 17.

Dans cet ouvrage qui est le Prodrômus de la monographie l'auteur maintient les *O. Genei* et *pumilio* et assigne pour patrie au premier la Sicile (Mus. de Turin) et l'Égypte d'après un couple existant au Mus. de Berlin.

1858.—Selys Longchamps, E. de et Hagen, H.—*Monographie des Gomphines*, Mém. Soc. Roy. Sc. Liège.

M. de Selys, tout en reconnaissant que l'*O. pumilio* diffère à peine de l'*O. Genei* de Sicile, maintient ces deux espèces; l'*O. Genei* étant connu par la femelle prise en Sicile et le couple d'Égypte; l'*O. pumilio* par un mâle type incomplet du Mus. de Paris, par deux individus pris en Égypte (coll. Selys), par un mâle de Chartum (Alyssinie) recueilli par Müller, par plusieurs rapportés de la même contrée par le Dr. Ruppell et par d'autres provenant d'Égypte et se trouvant au Mus. de Berlin.

M. Hagen figure en outre l'extrémité abdominale et les organes génitaux des deux espèces; pour l'*O. Genei* d'après le couple d'Égypte (fide Selys, Odon. Alg., p. 9).

1871.—Selys Longchamps, E. de.—*Nouvelle Révision des Odonates de l'Algérie*; — Ann. Soc. Ent. de Belg., tom. XIV, p. 9.

Une Gomphine recueillie à Oïan par M. C. Van-Volxem est considérée par l'auteur comme le vrai mâle de l'*O. Genei*. M. de Selys le décrit, figure les appendices et reconnaît qu'il a réuni à tort à la femelle de Sicile le couple d'Egy-

pte examiné par M. Hagen et propose de le nommer *Hagenii*, en remarquant qu'il est extrêmement voisin du *pumilio* dont il se sépare par de légères différences.

1873.—Selys Longchamps, E. de.—3^{èmes} additions au *Synopsis des Gomphines*.

L'auteur caractérise de nouveau les *O. Genei* et *Hagenii*; le *Genei* d'après le mâle d'Oran et la femelle de Sicile. *Hagenii* d'après le couple du Musée de Berlin, en remarquant qu'il est tellement voisin du *pumilio* qu'on ne peut l'en séparer que par des caractères très minutieux qui font croire à M. Hagen que ces deux espèces sont distinctes. Dans l'appendice, sur la liste des Gomphines connues, l'*O. Hagenii* est indiqué « Race de *pumilio*? »

1876.—Brauer, F.—*Die Neuropteren Europa's und insbesondere Oestereich mit Rücksicht auf ihre geographische verbeitung*. Wien.

L'*O. Genei* est cité d'Italie (Turin) et d'Oran.

1878.—Selys Longchamps, E. de.—4^{èmes} additions au *Synopsis des Gomphines*.

M. de Selys dit avoir reçu un mâle de l'*O. Hagenii* de Beyrut (Asie mineure) Dr. Standinger, en avoir examiné un autre de l'Abyssinie (coll. Mc Lachlan) et que le Dr. Hagen l'a reçu de Syrie communiqué per Lederer. L'examen de ces indiv. le conduit à considérer l'*O. Hagenii* décidément distinct du *pumilio*,

1879.—Pirota, Romualdo.—*Libellulidi Italiani*.

Dans cet excellent mémoire l'auteur cite l'*O. Genei* de Turin? et de Sicile, et il fait remarquer que M. Brauer a certainement signalé par erreur cette espèce de Turin et non de Sicile, parceque l'exemplaire unique trouvé en Sicile est au Mus. de Turin.

1883.—Costa, Achille.—*Notizie ed osservazioni sulla Geofauna Sarda*; memoria seconda.

En publiant ces intéressantes recherches sur la faune terrestre de la Sardaigne, M. Costa décrit une Gomphine nouvelle le *G. excelsus*, Costa recueillie par lui en Mai et Juin 1882. En Sept. de l'année précédente l'auteur avait déjà signalé une femelle de cette rare espèce.

1885.—Selys Longchamps, E. de.—*Rectification concernant l'O. Genei*; Compt. R. Ent. Belg. xxix, p. cxlvi.

M. de Selys ayant examiné un couple du *G. excelsus*, Costa reconnaît que la femelle est identique avec le type ♀ de Sicile de l'*O. Genei* et que le mâle qui y appartient certainement était inconnu jusque là, tout au moins comme exemplaire européen.

Il propose d'appeler *O. Costæ*, Selys l'exemplaire d'Oran considéré à tort comme le mâle du *Genei* de Sicile et reconnaît que l'*O. Hagenii* est très voisin des types de Sardaigne dont il est peut-être une simple race locale.

En réunissant toutes ces données la synonymie de ces *Onychogomphus* doit être établie ainsi:

ONYCHOGOMPHUS GENEI (SELYS)

- 1841.—*Gomphus Genei*, ♀ Selys, *Nouv. Libell. Europe*, l. c., p. 246.
 1850.—*Gomphus Genei*, ♀ Selys, *Rev. Odonates*, pp. 101 et 384.
 1854.—*Onychogomphus Genei*, ♀ (pars) Selys, *Synopsis des Gomphines*, p. 17.
 1858.—*Onychogomphus Genei*, ♀ (pars) Selys, *Monogr. des Gomphines*, l. c., p. 311.

- 1873—*Onychogomphus Genei*, (pars) ♀ Selys, 3^{èmes} add.
Syn. Gomph. p. 9.
- 1883—*Gomphus excelsus*, ♂ ♀ Costa, *Geo-fauna Sarda*,
mem. 2.^a, p. 89.
- 1885—*Onychogomphus Genei*, Selys. *Rectif.*, l. cit., p.
CXLVI.

Extens. géog.—1 ♀ Sicile (V. Ghiliani) Mus. de Turin
3... ♀... Siliqua, Nuoro, Env.^s Oristano
(Sardaigne) en Mai, Juin, Septembre
(A. Costa).

ONYCHOGOMPHUS HAGENII, SELYS

- 1850— — — ♀, Selys, *Rev. Odonates*, p.
384 (citation).
- 1854—*Onychogomphus Genei* ♂; ♀ (pars) Selys, *Syn.*
Gomph., p. 17.
- 1858—*Onychogomphus Genei* ♂: ♀ (pars) Selys, *Mon.*
Gomph., l. c., p. 311.
- 1871—*Onychogomphus Hagenii*, Selys *Nouv. Rév. Od.*
Algérie, l. c., p. 15 (rectification).
- 1873—*Onychogomphus Hagenii*, ♂, ♀ Selys, 3^{èmes} add.
Syn. Gomph. p. 11.
- 1878—*Onychogomphus Hagenii*, Selys, 4^{èmes} add. *Syn.*
Gomph., p. 21.

Extens. géog.—

- 1 ♂, 1 ♀—Egypte (Mus. de Berlin).
1 ♂,—Abyssinie (Coll. Maclachlan)
1 ♂—Beyrut (Syrie) Dr. Staudinger (Coll. Selys).
?—Syrie, Lederer (Coll. Hagen).

ONYCHOGOMPHUS PUMILIO (RBR.)

- 1817— — — — — ♂ ♀, Savigny, *Descript. Egypte, Névropt.*, pl. 1, fg. 13 et 14.
 1842—*Gomphus pumilio*, ♂, Rambur, *Hist. Névropt.* p. 154.
 1854—*Onychogomphus pumilio*, ♂ ♀ Selys, *Syn. Gomph.*, p. 18.
 1858—*Onychogomphus pumilio*, ♂ ♀ Selys, *Monogr. des Gomph.*, l. c., p. 314.

Extens. géog.—1 ♂, Egypte (Mus. Paris).
 2 ? (id.) (coll. Selys).
 1 ♂ Chartum, Abyssinie (coll. Selys).
 ♂... (Abyssinie) Dr. Ruppell.
 ?... Egypte (Mus. Berlin).

ONYCHOGOMPHUS COSTÆ, SELYS

- 1871—*Onychogomphus Genei*, ♂ Selys, *Nouv. Rev. Od. Algérie*, l. c., p. 14.
 1873—*Onychogomphus Genei* (pars) ♂, Selys, 3.^{èmes} add. *Lyn. Gomph.*, p. 9.
 1885—*Onychogomphus Costæ*, Selys, *Rectification Onyc. Genei*, l. c., p. CXLVI (Rectification).

Extens. géog.—1 ♂ Oran (Cam. V. Volxem), Coll. Selys.

ONYCHOGOMPHUS GENEI, SELYS DU PORTUGAL

DESCRIPTION

♂ ADULTE (D'APRÈS 11 INDIVIDUS)

TÊTE—Lèvre inférieure gris-perle; supérieure blanche légèrement verdâtre, à peine roussâtre à la base sur les côtés.

Face et front vert-gai; front proéminent, échancré, un peu déprimé au centre, ayant à la base devant les antennes, une bande brune, étroite, sinueuse, interrompue au milieu.

L'espace des ocelles et celles-ci, noir.

Vertex et occiput jaunes, séparés par une impression un peu roussâtre. Occiput plat; lame presque droite, légèrement garnie de poils jaunâtres, courts, présentant sur deux individus une petite dent noirâtre de chaque côté, et sur trois autres une seule d'un côté.

Yeux gris-verdâtre; postérieurement jaune légèrement lavés de roussâtre.

PROTHORAX—Jaunâtre, brun noir au-milieu et un peu sur les côtés, bord postérieur un peu élevé, arrondi, non échancré.

THORAX—Vert comme le front, tirant sur le jaune postérieurement, et en dessous lavé de jaune un peu roussâtre et marqué de plusieurs traits d'un brun clair.

Les bandes bien visibles d'un roux ferrugineux. Médianes à peine séparées par l'arête verdâtre, étroites postérieurement, arquées en dehors, très larges antérieure-

ment ou elles sont confluentes avec les anté-humérales. Celles-ci un peu sinueuses, assez épaisses, assez rapprochées des humérales jusqu'aux deux tiers de leur hauteur, où elles tendent à leur envoyer un petit prolongement, puis s'en écartant et s'amincissant pour se joindre aux médianes et renfermer un espace allongé. Humérales droites, épaisses, touchant par en bas les anté-humérales. 1.^{ère} latérale réduite à un vestige inférieur, noirâtre, 2.^{me} complète, presque aussi large que l'humérale, 3.^{me} nulle. Toutes trois réunies en dessous par une bande flexueuse noirâtre.

Attaches des ailes marquées de noir.

AILES—Hyalines, quelques fois très légèrement lavées de jaunâtre le long du bord costal à reticulation noire.

Costale jaune pâle en dehors jusqu'au pterostigma qui est grand, un peu dilaté, jaune-vert, entre deux nervures noires très épaisses, et largement bordé de noirâtre antérieurement.

Deux rangs de cellules postrigonales aux quatre ailes, précédés presque toujours de trois cellules aux inférieures, très rarement aux supérieures. Bord anal très excavé, denticulé dans l'excavation. Angle droit.

Membranule blanche, presque nulle.

PIEDS courts. Fémurs jaune-vert à épines noires, fortes, très courtes. Les 4 postérieurs noirs en dedans. Sur les quatre antérieurs extérieurement une bande rousse, sur les postérieurs trois lignes brunes dont deux plus au moins réunies. Tibias jaunes en dehors, noirs en dedans, à épines longues noires. Une ligne noire extérieure sur les quatre premiers, double sur les postérieurs.

Tarses noirs; les 4 antérieurs jaunes en dehors, les postérieurs un peu roussâtres.

ABDOMEN - Cylindrique, épaissi au 1.^{er} et 2.^e segments, diminuant à la base du 3.^e, très mince du 3.^e au 6.^e, les 4 derniers épaissis. Les 8.^e et 9.^e ont les bords très dilatés en feuilles. Le 10.^e est court d'un tiers moins long que le 9.^e, large, à bord largement échancré peu denticulé.

Feuille du 8.^e segment augmentant rapidement de la base jusqu'aux deux tiers du segment, puis parallèle et prolongée en un lobe arrondi, qui recouvre sensiblement la feuille du segment suivant. Celle-ci arrondie en demi-cercle, un peu prolongée postérieurement, et presque aussi large que la précédente.

COULEURS—1.^{er} segment en dessus jaune vert avec une tache basale brune atteignant le milieu, sur les côtés d'un jaune plus pur.

2.^e jaune-vert en dessus, d'un beau jaune sur les côtés, avec un cercle basilaire brun à peine séparé par le fond d'un demi-cercle noir situé après le tiers basal ; tous deux divisés par l'arête dorsale. Deux points médians noirs un-peu après le milieu. Une tache brune après les oreillettes qui sont vertes.

3.^e 4.^e 5.^e 6.^e à articulations étroitement cerclées de noir, d'un jaune-vert en dessus et sur les côtés ; blancs en dessous. Un cercle étroit noir au tiers antérieur, formant une petite croix avec l'arête dorsale de même couleur, et se croisant avec une bande latérale longitudinale brun noirâtre, inclinée d'avant en arrière, entière ou divisée au milieu. Au tiers postérieurs deux points médians noirs, entourés de brun qui augmente insensiblement du 3.^{me} au 6.^{me} segments, où il occupe tout le tiers postérieur.

7.^{me} de même que les précédents, mais le fond est d'un jaune plus pur, les lignes noirs ont presque entièrement disparu, les latérales sont réduites à un vestige postérieur, et les deux points forment en dessus une ta-

che noirâtre bilobée en avant occupant le tiers postérieur.

8.^{me} en dessus d'un jaune brunâtre, plus clair sur les côtés; bordé en dessus aux deux extrémités de noirâtre qui s'étend quelquefois plus au moins longitudinalement jusqu'à séparer du fond une tache en forme de trèfle, n'atteignant par les bords. Deux points médians noirs.

9.^e même couleurs; mais la bordure noirâtre antérieure est seule un peu prolongée en angle de chaque côté. Pas de points médians noirs. Feuilles latérales de ces 2 segments largement bordées de noirâtre.

10.^{me} comme le 9.^{me} mais d'un jaune plus pur au milieu du dessus et en dessous, et 2 points médians noirs à peine visibles.

PARTIES GÉNITALES—Appendices anals supérieurs jaunâtres, à pointe brune, presque aussi longs que les deux derniers segments, épaissis à la base, comprimés dans leur première moitié, sub-cylindriques ensuite, bifides à leur extrémité; écartés autant que leur épaisseur jusqu'à leur milieu, où se termine un petit sillon interne supérieur, puis contigus et courbés régulièrement vers le bas.

Appendice inférieur jaunâtre, plus ou moins bordé de brun, de moitié plus court, divisé après son milieu en deux branches d'abord écartées, puis se touchant à leurs extrémités, et portant après leur origine un coude extérieur, puis une très petite dent, séparés par une échancrure; le bout interne renflé, arrondi, cilié.

Vu de profil cet appendice est recourbé en haut dans ces deux premiers tiers et sa tête qui est dans le plan de l'abdomen a une double courbure qui fait presque insensiblement suite à la première.

Parties génitales du 2.^{me} segment peu proéminentes. Pièce antérieure jaune à base noirâtre.

Hameçons antérieurs tout noirs, postérieurs jaunes

avec le bord supérieur noir. Cuieller, penis et sa gaine, noirs excepté la coulisse qui est jaunâtre.

Les oreillettes du 2.^e segm. sont assez fortes triangulaires, à dentellures variables.

♂ JEUNE diffère de l'adulte par :

La face et le front d'un blanc grisâtre; le thorax jaune légèrement verdâtre et les bandes plus claires, les médianes à peine visibles et représentées par un vestige figurant leur bord externe, la première latérale un peu moins rudimentaire; le Ptérostigma jaune pâle entre deux nervures noires épaisses et non bordé de noirâtre; les Fémurs jaunes; le fond des 1.^{er}-6.^e segments de l'abdomen jaune très légèrement verdâtre, les dessins noirs du 8.^e-10.^e segments brun clair et un peu oblitérés.

♀ ADULTE (d'après 6 individus).

Ressemble au mâle adulte pour la coloration; voici les principales différences :

1.^o—Bande brune devant les antennes plus étroite à peine marquée.

2.^o—Lame occipitale présentant de chaque côté 4-7 petites dentellures noirâtres à peine visibles.

3.^o—Bandes du thorax plus claires, moins distinctes; l'anté-humérale un peu plus fine et un peu plus éloignée de l'humérale.

4.^o—Ailes un peu plus lavées de jaunâtre; ptérostigma jaune moins bordé de noirâtre antérieurement.

5.^o—Lignes des fémurs moins marquées, tarsi postérieurs plus clairs, presque comme les antérieurs.

6.^o—Abdomen mince, un peu comprimé, épaissi aux deux premiers segments et un peu vers l'extrémité; bords des 8.^{me} et 9.^e seg. à peine dilatés.

7.^o—3.^e-7.^e segments comme chez le mâle, mais l'arête dorsale noire est à peine marquée et les deux points

médians ne sont pas entourés de brun; 8.^o et 9.^o bordés de noirâtre seulement aux deux extrémités; 10.^o tout jaune, à bord postérieur noir au dessus.

8.^o—Abdomen terminé par une protubérance conique, à pointe émoussée, presque aussi longue que le 10.^o segment, jaune, séparant les appendices qui sont très minces, très pointus, jaunes à pointe brune, doubles de la protubérance.

9.^o—Écaille vulvaire courte, triangulaire, jaune bordée de noir, divisée en deux pointes aigues par une échancrure étroite, quadrangulaire.

10.^o—Oreillettes du 2.^o segments, rudimentaires.

♀ JEUNE diffère de l'adulte par;

La face et le front d'un blanc grisâtre; la bande devant les antennes réduite à quelques traits peu marqués; le thorax jaune légèrement verdâtre; les bandes médianes nulles, la 1.^o latérale un peu moins rudimentaire; le ptérostigma jaune très pâle non bordé de noir; les fémurs jaunes; le fond des 1.^{er}-6.^o segments de l'abdomen jaune très légèrement verdâtre.

♀ TRÈS JEUNE. Voici ses différences de la femelle jeune:

Fond de la couleur jaune pâle, excepté les lèvres, le rhinarium, les côtés du thorax, et la poitrine blanchâtres.

Bande brune devant les antennes, nulle.

Espace des ocelles jaune pâle.

Lame occipitale inerme.

Lobes du prothorax séparés par une impression brunâtre.

Bandes du thorax d'un jaune roussâtre, à peine visibles.

Médianes plus subitement élargies en avant; 1.^o et 3.^o latérales complètes.

Nervures jaunes et brunes excepté la médiane noire; bord anal plus arrondi.

Les pieds jaunes excepté un vestige en ligne brunâtre à l'extrémité des fémurs, les postérieurs un peu plus longs.

2.^e-7.^e segments tout jaunes excepté un cercle étroit noir au tiers antérieur interrompu au milieu et deux points médians au tiers postérieur, marqués aussi sur le 8.^e; tout les autres entièrement jaunes.

App. anals un peu plus courts, plus épais moins pointus, tout jaunes. Protubérance pointue.

Échancrure de l'écaille vulvaire un peu moins étroite.

HAB. EN PORTUGAL—Coruche, sur les bords du Rio Sorraya en Juin et Juillet (Antonio Guimarães).

DIMENSIONS (1)

	♂			♀			♂ de Sardaigne
	Moyenne (2)	Minimum	Maximum	Moyenne (2)	Minimum	Maximum	
Longueur total	46	43	47	46	44	48	44
Abdomen	30-31	28	31 1/2	—	31	34 1/2	31
Appendices anals supérieurs	3	—	—	1 1/2	1 1/4	1 2/3	3
Fémurs postérieurs	4 1/2	4	4 1/2	4 1/2	4 1/2	5 1/2	4 1/3
Largeur de la tête	6 2/3	6 1/3	7	7	6 1/2	7 1/3	6 1/2
Longueur des ailes supérieures	25-26	25	27	28	27 1/2	29	25
» » inférieures	23 1/2	23	25	26 1/2	25 1/2	27	23
Largeur des ailes supérieures	6 1/3	5 2/3	6 1/2	7	6 1/2	8	6 1/3
» » inférieures	8	7 1/2	8 1/3	8 1/2	8 1/4	9	7 2/3
Ptérostigma	—	3	3 1/3	3 1/2	3 1/4	4	3
Cellules qu'il surmonte	4-5	3	6	4	3	5	{ 6-5 4-5
Nervules anténodales: aile supérieure	12	10	14	12-14	11	14	11-11
» » inférieure	9-10	8	10	9-10	8	10	9-9
» postnodales: » supérieure	5-6	4	8	6-7	5	8	5-4
» » inférieure	6-7	5	10	7-8	6	8	6-6

(1) en millimètres.
(2) fréquence maximum.

RAPPORTS ET DIFFÉRENCES.—Le mâle de Sardaigne est parfaitement identique à quelques individus du Portugal et la ♀ type De Sicile décrite par de Selys ne diffère pas des femelles presque adultes que j'ai sous les yeux.

Quand à l'*Onychogomphus Hagenii*, voici en quoi il diffère :

Taille un peu plus petite ; ailes relativement un peu plus courtes ;

Ptérostigma un peu plus court, surmontant 3 cellules et demi ; 10 à 12 nervules anténodales aux ailes supérieures, 6-9 aux inférieures ; 5 à 6 post-nodales aux quatre ailes ;

Feuilles du 8.^{ème} segment paraissant moins parallèle et prolongée par un lobe moins arrondi ;

Appendice anal inférieur un peu plus élargi vers l'extrémité et appendices supérieurs paraissant plus bifides que chez le *Genei*.

L'écaille vulvaire de la femelle est identique.

OBS.—Les différences indiquées montrent que l'*O. Hagenii* est extrêmement voisin du *Genei* dont il ne constitue certainement qu'une race habitant la Syrie, l'Égypte et l'Abyssinie.

Les deux formes se distinguent mieux de l'*O. pumilio* quoique par des caractères très minutieux, mais les appendices du mâle sont très différents.

Quand à l'*O. Costæ* il appartient au groupe de l'*O. grammieus* par ses appendices anals.

ALBERT A. GIRARD.

VARIA

Effets de la semi-domestication sur le daim (*Dama vulgaris*), d'après M. Keilhack. (1)

Le daim, originaire des contrées méditerranéennes, a été introduit dans l'Europe centrale et septentrionale pendant l'ère chrétienne et il n'y a même que quelques siècles qu'il a été introduit dans l'Allemagne du Nord.

Ce fut donc une découverte fort intéressante que celle d'une armure complète de daim faite à 10 lieues de Berlin, dans des alluvions préglaciaires.

M. Keilhack mesura 16 dimensions sur cette armure, et mit les chiffres obtenus en regard des mêmes dimensions mesurées sur les 30 plus grandes armures provenant de daims actuels de l'Allemagne du Nord.

Ce tableau comparatif fait voir une série de différences entre le daim fossile et le daim actuel. La meule, la perche, les andouillers et la palmature ont une épaisseur plus grande; l'andouiller inférieur paraît avoir été dévié vers le bas et l'andouiller supérieur dévié vers le haut. La longueur totale du bois est moindre, ce qui concourt avec sa plus grande épaisseur pour le faire paraître plus ramassé. L'angle formé par la base des deux bois est moins obtus, ce qui les fait paraître plus rapprochés. L'armure du daim actuel montre donc une tendance à l'affaiblissement, au bénéfice de l'élégance.

M. Keilhack voulut constater si la même tendance se trouve aussi chez les daims habitant les contrées considérées comme leurs pays

(1) *Keilhack*. Ueber einen Damhirsch aus dem deutschem Diluvium. (Jahrbuch der Preussischen geologischen Landesanstalt und Bergakademie für 1887. Berlin, 1888, p. 283-290, pl. XI).

d'origine et, dans ce but, demanda des renseignements à Lisbonne et à Athènes.

L'armure du daim grec se rapproche d'une façon remarquable de l'armure fossile, tandis que la plus grande armure qui se trouvait alors au musée de Lisbonne (1) présente exactement les caractères de celles qui proviennent des daims actuels de l'Allemagne du Nord.

Or il est à remarquer que le daim vit en Grèce à l'état sauvage, tandis qu'en Portugal il est entretenu dans des parcs, exactement comme en Allemagne, où il subit depuis plusieurs siècles une semi-domestication à laquelle on peut attribuer les modifications précitées.

Ayant eu dernièrement à faire une excursion au Monte Junto (point culminant, 566^m), j'entendis les vieillards de la contrée dire qu'il y a une cinquantaine d'années cette montagne était couverte d'une épaisse forêt qui abritait des daims et des loups, animaux actuellement complètement disparus de cette contrée. Ils admettent que les daims s'étaient échappés d'un parc des environs d'Alcoentre, mais ne donnent pas de preuves à l'appuis.

Il semble plus naturel de considérer le Monte Junto comme le dernier refuge du daim sauvage dans cette partie du Portugal. En tous cas, cette montagne a été habitée par des cervides depuis les temps les plus reculés, car des fouilles faites dans les cavernes ont fourni des restes de cervides de l'époque néolithique. En outre, une grotte située sur la crête orientale, à environ 1200^m au N. E. du signal trigonométrique d'Espigão, et à l'altitude d'environ 370 mètres parmi lesquels ceux des cervides se trouvent en grande quantité.

Mentionnons encore la présence de cervides dans des dépôts d'une autre contrée, d'âge intermédiaire entre ceux de l'époque quaternaire et ceux de l'époque néolithique, les kjoekkenmødding de la vallée du Tage.

Malheureusement les bois ne sont représentés que par des fragments, aussi bien dans ces derniers dépôts que dans les précédents.

P. C.

(1) Cette armure n'appartient pas au Musée national, elle avait été envoyée au préparateur par un habitant de la ville.

OS MORTOS

ANTONIO ROBERTO PEREIRA GUIMARÃES

Foi Pereira Guimarães quem succedeu a Felix de Brito Capello no estudo e determinação das collecções carcinologicas e ichtyologicas do Museu Nacional. Tam infeliz como o seu antecessor, Pereira Guimarães falleceu depois de uma longa e afflictiva doença, deixando um espolio scientifico que affirma bellas qualidades de intelligencia e de trabalho e do qual destacamos os estudos seguintes :

Liste de quelques espèces de poissons d'eau douce de l'intérieur d'Angola, in *Jornal da Academia*, vol. VIII, n.º XXX, Lisboa, 1881.

Description d'un nouveau poisson du Portugal, in *Jornal da Academia*, vol. VII, n.º XXXI, Lisboa, 1881.

Lista dos peixes da ilha da Madeira, Açores e das possessões portuguezas da Africa, que existem no Museu de Lisboa, in *Jornal da Academia*, vol. IX, n.º XXXIII, Lisboa, 1882.

Description d'un nouveau poisson de l'intérieur d'Angola, in *Jornal da Academia*, vol. IX, n.º XXXIV, Lisboa, 1882.

Diagnoses de trois nouveaux poissons d'Angola, in *Jornal da Academia*, vol. X, n.º XXXVII, Lisboa, 1884.

Supplemento á Lista dos peixes da Madeira, etc., in *Jornal da Academia*, vol. X, n.º XXXVII, Lisboa, 1884.

R. P.

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda de sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*:

- ÉM. DE MUNCK. — *Proposition pour l'organisation d'une excursion géologico-archéologique à faire à Maëstricht*, 8.º, 7 pag., Bruxelles, 1888.
- *Documents pour servir à l'étude des mœurs judiciaires et des usages au XVIII siècle dans le Luxembourg belge*, 8.º, 8 pag., Bruxelles, 1888.
- *Les Micault belges*, 8.º, 47 pag., III pl., Bruxelles, 1889.
- *Mémoire de Em. de Munck répondant en partie aux questions: — 1.º l'homme a-t-il vécu à l'époque tertiaire? — 2.º Quel est l'état de la question de l'homme tertiaire en Belgique?* 8.º, 23 pag., Bruxelles, 1888.
- *Étude à faire sur les gisements, les caractères physiques, chimiques, minéralogiques et paléontologiques des roches taillées pour l'homme préhistorique*, 8.º, 11 pag., Bruxelles, 1887.
- PRINCE ALBERT DE MONACO. — *Expérience de flottage sur les courants superficiels de l'Atlantique-nord*, 8.º, 14 pag., Paris, 1890.
- *Sur la faune des eaux profondes de la Méditerranée au large de Monaco*, 4.º, 3 pag., Paris, 1890.
- SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. — *Mensagem, ao rei, sobre o Tratado Luso-britannico*, Lisboa, 1890.
- F. ADOLPHO COELHO. — *Contos populares portuguezes*, 8.º, 165 pag., Lisboa, 1879.
- SILVA VIEIRA. — *Materiaes para a historia das tradições populares do concelho de Espozende*, in-16.º, 114 pag., Espozende, 1888.
- *Ramalhete de canções populares colhidas no concelho de Espozende*, in-16.º, 15 pag., Espozende, 1887.
- ARMANDO DA SILVA. — *Folk-lore e Dialectologia de Espozende* (Noticia bibliographica) in-16, 32 pag., Espozende, 1890.
- SOEIRO DE BRITO. — *Linguagem infantil*, in-16.º, 18 pag., Espozende, 1890.
- *Litteratura popular alemtejana: — As Brotas*, in-16.º, 9 pag., Espozende, 1890.
- *A poesia popular alemtejana*, in-16, 51 pag., Espozende, 1890.
- PAUL CHOFFAT. — *Sur une station préhistorique à Obidos et sur la dispersion de l'Ostrea edulis aux temps préhistoriques*, in 8.º, 2 pag., Lisboa, 1890.
- PAUL SÉBILLOT. — *Les pendus*, 8.º, 19 pag., Vannes, 1890.
- *Études maritimes* (Les coquillages de la mer. Les zoophytes. Les crustacés), 8.º, 20 pag., Vannes, 1890.

- Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, fasc. 1-4, Lisboa, 80-81.
Revista Archeologica, Tom. IV, n.º, Lisboa, 1890.
Revista de Guimarães, Vol. VII, n.ºs 3-4, Guimarães, 1890.
Revista do Minho (para o estudo do *Folk-lore*), Vol. VI, n.º 10. Espozende, 1890.
Boletim da Sociedade Broteriana, Tom. VII, fasc. 4 e tom. VIII, fascs. 1-2, Coimbra, 1889.
O Instituto, Vol. XXXVII, n.ºs 11-12 e vol. XXXVIII, n.ºs 1-3, Coimbra, 1890.
Revista de Obras publicas e minas, Vol. XXI n.ºs 249-250, Lisboa, 1890.
Revue scientifique, Tom. 46, n.ºs 1-2 e tom. 47, n.ºs 12 14, Paris, 1890.
Mélusine, Tom V, n.ºs 2-8, Paris, 1890.
Revue de philologie française et provençale, Tom. IV, fasc. 2-4, Paris, 1889.
Bulletin de la Société Zoologique de France, Tom. XV, n.ºs 6-10 Paris, 1890.
Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, n.ºs de fevereiro-dezembro, Berlin, 1890.
Bulletin de la Société Vaudoise des sciences naturelles, Vol. XXV, n.ºs 101-102, Lausanne, 1890
Feuille des jeunes naturalistes, Tom. XX, n.ºs 238-241, Paris, 1890.
Bulletin de l'Institut Égyptien, 2^{me} série, n.º 10, Cairo, 1890.
Bulletin de la Société des Sciences historiques et naturelles de Semur, 2^{me} série, n.º 4, Semur, 1890.
Bulletin du Comité géologique de St. Pétersbourg, Tom. IX, n.ºs 1-8, St. Pétersbourg, 1890.
Supplément aux Bulletins du Comité géologique de St. Pétersbourg, 1890.
Mémoires du Comité Géologique de St. Pétersbourg, Tom. IV, n.º 5, Tom. V, n.º 1 e 5 e Tom. X, n.º 1, St. Pétersbourg, 1890.
Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien, N.ºs de outubro-dezembro de 1890, Vienna.
The journal of the anthropological institute of Great Britain and Ireland, N.º de Fevereiro de 1890, Londres.
Annales de la Société belge de microscopie, Tom. XIV, Bruxellas, 1890.
Bulletin de la Société belge de microscopie, Tom. XVI, n.ºs 8-11 e tom. XVII, n.ºs 2-4, Bruxelles, 1890.
Abstracts of the proceedings of the geological Society of London, n.º 551, Londres, 1891.

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes

Publicação da Sociedade Carlos Ribeiro

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

A *Revista* sahirá regularmente quatro vezes por anno em fasciculos de 48 pag., 8.º

Portugal — Anno ou serie de 4 numeros 1\$200 reis
 Numero avulso 300 »

Paizes comprehendidos na União postal:

Anno 8 fr.
 Numero avulso 2 »

Para os outros paizes não fazendo parte da União accresce o porte do correio.

Sep. 18/91

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores—RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo—N.º 6



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1891

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

- Notas sobre a linguagem vulgar do Porto. (conclusão), por*
J. LEITE DE VASCONCELLOS pag. 49
- Contribuições para a fauna malacologica da Madeira, por*
AUGUSTO NOBRE pag. 77

VARIA

- Explorações archeologicas, por SANTOS ROCHA* pag. 85

BIBLIOGRAPHIA

Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal

- I—F. PAULA E OLIVEIRA — *Note sur les ossements humains existants dans le musée de la Commission des travaux géologiques, por R. S.* pag. 88
- II—ALFREDO BEN-SAUDE — *Note sur une météorite ferrique trouvée à S. Julião de Moreira, près de Ponte de Lima (Portugal), por R. S.* pag. 88
- III—DR. WELWITSCH — *Quelques notes sur la géologie d'Angola, coordonnées et annotées par M. Paul Choffat, por R. S.* pag. 89
- IV—J. F. NERY DELGADO — *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e alabastro de Santo Adrião e das grutas comprehendidas nos mesmos jazigos, por R. S.* pag. 89

NOTICIA

- As conferencias do dr. Julio de Mattos sobre o caso Charles Petit, por J. B.* pag. 91

NOTAS

SOBRE A LINGUAGEM VULGAR DO PORTO

(*Conclusão*)

I. NASAES.

6. a) O *a* nasal e o *a* antes de *m*, *n* e *nh* são abertos em syllaba tónica, por ex.:

<i>câma</i>	<i>sângue</i>	<i>montânha</i>
<i>phânno</i>	<i>sânto</i>	<i>bânho</i>
<i>râmo</i>	<i>câmpo</i>	<i>bânha</i> ;

em syllabas atonas porém só o *a* nasal é aberto, o outro é fechado, ex.:

<i>cândieiro</i>	<i>câminho</i>
<i>zângar</i>	<i>phânninho</i>
<i>abrândar</i>	<i>tâmânho</i>
<i>cântoneiro</i>	<i>arrânhár.</i>

A abertura do *a* é a mesma que se nota em *phadeiro*, *lá*, *máto*, etc.

b) O *a* é igualmente aberto em *mãĩ* (mãe), que não rima com *bem*, ainda que alguns poetas portuenses, á imitação dos do Sul, etc., pertendem ás vezes fazer rimar essas palavras, por ex.: Guilherme Braga nas *Heras e violetas*, Porto 1869, pg. 96 e 235; o mesmo poeta faz rimar *mãe* com estas palavras: *ninguem* (pg. 200), *tem* (pg. 61, 62 e 260) e *tambem* (pg. 28 e 246). Como disse, taes rimas repugnam aos ouvidos portuenses.

c) Ao lado de *sãngue*, tambem tenho ouvido no Porto dizer *sáingue*, mas não geralmente.

7. a) Ao archaico *-om*, ao moderno *-om*, e ás vezes (por confusão) ao moderno *-ão*, quando tonicos, corresponde *-óum* (i. é, *óu* nasal) com *o* um pouco aberto, mas menos que em *dó* (isto é, com um *o* = ao de *óu* portuense em *pouco*, *vou*, etc.). Exemplos:

Bulhóum (*Bolhão*, nome de uma praça)
móum (= mão)
curaçóum
carbóum
phóum (plur. *phúôis*).
cóum (= *com* em pausa)
irmóum (plur. *irmúôis*)
sóum (= *som*).

Este facto, que eu já notei em 1885 nos *Dial. Minhotos*, I, 1, foi tambem observado, em parte, por Barbosa Leão nos seus *Elementos de gramatica portugueza*, Porto 1886: «...devemos aqui apreciar uma pronuncia que eziste no Minho.... E' inquestionavel que nesta provincia a pa-

lavra *bom*, p. e., jeralmente não se pronuncia *bôm*: dão-lhe o som do ditongo *ou* com entonação do nariz. Do mesmo modo aqui a maior parte não pronuncia, p. e., *razão amárão amarão*; pronuncião-se também estas palavras com o som d'esse ditongo. Portanto em Entre Douro e Minho uza-se o ditongo *ou* nazalado» (1).

b) O litter. *-om*, quando tónico, dá também frequentemente *-ão*, tanto em pessoas cultas como incultas: é um caso de regressão phonetica. A professores de ensino superior tenho eu ouvido no Porto dizer *são* (=som), e a um professor de um lyceu do Minho ouvi uma vez dizer *Chardrão*. (em vez *Chardron*, nome de um livreiro portuense).

E' tal a intensidade do facto, que até ás vezes occorre a palavra *som* em rima com *-ão*: nas *Scintillações e Sombras* de Ernesto Pires, Porto 1883, lê-se:

Querendo-nos fugir no derradeiro *som*

.....

No fogo da *paixão* (2);

nuns versos publicados no n.º 252 do jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 1885, lê-se também:

E ainda que parece um sonho, uma *illusão*

.....

Que jamais tua pequenina boca articulasse um *som*.

Póde ao repente julgar-se que aqui se deve pronunciar *sóum*, *paixóum* e *illusóum*, em harmonia com o

(1) Pag. 98.—O A. diz que esta pronuncia se estende muito pouco ou nada fóra da provincia; mas eu também a achei em Tras-os-Montes: vid. *Flores mirandesas*, passim.

(2) Pag. 102.—Ernesto Pires não era do Porto, mas, por aqui ter vivido muitos annos, adquiriu a pronúncia portuense, como eu sei pelas intimas relações de amizade que houve entre mim e elle.

§ 7-a, mas tal não me parece o caso, porque gente de alguma cultura não diria facilmente *paixóum*, etc. (1)

c) Sobre o nasal quando tónico e não está em terminação, vid. § 10-c e § 22.

d) Ao arc. *-om* atono (mod. *-ão*) corresponde geralmente *-o* (i. é, *u* abafado), ex.: *fôro* (=arc. *forom*, mod. *fôrão* ou *foram*), *viero* (=arc. *vierom*, mod. *vierão* ou *vieram*) etc.

e) Geralmente *on* (*om*) atono medial muda-se em *un* (*um*). Ex.:

<i>cumboio</i>	<i>cumtigo</i>
<i>cumprar</i>	<i>cum prêssa</i>
<i>tumbar</i>	<i>acuntecer</i>

Este facto, que é paralelo ao que se nota no § 8-b, é commum a todo o Baixo-Minho, e denuncia immediatamente qualquer habitante d'esta região, culto ou inculto. As cacographias com *un* (*um*), por *on* (*om*) são em grande abundancia; até uma vez na dissertação de um estudante do 5.º anno de Medicina, do Porto, vi que elle tinha escrito com perfeita consciencia *puntada* (=pontada)! Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue portug.*, pg. 46, nota.

(1) Nos «Rascunhos sobre a gramm. da ling. portug.» de B. C. (Baptista Caetano), Rio de Janeiro 1881, pag. 167, diz o A. que no Brazil, em vez de *bom*, se diz *bão*. Citando esta passagem, diz tambem o sr. Adolpho Coelho: «A fórma *bão* que o dr. Caetano cita como popular no Brazil encontra-se ao norte de Portugal com frequencia, como são por *são*, *tão* por *tam*, e ainda *irmão*, *vão*, *chão*, etc. por *irmã*, *vã*, *chã*»; vid. *Os Dial. roman. ou neo-lat. na Africa, Asia e America*, II, 7.

f) Nestas palavras *on* atono medial (antes de *s*) des-nasalou-se: *custipar* (constipar), *cussigo* (=comsigo).

8. a) O *e* antes de *m* e *n*, na pronúncia da gente culta, abre-se, em syllaba tónica, por ex.: *péna*, *Éma*, etc.; na pronúncia popular segue a lei geral do *é*, exposta no § 10-*a* (cf. § 22).

b) Como succede com *on* (*om*), que dá *un* (*um*), também *en* (*em*), quando atono e medial, dá *ẽn* (*ẽm*). Com *ẽ* denoto o som do *e* da palavra *se*; é pois *ẽn* (*ẽm*) um *e* surdo nasal. Ex.:

<i>rẽnder</i>	<i>bẽntosa</i>
<i>bẽnder</i>	<i>arrẽndar</i> .

Ésta pronúncia tanto se observa nos doutos como nos indoutos. Conheço pessoas, que, apesar de muito ilustradas e terem vivido longos annos longe do Minho, e outras até fóra do continente portuguez, não perderam ainda a pronúncia nativa. — Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue portug.*, pg. 46, nota.

c) No povo ouve-se também *prẽncípio* (=princípio), *sẽm sinhor* (=sim senhor), palavras que se poderão explicar por dissimilação.

9. Ao litterario *-ã* (*-an*, *-am*) corresponde *-ão* (com *a* aberto), por ex.:

Cãmpanhão (=Campanhã)
minha irmão (=minha irmã)
mação (=maçã. No plur. *maçãis*). (1)

(1) Na *Descrição do reino de Portugal* de Duarte Nunez do Leão, Lisboa 1610, fls. 125 lê-se *maçães*; mas talvez seja erro de

Cf. Adolpho Coelho, *Os dial. roman. ou neo-latinos na Africa, etc. etc.*, II, 7.

II. DITONGAÇÃO.

10. a) Ao *e* que na lingua usual soa *ê*, quando tonico, corresponde *iê* em qualquer circumstancia. Ex.:

<i>Iêma</i>	<i>piêna</i>
<i>iêlle</i>	<i>miênos</i>
<i>biênto</i> (= vento) (1)	<i>iêu</i>
<i>quiênte</i>	<i>miêu</i>
<i>siêmpre</i>	<i>tiêu.</i>

b) As syllabas *-elho* (*-elha*), e *-enho* (*-enha*) pronunciam-sê assim *-éilho* (*-éilha*) e *-éinho* (*éinha*), por ex.: *téilha*, *véilho*, etc. Numa cacographia moderna achei tambem: *conséilho*, *joéilho*. Já em ms. portuenses (papeis particulares) do sec. XVIII achei *Botéilho*.

Assim *velho* e *velha* rimam bêm com todas as mais palavras em *-elho* e *-elha*; o que se não dá noutras provincias. Ex.:

A luz do pôr do sol tornava-te *vermelha*

De ir puxar pela capa á tua irmã mais *velha*. (2)

imprensa, pois no mesmo livro, a fls. 62 r. e v., ha varias vezes *maçaãs*. Sem embargo, na ed. de 1785, pag. 297, repete-se *maçaês* — O mod. plural portuense (e baixo-minhoto) *maçaãs* é por analogia com outros nomes de sing. *-ã* e plur. *-ães*.

(1) Devo dizer que em palavras com *en* medial tonico várias vêzes ouvi pronunciar esta syllaba não *iên*, mas sim *æn*, ou com um som parecido, por ex.: *vænto*, *rænde*, *fænda*, *accænde*. Mas este phenomeno, ainda que não seja esporadico, como talvez é, não tem grande extensão.

(2) G. Braga, *Heras e violetas*, pag. 43.

Deve-se ler *vermêilha e vêilha*. Noutras provincias diz-se *vermêlha e vermâlha*, etc.

Em E. Pires, *Scintill. e sombras*, pag. 114, vêm-se tambem a rimar *velhas e abelhas*.

As rimas, por ex., de *tenha e montanha* são por tanto defeituosas na litteratura portuense, pois aquellas palavras pronunciam-se no Porto *téinha e muntánha*.

Os poetas nem sempre são criterio seguro para provar factos phoneticos, porque ás vezes regulam-se pela vista e não pelo ouvido (1), e outras vezes seguem os poetas de outras localidades (2); mas todos os exemplos que cito neste escrito são comprovativos, porque eu conheço de ante-mão a pronúncia geral.

c) Como succede com o *é*, o *ô* da lingua litteraria tem como correspondente *ũô* (3), quando tonico, por ex.:

<i>Pũôrto</i>	<i>cũôdia</i>
<i>cũõnde</i>	<i>Rũôma</i>
<i>pũõnte</i>	<i>ũôdre</i>
<i>fũõnte</i>	<i>medũôrra</i>
<i>muõnte</i>	<i>ũõnda</i>
<i>descũõnto</i>	<i>sũõno</i>
<i>pũôis</i>	<i>luôdo.</i>

Esta ditongação é principalmente sensivel junto das

(1) Assim G. Braga tem *dê* a rimar falsamente com *fê*, etc.

(2) Assim o citado poeta faz rimar falsamente (segundo a phonetica do Porto, entende-se) *ninguem* com *mãe* (cfr. supr. § 6-b), e E. Pires faz rimar *ditoso* com *repouso* (*Scintill. e sombr.*, pag. 119), á imitação dos poetas do Sul, pois tal rima é impossivel no Porto.

(3) Este som é um ditongo crescente, cuja base é *ô* e cujo *ũ*, como eu já disse nos *Dial. interamn.*, VI, 4, é attenuado, i. é, com pouca labialização. Assim a pronúncia de *uôsso* (na phonetica do Porto) differe da de *oôsso* (na phonetica do Sul, etc.).

labiaes (cf. *Dial. interamn.*, VI, 4); mas dá-se também no *o* inicial e junto de outras consoantes, como mostram os exemplos indicados.

Quem primeiro notou, que eu saiba, embora incompletamente, este phenomeno de ditongação forão os auctores da *Livraria classica portugueza* (1), no vol. III, Rio de Janeiro, 1865, pag. 349. A respeito do verso do *Cancioneiro* de Resende

Pola maldade do erro passado

dizem elles: «como ainda hoje se pronuncia no-Porto, *puola*» (2).

d) Sobre outros casos de ditongação vid. §§ 4 e 7.

III. LINGUAES.

II. a) Geralmente no Baixo-Minho a vogal (*a, e, i, o*) que precede o *l* que fecha syllaba ditonga-se em *u*, passando de ordinario o *l* a *r*. Com relação ao Porto tenho nas minhas notas os seguintes factos:

cául (= cal, ouvido em Paranhos)

aurto (= alto)

pármo (= palmo) } (ouvidos em Grijó, c. de Gaya).

càrcanhar (= calcanhar)

árcançar (= alcançar)

gáurgo (= galgo)

úrtimo (= último)

azur (= azul)

Liupurdina (= Leopoldina)

bórta (= volta)

cállo (sendo gutturalisado o primeiro *l*).

(1) Castilhos (Antonio & José).

(2) Pag. 123.

b) Em grupo de cons. + *l*, este *l* dá *r*: *suprimiênto* (=supplemento), *cumprêto* (=completo).

c) De *deslocar* fez-se *dêsnucar*.

d) O *e* atono que precede *r* muda-se em *a* por influencia da lingal: *libaral*, *amaricáno* (ao lado de *mêricáno*).

IV. APOIO.

12. Não só depois das consoantes finaes, mas ainda depois dos ditongos finaes, apparece um *e* surdo (na emphase talvez ás vezes *i*):

<i>mâre</i>	<i>dôuze</i> (=dous)	<i>Juôue</i> (isto é,
<i>mulhêre</i>	<i>rêize</i> (=reís)	<i>Ju-óũ-e</i>).

Em pausa, no acto de chamar, creio ter ouvido: *Ó Manuéli*... *Ó Raúli*..., com prolongamento de *e* e *u*.

Este phenomeno do apoio é já notado no seculo XVI por João de Barros, que diz: «*Paragoge*, quer dizer *acreçentamento*; cometefe este uício (sic), quando em fim dalguã paláura fe acreçenta letera ou syllaba, como fe faz nos rimãçes antigos, que por fazerem cõfoante diziã, — *os que me foẽ* GUARDARE, POR *guardar*». Vid. *Compilação de varias obras*, ed. de 1785, pag. 163.— O mesmo se dá em gallego antigo e moderno: vid. Saco Arce, *Gramat. gallega*, Lugo 1868, pag. 20-21 e nota.— Tambem o mesmo succede noutras linguas.

V. DISSIMILAÇÃO.

13. a) De consoante:

cangriêna (=gangrena)
selativa (=sedativa)

reflètario (= refractario)
alurisma (= aneurisma, * anurisma)
 outro ex. no § II -c.

b) De vogal: *rezóum* (= *razão* e *razom*; ou ha influencia de *rezar*? Já no sec. XVI ha *rezão*.)

meduôrra (= modorra)
Bérgina (= Virginia)

Nada d'isto é porém característico da linguagem d'aqui.

VI. ASSIMILAÇÃO :

14. a) De consoante :

mai'nada (= mais nada)
ineições (= ileições [cfr. § 19 -a] = eleições
qué-los (= quer los).

b) De vogal :

inzeminar }
letrina } (e... i = a... i).
queridade }
Demióum }

VII. HIATO.

15. a) O hiato annula-se frequentemente por intercalação de vogaes que podem formar ditongo com a vogal antecedente. (Cfr. *Dial. beirões*, V, 5), ex.:

ó-u-Ána (= oh Anna)
 foss' iêu a-i-elle
 a-i-água
 é-u-a posse (= é a posse).

b) A syllaba -oa dá -óua: bóua (bóu-a), etc. Numa cacographia (annúncio) achei: *pão broua*.

c) O dissyllabo *ruim* sôa *rúim* (*rúi* nasal, monosyllabo).

VIII. SYNCOPE.

16. a) Dá-se syncope do *i* em *sàote* e *màor* (mas é possível que ás vezes se intercale um *u*).

b) Ouve-se ás vezes *umazmana* (= uma semana). Como *uma* é palavra proclítica, o *e* syncopou-se, e o *s*, antes de consoante sonora, deu normalmente *z*. Igualmente ouvi: «no principio *dazmana*» (da semana).

IX. LABIAES.

17. a) E' facto já observado ha seculos que no Minho o *v* se troca facilmente pelo *b*, dizendo-se *binho*, *bós*, etc. Muitas vezes o povo, julgando exprimir-se com mais polidez, diz *vótas* (= botas), *vóum* (= bom), etc. As proprias pessoas cultas dizem frequentemente *b* por *v* (mas não o inverso), como em geral em todo o Norte. Os poetas até não põem dúvida em rimar palavras em que entra *b* com palavras em que entra *v*, como:

Os sonhos em que te *absorves*

A' luz no seio dos *orbes*. (1)

(1) G. Braga, *Heras e violetas*, Porto 1869, pag. 18.

Nemrod e Constantino admiram quem õs *salva*:
A clemencia do archanjo envolve o duque *d'Alba* (1).

Infinito azul sem *nuvens*

· · · · ·
Foram das virgens de *Rubens* (2)

Nos dois quartetos de um soneto achei tambem rimando entre si: *enraivas saibas caibas laivas* (3).

E' claro que em todos esses casos o *v* se pronuncia inconscientemente *b*. Os exemplos mostram bem a extensão e intensidade do phenomeno.

b) Por influencia das labiaes *b* e *m*, diz-se *dubaixo* (= de baixo), *bubiêr* (= beber), etc. Em flagrante ouvi uma vez: «ai! que *mu* mátam!», onde o *u* de *mu* (= me) resulta da influencia do *m* seguinte, como em *rumendo* (= remendo); naquella phrase *me* é proclitico, e portanto, quanto ao som, faz parte da palavra seguinte.

X. PALATAES.

18. a) Contrariamente ao que succede no Sul, diz-se *cáixa*, *báixo*, *feixe*, etc. Em Guilherme Braga encontro tambem as rimas.

Não ha depois quem se *queixe*

· · · · ·
Das rodas do teu *caleche* (4)

o que indica a pronúncia *caleiche* (*ch* soando aqui *x*).

b) Sobre *-elh-* e *-enh-*, vid. § 10-b.

(1) Id., *ib.*, pag. 234.

(2) E. Pires, *Scintillações e sombras*, Porto 1883, pag. 55.

(3) M. de Moura, in *O cartão de visita* (periodico litterario), de 19 de Agosto de 1886, pag. 57.

(4) *Heras e violetas*, pag. 168.

XI. NASALAÇÃO (cfr. cap. I)

19. a) O e (i) inicial nasala-se, por ex.:

- invaporar* (= evaporar)
- induriêto* (= idureto = iodureto)
- imànginar* (= imaginar)
- irrar* (= errar)
- inzeminar* (= examinar).

b) Em *amuntolia* (= beir. *amotolia*), de *almotolia*, o *m* nasalou a vogal seguinte; vid. o *Vocabulario*.

c) Em *imànginar* dá-se também o mesmo phenomeno que em *mànjór* (= *major*, termo milit.), etc.

XII. NOTAS VÁRIAS SOBRE AS VOGAES E DITONGOS.

20. a) *Esdruxulos*. Nos esdruxulos, o *i* postonico, quando se segue consoante, muda-se facilmente em *e*: *má- quena*, *tiseco*, *sismátego* (o que já succedia no latim vulgar). E' o primeiro passo para a syncope. Quando se segue vogal, o *i* cae ás vezes, como em *Antóno*, *mulésta* (= molestia), *Bergina*; mas este facto, que é caracteristico de certas regiões do Sul, não é geral aqui no Porto.

b) Pronuncia-se aberto o *a* atono de *debàgar*, *pà- gar*, *apàgar* (1).

c) O ditongo *eu* é reduzido a *u* em *alurisma*. — Vid. o *Vocabulario*.

(1) Vid. o *Vocabulario*,

d) Diz-se *piêza* (=arc. *pêsa*, mod. *pêsa*), *tife* (=tifo), *premeiro* (=primeiro), *sufêca* (do verbo *suffocar*).— Vid. o *Vocabulario*— Diz se também *dêsdelogo* (=desde logo), com o primeiro e surdo, por causa da proclise.

e) O *-iu* pronuncia-se como ditongo (e não dissyllabico, como na Beira): assim *fugiu*, *mëntiu* não podem rimar com *tio*, *rio*, etc. Na palavra *periodo* o *-io-* sôa também *iu* (ditongo), de modo que a palavra tem só tres syllabas, —ou duas, quando se disser *p'riudo*.

b) Diz-se *ugual* (igual), e apocopa-se o *a* em *mèricáno* (=carro americano).

XIII. NOTAS VÁRIAS SOBRE AS CONSOANTES.

21. a) A *-es* + cons. corresponde *-s*. Ex.: *sprar*, *star*, *sprito* (=espírito), *screbiêr* (=escrever).

b) A palavra *vomitar* deu *gomitar*, como noutros pontos do país.

B) MORPHOLOGIA

I. VERBOS.

22. Fórmias varias: *q'irêndes* (=quereis); *iéu pũôs* (=eu pus), d'onde também *pũô-lo*; *pus* (=pôs) (1); *stiêbe*

(1) Aproveito a occasião para explicar a formação do verbo *pôr*. Em port. arc. era, como se sabe, *poêr* (de outra fórmula mais arc. *pôer*, i. é, *pôêr*, com accento no *é*) que vem do lat. *ponere* (i. é, *ponére*);

(= estive). A uma regateira no Porto ouvi *fazo* (= faço), mas não sei d'onde era. Nos verbos temos que notar as seguintes inflexões das vogaes: *tiêmo, témes, tême, temiêmos, témœi; cûômo, cómes, cóme, cumiêmos, cómcœi*, — o que é excepção ao § 10 -a-c. — Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue portug.*, 46, nota. Este facto entra numa categoria mais geral; vid. Epiphanio Dias, «Gramm. portug. elementar», 8.^a ed., pag. 46-50.

II. ARTIGOS.

23. Como noutras partes do país, conserva-se ainda a antiga pronúncia *ũa* (= modern. *uma*). E' notavel que os proprios poetas em certos casos a adoptem, por exemplo:

- Oh não insulteis nunca *ũa* mulher perdida (1)
 Como as canções d'*ũa* mãe (2)
 O archanjo da poesia estende-te *ũa* mão (3)
 Se levanto *ũa* mortalha (4)
 Julgo-a assim como *ũa* vaga (5)
 Nem mesmo espelha *ũa* imagem (6)
 Ao ver passar *ũa* mãe (7)
 Que destinava ao peito d'*ũa* amada (8)

poer tinha, segundo a regra, o futuro e condicional *poerei* e *poeria*, que na phonetica vulgar se deviam pronunciar *poerei* e *poria* (cfr. *posia* = *poesia*). Ora como os condicionaes e futuros são formados do infinitivo com -ei (i. é, *hei*) e -ia (de *havia*), em *poerei* e *poria* viu-se tambem *por-ei* e *por-ia*, i. é, destacou-se um infinitivo *pôr*. E' escusado pois recorrer á contracção inorganica de *pöer* em *pôr*, ou á hypothese, que me parece inverosimil, de *pöer* com o accento tonico no o.

- (1) G. Braga, *Heras e violetas*, Porto 1869, pag. 69.
 (2) Id., *ib.*, pag. 94.
 (3) Id., *ib.*, pag. 136.
 (4) Id., *ib.*, pag. 169.
 (5) Id., *ib.*, pag. 192.
 (6) Id., *ib.*, pag. 242.
 (7) Id., *ib.*, pag. 260.
 (8) E. Pires, *Scintill. e sombras*, Porto 1883, pag. 112.

Se a memoria me não falha, Garret propõe numa nota das suas obras (não posso agora verificar) que se adopte *ũa* quando se seguir *m*, para evitar cacophaton. Nos citados exemplos colhidos em Guilherme Braga, vê-se que cinco vezes *ũa* fica effectivamente antes de *m*, apesar de no 5.º exemplo resultar o cacophaton *comũa* (que no N. é synonimo de *sentina*, pelo menos na Beira-Alta). No ex. de Pires o emprego do *ũa* em vez de *uma* foi tambem para evitar o cacophaton *u-mãmáda*.

III. PARTICULAS.

24. a) Em vez do adv. *antes* diz-se, e tambem ás vezes se escreve, *em antes* (pronuncia *im antes*). Assim ouvi muitissimas vezes a pessoas illustradas, e até a professores meus, e vi frequentemente nos jornaes; aqui só posso citar estes versos publicados em folhetim da *Discussão*:

E' um templo a officina. *Em antes* d'esbanjar
Aprende com suor quanto vale o trabalho.

Este phenomeno, que é muito commum no Porto, não sei se se estende a todo o Baixo-Minho.

b) O adv. *mal* foi adjectivado no deminutivo, nesta phrase: «F. está *málzinho*». Poisque se diz *está mal* como *está bom* (correspondentemente a *está bem*), o *mal* foi tomado por adjectivo. Outro modo interessante de dizer é: *vou ùond'á fũõnte*; cfr. *Dial. Minh.*, I, 14.

c) Antes de vogal ouvi pronunciar *mas* como *meij*... em emphase; ex.: «*meij* um dia», etc.

d) Vid. no «Vocabulario» *antre d'onte*.

IV. FORMAÇÃO DE PALAVRAS.

25. Notem-se as seguintes palavras, sobre algumas das quaes vid. o VOCABULÁRIO: *averdado* (por *esverdeado*), *anegrestado*, *queimũôr*, *bolar*, *pagadeira*, *lavradeira*, *cantadeira* (por *cantora*), *nubéla*, *malcriadeza*, *desapartar*, *ó destiêmpo* (*fôra* do tempo) e *desminuir*.

V. ETYMOLOGIA POPULAR.

26. Notarei aqui: *passa* (= *passé* do comboio), *nem rei nem roca* (Roque), *contra facas não ha argumentos*. Nesta ultima phrase *facas*, por *factos*, resulta de *factos* se pronunciar ás vezes *faktos*.

C) SYNTAXE

27. a) Em flagrante apanhei uma vez esta phrase: «*foi o aquelle*», onde *o* determina mais o pronome.

b) Outra phrase, tambem apanhada em flagrante: «*sabeis que de mais*» (= que mais).

c) Ouve-se várias vezes: *vocés q'riêndes*.

d) Com o verbo *dever* emprega-se *de*, ex.: «*tu debes de dizer*».

e) Com quanto não sejam geraes como na Extremadura (cf. *Dial. extrem.*, I, pag. 18), todavia tenho ouvido ás crianças phrases como estas: «*a giênte bámos brincar*», «*a giênte num dâncámos*».

D) TEXTOS

A's vezes os romancistas, os dramaturgos, e em geral os litteratos, querendo dar ás suas composições certo tom local, põem a gente do povo a fallar dialecto (1). Póde pois por aqui fazer-se ideia da falla do povo. Outras vezes apparecem mesmo textos mais extensos, embora nem sempre com rigor phonetico. A este propósito é interessante notar que num jornal de caricaturas, do Porto, chamado *Charivari*, ha várias cartas escritas em lingua popular, por satyra. O 1.º n.º d'esse jornal é de 13 de Novembro de 1886; percorri os 109 primeiros numeros, e nelles achei cartas em quasi todos até ao n.º 48 inclusivè; d'esse n.º até ao 109.º não ha nenhuma, e d'ahi em diante não sei, porque não pude obter a collecção (2). Quem falla na primeira carta é um *cidadão eleitor*, que diz ser da Callaëcia; tomando-se aqui *Callaëcia* como synonymo de todo o Minho; outras cartas porèm são datadas da *Penajoia*, terra que se escolheu de proposito, por ser uma das muitas no nosso pais cujos habitantes são apodados sem dô pelos das terras vizinhas (3). O auctor ou auctores das cartas, com quanto ás vezes tenham graça, cahiram no contra-senso de commetter propositadamente erros de orthographia, imaginando que era com elles, e não com a transcripção phonetica, rigorosa ou aproximada, da linguagem vulgar, que davam relêvo ao dizer do povo! Assim se vê lá escrito: *á* (= ha) ao lado de *chrubim*, *pençam* ao

(1) A nossa litteratura de cordel é abundante a este respeito. Já tenho publicado alguns espécimes, e tenho ainda bastantes para publicar. — Por falta de tempo não menciono aqui alguns casos em romances do Porto.

(2) Ao meu amigo Rocha Peixoto agradeço o ter-me offerecido quatro numeros.

(3) Cf. os meus *Dictados topicos de Portugal*, pag. 12, § 29.

lado de *pasiensia*, *anus* (= annos) ao lado de *anos*, *pur* ao lado de *no*, *pasçar* ao lado de *cunfeso*, *u* ao lado de *veio*, *vai-ce*, *ce*, *du*, *citio*, etc. Um mixtiforio! Ora, claro está que não é escrevendo-se *du*, *nu*, *u*, *citio*, etc., que se representa a linguagem do povo, porque toda a gente, culta ou não, pronuncia assim. Apesar das incoherencias da orthographia e do variado das fórmulas, vê-se que a linguagem que se tentou representar nestas cartas foi a do Entre-Douro-e-Minho (1): *parciom* (= pareciam), *minhã* (= manhã), *onde* (= hão-de), *saverom* (aliás -óum, = saberão), *vandulho* (= bandulho), *andom* (= andam), *cumprar* (= comprar), *mões* (= mãos), *rezom* (= razão), *saingue* (= sangue), *cunfurtarem* (= confortarem), *num* (= não, proclítico), *ventage* (= vantagem, arc. *ventagem*), *urtimas* (= ultimas), etc. Como amostra mais completa, dou aqui um fragmento da primeira carta, que eu annoto em alguns pontos:

«Savendo pur linhas travésas u quanto Vosurias istom (2) resolvidos a defender a jente (3) da nósa calácia contra os calumviadores (4) da pulitega (5) réles, eu venho umildemente pedir a Vosurias u favor de me conseeder (6) um nisquinho (7) du seu jornal pra dizer quatro coisas a tal respeito. Im prumeiro (8) lugar tenho a de-

(1) Se quem escreveu as cartas soubesse que a linguagem da Penajoia pertence a outro systema dialectologico diverso do do Baixo-Minho, não teria escolhido certamente essa terra para assumpto da satyra.

(2) Aliás *stóum*.

(3) Aliás *giênte*.

(4) Desconheço esta fórmula, que é curiosa, se é authentica.

(5) Cfr. § 20-a.

(6) O povo usa effectivamente a fórmula aparentemente impersonal pela pessoal,— isto pelo facto de *-em* se desnasalar.

(7) Como quem diz «um cantinho, um bocadito».

(8) Outra fórmula irmã de *premeiro*. Influencia da labial; cfr. § 17-b.

zer-le (1) que esti (2) ano a respeito de carneiro cum vatatas nas inleições, (3) — *quero qué déle* —, nicles (4)! I òlhe (5) quê (6) foi uma falta de todo-los diavos; porquê, infim, (7) eu cá i mais alguns rapazes du éco sempre arranjavamos uns 10 têstos (8) cada um, i o vandulho (9) xeio (10) du tal *agnós dei cum élas*, acumpanhado (11) com um verdasco (12) di xupêta! Era mesmo um fartôte di alto lá cum êle! Mais (13) u quê eu num (14) póso luvar (15) á paciencia, i u quê me léva de todo-los diavos é dezerem us priódicos que cá um ómeim (16) cumo eu num tem ópiniães (17) pulitegas!». Etc.

Com um pouco de estudo, e de bom senso no orthographar, ficavam aqui uns bellos textos de linguagem portuense, e em geral minhota. Claro está que numa orthographia phonetica ou sonica se pôde adoptar *û, nu, du*, etc. (em doc. mss. do sec. XII, em português, tenho

(1) Em ling. culta, *dizer-lhe*.

(2) O *e* final antes de vogal sabe-se que vale *i*.

(3) Cfr. § 19-a.

(4) *nicles* significa *nada*. Esta palavra não é mais, quanto a mim, que o latim medieval *nichil* (=nihil), tornado **nikel *nicle* (cfr. pop. *utel* =util; *arratle*, etc.) com a adjuncção do *-s* que se costuma juntar a certos adverbios.

(5) E', de certo, erro typographico, talvez por *ólhe*.

(6) Só se diz *quê* na pausa, por emphase.

(7) Cfr. § 19-a.

(8) =*tostões*, por zombaria. A fórma arch., ainda pop., é *testões* (cfr. fr. *teston*, it. *testone* — De *testa*).

(9) *v=b*.

(10) E' outro exemplo da pouca critica de quem escreveu a carta, pois o povo do Norte diz *ch* e não *x*.

(11) Cfr. § 7-e. O *agnós* =*agnus* é por graça *borrego*.

(12) Por *vinho verde*.

(13) Por *mas*, lat. *magis*. É muito usado no Norte e em gallego.

(14) Cfr. § 7-e. Isto é, arc. *nom* em proclise.

(15) Influencia da labial. Cfr. § 17-b.

(16) Cfr. § 4.

(17) Cfr. § 9, nota 1.

achado a serio *u* = *o*, etc.); mas mantenha-se coherentemente essa notação em todo o discurso,— porque o texto não é para os olhos, é para os ouvidos e para a intelligencia.

E) VOCABULARIO

Aguneie, *agonie* (agoniar). Por confusão entre os verbos em *—ear* e *—iar*. Derivado de *agonia*, que vem do gr. *ἀγωνία*. — Fôrma de origem litteraria.

Alurisma, aneurisma.— A fôrma intermédia é **aleurisma* por dissimilação (l... m = n... m), onde o *eu* atono foi reduzido a *u* como em pop. *Uropa* (=Europa), pop. *Ulaia* (=Eulalia). — Do lat. *aneurisma* (orig. grega). Fôrma de origem litteraria.

Amuntelia, *almotolia* (na Beira-A. *amotolia*, etc.)— Aqui a nasal provém da influencia do *m* inicial, como em *muito*, = arc. e dial. *muito*. De origem arabe, *almothi*, por dissimilação de *l...l*.

Anegrestado, *tirante a negro*, i. é, *escuro*.— A palavra decompõe-se em *a-negr-est-(ado)*, onde *-est* é suffixo analogico e raro; cfr. *agreste*.

Antre d'onte, antes de ontem.— Assim ouvi a uma regateira, mas não sei d'onde era. O *s* antes de *d* dá ás vezes *r*, como *amor-dois* (=amos dois =ambos), *dérde* (=desde), na Estremadura.

Apágár, *apagar*.— Cfr. *pàgár*, onde o *a* aberto resulta da analogia do participio *págo*. — Formado de *a-pagar* (l. *pacare*).

Aquella, Na phrase: «nãõ me faz *aquella* nenhuma», i. é, «nãõ me faz transtôrno, dũvida, etc.»

Aultũrio, *Arthur* (arredores do Porto).—A fôrma intermẽdia é **Altur* por dissimilação; segundo a regra do § 11-a, *al* deu *ãul* (ditongo).

Averdado, *tirante a verde* (côr).—Cfr. quanto á fôrma *azulado*, *amarellado*, etc. I. é, —*a-verd-ado*. Do lat. vulg. *viridis* (Schuhardt, *Der Vokalismus d. Vulg.* II, 415; Meyer-Lübke, *Gr. der Rom. Spr.* I, § 29).

Bãgár, *vagar*. Igualmente: *de bãgar*.—Aqui o *a* aberto resulta da influencia de *bãgo* (= vago); cfr. *apãgár*.—Do lat. *vacare*.

Bergina, *Virginia*.—Dissimilação de *i*... *i* e mudança de *v* em *b*; e vid. § 20-a. — Fôrma de origem litteraria. — Lat. *Virginia*.

Bolar. Nuns versos populares de Avintes (arredores do Porto) diz-se:

Eu já lhe mandei dar
Tres bolos com três bolares...

d'onde se vê que *bolar* é fôrma pedida pela rima (allitteração), como ha mais casos na nossa lingua.

Bórta, *volta*. (Vid. § 11-a). — Do lat. vulg. *volta*. (Meyer-L., *Gr.*, I, § 325).

Cangriêna, *gangrena*. (Vid. § 13-a). — Do lat. *g a n g r a e n a* (orig. gr.). — Fôrma de origem litteraria.

Cheminê, *chaminé*.—A fôrma popular é que é neste

caso a primitiva, pois corresponde immediatamente ao francês *cheminée* d'onde provém. A fôrma *chaminé* resulta da outra talvez por analogia com *chamma*. Em algumas partes o povo diz *chuminé* por influencia da labial: cfr. § 17-b. — Digo que a fôrma vem do fr., pois, sendo a base o b. l. *caminata*, não podia *c + a* dar *ch* em port., o que porém é normal naquella ling.; cfr. *cheval* = l. *caballus*, etc. Para a origem vid. Diez, *Et. W.*, I, s. v. *caminata*.

Cuoiço, *coisa* (synonimo de *homem*, em sentido depreciativo). — Esta expressão usa-se tambem no Minho (Vieira), etc. No jornal *O Penafidense*, n.º 562, lê-se, pag. 2: «ó *coiso*, dá cá os parabens»; se a memoria me não falha, a mesma expressão vem tambem no opusculo *Os meus plagios* do Sr. Alves Mendes. — A origem de *coisa* (*cousa*) é o lat. *causa*.

Córla, *colera*. Assim ouvi a um individuo. — Do lat. *cholera*. — Cfr. *melro* e *merlo*.

Cunfiêso, *confêso*, *confissão*. — É commum a outras regiões. Subst. verbal de *confessar*, como noutros pontos *batizo* (subst.). (Esta palavra, com quanto a eu ouvisse no Porto, não sei se é de lá). — As varias linguas romances mostram que o etymon de *confessar* é uma fôrma lat. **confessare*, do supino *confessum*.

Cuntia, *quantia*. Por intermédio de *còntia* (cfr. § 7-e), que se usa noutras partes; em gall. tambem *contia* (*Dicc. gall.* de V. Nuñez).

Cũôrmo, *colmo*. Vid. § 10-c e § 11-a. — Do lat. *culmus*.

Cussigo, *comsigo*. Ex.: «eu binha *cussigo*» (co-sigo). Vid. § 7-f.

Custipar, *constipar*. Vid. § 7-f.

Demióum, *Damião*.—Cfr. *Deniel* (=Daniel), usada na Beira-Alta.

Desapartar, *apartar*.—Aqui o prefixo *des-* refôrça a ideia fundamental, como em *desinquieta* (=inquieta), *desinfeliz* (=infeliz), etc.—Isto é, *des-a-part-ar*; o radical é *parte*.

Desmenuir, *diminuir* (pop. *deminuir*).—A syllaba inicial *de* foi substituida analogicamente pelo prefixo *des-*, que contém a ideia de destruir, apoucar, etc., como em *desbastar*, *desarranjar*, *desfazer*, e outros. Cfr. *desapartar*.—Do lat. *diminuere* (cfr. cast. *diminuir*, it. *diminuire*).—Fôrma de origem litteraria.

Desnucar, *deslocar*.—Dissimilação das linguo-dentaes.—De *des-* + lat. *locare*. Origem litteraria.

Destiempo, *fôra do tempo*. Ex.: *ó destiempo*. Cfr. *a deshoras*. Vid. *desminuir*.

Fueiro, *estadulho*.—Do lat. *funarius*.

Fuligem. Assim se diz no Porto: lat. *fuligo*, -inis. Na Galliza *fluje* (adj. *flujento*) e na Beira-Alta *felugem*.—Se a fôrma é de origem popular, resta explicar a manutenção do *l* intervocalico.

Fũôsko, *fusco*. Ex.: «vidro *fũôsko*».—Do lat. *fuscus*.

Gaz, nome que se dá tambem ao petroleo, como na

Beira-Alta. — Do fr. *gaz*, que tem origem historica (vid. Brachet, *Dict. étym. fr.*, s. v.).

Gómito, *vómito*. — Do lat. *vomitus*. Sobre *g = v*, vid. Meyer-L., *Gr. der Rom. Spr.*, I, § 416. — Orig. semi-pop.

Hóme, *homem*. Cfr. § 7-d. Muito vulgar no Norte. — Do lat. *h o m i n e* (m), através do arc. *homêe*. A desnasalização que aqui se deu, e que nesta e noutras palavras semelhantes é vulgarissima no Norte, deu-se tambem em *nome* (hoje pop. e litter.), que vem do arc. *nomê* (no cap. III e XII da *Hist. de Vespesiano*, sec. xv, se não erro typographico, pois apparece muitas vezes *nome*), do lat. **n o m i n e m*, de *n o m e n*, que de neutro passou a masc., como tambem succedeu com *v i m e n*, d'onde o port. *vimem*, que deve ter vindo de **v i m i n e m*; cfr. cast. *vimbre* e *nombre*, que não podem vir de *v i m e n* e *n o m e n*, mas só de **v i m i n e m* e **n o m i n e m*.

Inneições (lêde *ineições*), *eleições*. — No povo do Norte o *i* inicial tende para se nasalar, dizendo-se assim tambem *ileições*; depois o *l* foi assimilado á nasal precedente, como em arc. *co'no = com lo*; *no = arc. eno = arc. em no = em lo*; arc. *até no = até lo*. — A fôrma *eleição*, do lat. *electionem*, tem cunho semi-litterario.

Inundear, inundar. Esta fôrma creio ser privativa do poeta Guilherme Braga, que a empregou nas *Heras e Violetas*, Porto 1869, nestes versos, pedida pela rima:

Ai! nem valeis sequer os grãos de areia
Que revolve o Simoun e que *inundêa*
Dos desertos o Sol.

Do lat. *inundare*. Orig. litteraria.

Invaporar, evaporar. Cfr. § 19-a. — L. *evaporare*. Orig. litter.

Malcriadeza, *má criação*. — Formada pelo suffixo *-eza*, que alterna em port. com o suff. *-ez*, aquelle do lat. *-itia*, este do lat. *-ities*, onde *-tie* deu *-z*, como em *assáz*, que vem não de l. *ad-satis*, como dizem todos, mas do lat. *ad-satiem*, que apparece em Juvencus, de *satis*, *-ei* (cfr. port. arc. *az* = l. *aciem*); esta minha explicação de *assaz* é confirmada pelo cast. *assaz* (cfr. cast. *haz* = l. *faciem*); nem o cast. nem o port. podião vir phoneticamente de *satis* (cfr. port. *amaes* = l. *amatis*), podendo vir porém o fr. *assez* (cfr. *aimez* = l. *amatis*), e o prov. *assatz* (cfr. *-atz* = *-atis*). Ha varios adv. lat. assim formados, como *admodum*, *adfatum*, etc., de *ad* com um accusativo.

Mãôr, *maior*. — Cfr. *saote*. — Do lat. *major*.

Máquina, *machina*. — Do lat. *machina*. De origem litteraria.

Medũorra, *modorra*. — Sobre a etym., que é duvidosa, cfr. J. Cornu, *Die portug. Sprache*, § 121.

Mêmo, *mesmo*. — Só em proclise; nos outros casos *mesmo*. — Da fôrma arc. *meesmo* = **medesmo* (cfr. it. *medesimo*) = lat. *medipsimus* (cfr. Meyer-Lübke, *Gram. der Rom Spr.*, I, 443; se a origem fosse *metipsimus*, o *d* deveria talvez ter-se conservado em port.).

Mêricano, ou **amêricano**, *carro-americano*. — O *e* aberto resulta da influencia do de *América*.

Mulésta, *molestia*. — Do lat. *molestia*. Origem litteraria.

Nubéla, *nuvem pequena*. — Deminutivo de *nube* (a par

de *núbia*, fórmãs ambas populares no Norte). Do lat. *n u b e* (m), por meio do suff. *-ello*. A nasal da fórmula litt. *nuvem* pôde ter sido por falsa analogia com outros nomes em que a fórmãs litt. nasaes correspondem fórmãs populares sem nasal, como talvez *bágem* (pop. *bage*) que é, quanto a mim, supposto primitivo de *baginha* (assim se diz na Beira-A.), do lat. *v a g i n a*. — Com o nosso pop. *nube* cfr. cast. e ital. *nube*, fr. *nue*. — Outros exemplos de nasalção adventícia creio estarem em *pagem*, do fr. *page*, e no pop. *avem*, de *ave*.

Pagadeira, *pagadora*. De *pagar*.

Págar, *pagar*. — Vid. *apágar*.

Penaríz, panarício. — Do lat. *p a n a r i c i u m*. Fórmula de origem médica.

Piêsa, *pêsa*. Ex.: «num se *piêsa*». — Esta deve ter sido a pronúncia geral antigamente, pois ainda hoje se diz *pêsame* e *pêsames*; a fórmula *pêsame*, que se decompõe em *pêsa-me*, foi tomado como subst., e porisso recebeu plural. — A gente da Beira-Baixa ouvi também *pêsa* (de *pesar*, no sentido de *pêso*). — Do lat. *p e n s a r e*.

Premeiro, *primeiro*. — Do lat. *p r i m a r i u s*.

Prêncípio, *princípio*. — Do lat. *p r i n c i p i u m*. Fórmula de origem litteraria.

Pũôs (vid. § 22). — Quando acima, no § 22, not., dei como sendo nova a etymologia de *pôr* (infinitivo baseado em *porei* = *poerei*), havia-me escapado que já o Sr. J. Cornu a apontara no seu excellente estudo *Die portug. Sprache*, § 296. Os que trabalham com o mesmo methodo

chegam muitas vezes a resultados identicos, embora independentes. Mas julgo de meu dever indicar aqui a prioridade da observação do meu amigo Sr. Cornu. A mesma comprovação que elle dá de *moesteiro*, tornado *mosteiro*, me tinha a mim occorrido tambem!

Queimũôr, calor, que faz queimar. — E' formada semelhantemente a *pintor* de *pintar* (ex.: «o *pintor* das uvas», Norte). Aqui *pintor* é outra palavra diversa da que provêiu do lat. *pictorem*: esta exprime o agente, aquella a acção, qualidade, etc.). Sobre a etym. vid. Cornu, *Die port. Spr.*, § 7; e Meyer-Lübke, *Gram. der Romanischen Sprach.*, I, 180.

Queridade, caridade. (Quanto ao som, cfr. *meniar* = *manear*). Do lat. *caritate* (m).

Reflêtario, refractario. — O *l* resulta de dissimilação; o *ê* tornou-se aberto por analogia de *reflêctir*, *reflexão*, etc., e não por influencia do *c* que não existe na pronúncia de *refractario*, palavra moderna e de orig. litteraria (l. *r e f r a c t a r i u s*).

Réins (fem.), *rins*. — Ex.: «estou hoje com dôres nas *réins*». Lat. *renes*; mas houve mudança de genero.

Rúim (monosyll.), *ruim*. — O *u* attrahiu o *i*, formando ditongo com elle, facto mui vulgar no Baixo-Minho. A etym. já dada pelos nossos AA., acceita tambem por J. Cornu, *Die. Port. Spr.*, § 304, é l. *rūina*; mas offerece certas difficuldades (cfr. *arruinhar*, pop. e arc.; e cfr. cast. *ruina* ao lado de *ruin*): talvez de uma fórmula **ruine* (?).

Sáote, saiote. — Cfr. *maor*, etc. — Deriv. de *saia* com o suff. *-ote*.

Scuitar, escutar.—De *escuitar* (arc.)=l. v. *auscultare* (l. *auscultare*). Vid. § 21-a.

Selatiba, sedativa. Na expressão pharmacologica *água selativa*. Dissimil. de *d...t*. Formação analogica: **sedativus* (cfr. fr. *sédatif*). De origem medica.

Sismátego, *scismatico*.—Nos esdruxul. o *-ico* tem tendencia no Norte para mudar-se e *-eco* (*-ego*), por ex.: *Viá-tego*, *asnátego*, etc. Vid. § 20-a. — L. *schismaticus*. Origem litteraria.

Suféca, *sufóca*. — Assenta em *sufecār* = **sefucar* = *suffocar* = l. *suffocare*. Fórma de origem litteraria.

Súme-te, *sóme-te*. Cfr. também o imperat. arc. e pop. *fuge* (litt. *foge*). Parece que do lat. *sumere*.

Suprimiento, *supplemento*.—O grupo *pl* dá às vezes *pr*. Fórma moderna. L. *supplementum*.

Tife, *typho*. — Do l. *typhus* (orig. grega). — Fórma litteraria.

Tizeco, *tisico*.—Cfr. *sismátego*. — Também é fórma moderna. Lat. *phthisicus*.

Ūa, uma.—Vid. supra, § 23. — Lat. *una* (cfr. *lũa* = *luna*).

Ugual, *igual*.—Cfr. ital. *uguale* (Assimilação do *i* de *iguale* au *u*: vid. Caix, *Rivista di Filog. romanza*, II, 73; e Meyer-Lübke. *Gr.*, I, § 359). — Do lat. *aequalis* (i. é, *equalis*).

Úrtimo, *último*. Vid. § 11-a. — Do lat. *ultimus*. — Talvez fôrma de origem litteraria.

Viêla, travessa, ou rua pequena — Demin. de *via*.

Xiculate, chocolate. — A fôrma intermédia é *chocolate* que tambem se ouve algures. — Para a etym. Vid. *Dict. d'etym. fr.* de Scheler, s. v. *chocolat*.

Pelo ditongo *-óum* nos casos mencionados no § 7-a, abertura do *a* nasalado e do *a* antes de consoantes nasaes, pelo som *æi*, oral e nasal, pela reduçãõ do *e* inicial + *s impuro* a *s*, pela gutturalizaçãõ das nasaes, juntamente com a confusãõ do *b* com o *v*, por certos modos de evitar os hiatos, e certos factos de morphologia, phraseado e vocabulario, — a linguagem do Porto entra no systema geral do *dialecto interamnense* (1); pelo modo de tratar o *ô* e o *é*, o *on* e o *en* atonos, e a syllaba constituida por *vogal + l*, — factos que sãõ muito e muito caracteristicos, — faz parte do *sub-dialecto baixo-minhoto* (2); finalmente, pelo seu *s* e *z* especiaes, além da entonaçãõ geral, etc., constitue uma *variedade* nesse sub-dialecto (3).

Lisboa, Março de 1890.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(1) Cfr. os meus *Dial. interamnenses*, VIII, pg. 23, e *Rev. Lusit.*, I, 192. — Chamo *dialecto interamnense* ao que se falla no Entre-Douro-e-Minho.

(2) Cfr. *Dial. interamn.*, VIII, pg. 23.

(3) Cfr. *Dial. interamn.*, VIII, pg. 23-nota.

CONTRIBUIÇÕES

PARA A

FAUNA MALACOLOGICA DA MADEIRA

II

A memoria publicada em 1888 no *Instituto* (1) sobre a fauna malacologica da Madeira comprehendia um numero bastante limitado de molluscos d'aquelle interessante grupo de ilhas. O numero de especies então colligidas acha-se sensivelmente augmentada pelas continuas investigações do snr. Ernesto Schmitz, cujo resultado agora apresentamos.

O numero das especies mencionadas é ainda inferior ao que foi indicado por Watson, e assim é de crêr, attendendo ao character tão complexo d'esta fauna que progressivamente mais interessante se nos apresenta sob o ponto de vista da distribuição geographica das especies, á medida que novas investigações nos vão fazendo descobrir n'essas ilhas typos caracteristicos das agoas do mediterraneo e da costa occidental da Africa.

A dispersão d'algumas especies é muito notavel e as modificações que os typos especificos ahi soffrem em resultado das condições de meio, temperatura, natureza dos terrenos, etc. não o é menos.

(1) Contribuições para a fauna malacologica da Madeira *in Instituto*, 1888.

Crêmos bem que, assim como os typos específicos, que ahí soffrem modificações que os chegam a transformar em especies de transição são muito numerosos, o numero de especies novas tambem deve ser elevadão attendendo ao sufficiente isolamento d'estas ilhas e á profundidade das agoas que as cercam.

A fauna profunda das agoas circumvisinhas dos Açores demonstra-o claramente.

Porto, Junho de 1891.

AUGUSTO NOBRE.

CEPHALOPODA

SPIRULIDEOS

SPIRULA

Spirula Peroni, Lk.

Spirula Peronii, Lk. *Anim. s. vert.*, p. 601, vol. I.

Hab. Madeira; Porto Santo, no Ilheu de Baixo.

GASTEROPODA

OPISTOBRANCHIATA

AURICULIDEOS

PEDIPIES

Pedipes afer, Gmelin (Helix).

Pedipes afer, Gmelin. Drouet — *Mollusques des Açores*, p. 25.

Hab. Madeira.

SCAPHANDRIDEOS

CYLICHNA

Cylichna cylindracea, Pennant (Bulla).

Cylichna cylindracea, Penn. — Sars. *Moll. Norvegiæ*,
p. 283, pl. 17. f. 12, Christiania, 1878.

Hab. Madeira.

BULLIDEOS

BULLA

Bulla ampulla, L.

Bulla ampulla, L. — Lamarck, *Anim. s. vert.* vol. VI,
p. 33. D'Orbigny, *Mollusques des Canaries*, p. 45.

Hab. Madeira. Os exemplares que teem sido recolhidos na Madeira
são inteiramente identicos aos das costas da ilha de S. Thomé.

UMBRELLIDEOS

UMBRELLA

Umbrella mediterranea, Lamk.

Umbrella mediterranea, Lamk. — Payrandeau, *Mollus-
ques de Corse*, p. 92, pl. 4, f. 4.

Hab. Madeira, rara.

RINGICULIDEOS

RINGICULA

Ringicula conformis, Monterosato.

Ringicula conformis, Monterosato — *J. de Conch.*, p.
44. pl. 11 f. 4 — Paris, 1877. — *Conchiglie medit.*,
p. 140, Palermo, 1884. — Morlet, *Monogr. g. Ringi-
cula*, Nobre, *Contrib. p. fauna da Madeira*, p. 16.

Hab. Bahia do Funchal; recolhida em abundancia nas dragagens
effectuadas n'esta bahia.

Ringicula Someri, de Folin.

Ringicula Someri, de Folin, — Morlet, *Monogr. du genre Ringicula* in *J. de Conch.*, vol. II. — Nobre, *Contrib. p. fauna malac. da Madeira*, p. 16. Coimbra, 1889.

Hab. Dragagens na bahia do Funchal.

S.-O. — **DIOTOCARDIOS**G. — **ZYGOBRANCHIOS**

(DYAL.)

RHIPIDOGLOSSA**HALIOTIDEOS****HALIOTIS****Haliotis tuberculata, L.**

Haliotis tuberculata, L. Hidalgo. *Mol. mar. d'España* pl. 29, f. 1-3. — Nobre, *Contribuições*, p. 11.

Hab. Funchal, Porto Santo, Desertas.

EMARGINULA**Emarginula Sicula, Gray.**

Emarginula reticulata, Risso.

Hab. Madeira, dragagens no Caniçal.

DOCOGLOSSA**TECTURIDEOS****TECTURA****Tectura virginea, Müller.**

Tectura virginea, Müller (Patella). — Jeffreys, *British Conchology*, pl. 58, f. 4.

Hab. Funchal.

PATELLIDEOS

PATELLA

Patella vulgata, Lin.

Patella vulgata, L. Hidalgo, *Moluscos mar.*, pl. 52,
f. 1-8; pl. 53, f. 7-8.

Hab. Funchal, Desertas.

Patella cærulea, Lin.

Patella cærulea, L. — Reeve, *Conch. icon.*, pl. 13,
f. 28. — Hidalgo, *Moluscos marinos*, pl. 50, f. 1-8;
pl. 51, f. 1-2. — Nobre — *Contribuições*, p. 10.

Hab. Desertas, Funchal.

VAR. *subplana*,

Hab. Desertas.

VAR. *stellata*,

Hab. Desertas.

Patella plumbea, Lk.

Patella plumbea, Lk. *Anim. sans. vert.*, vol. I, p.

Hab. Funchal, Desertas.

s.-g. *Patellastra*, Monts.

Patella lusitanica, Gm.

Patella lusitanica, Gm. Hidago, *Moluscos d'España*,
pl. 51, f. 3-8.

Hab.

Calyptræa chinensis, L.

VAR. *spirata*,

Hab. Madeira.

G. — AZYGOBRANCHIOS

SEC. — CHIASTONEUROS

(DYAL.)

TURBONIDEOS

TURBO

Turbo rugosus, Lin.*Turbo rugosus*, L. Bucq. Dautz. et Dollf., *Moll. du Rouss.*

Hab. Madeira.

EUDORA

Eudora pullus, L. (*Turbo*).*Phasianella pullus*, Bucq. Dautz. et Dollf., *Moll. du Rouss.*, p. 337, pl. 39, f. 1-8, 11-12. Nobre, *Contribuições*, p. 11.

Hab. Funchal, dragagens no Caniçal.

PHASIANEMA

Phasianema costatum, Brocchi (*Nerita*).*Fossarus costatus*, Brocchi, Bucq. Dautz. et Dollfus, *Moll. du Rouss.*

Hab. Funchal.

(Continúa).

AUGUSTO NOBRE.

VARIA

EXPLORAÇÕES ARCHEOLOGICAS

MEGALITHO DA MAMA DO FURO

No anno passado tinham-se descoberto nas visinhanças do Cabo Mondego, ao poente da estrada municipal da Figueira a Quiaios, duas series de monumentos muito interessantes. Uma era formada por alguns tumulos ou *mammoinhas*, que até então se suppunha que não existiriam para o lado do O. da pyramide geodesica de 1.^a classe, que ha no alto da Serra, ao norte de Quiaios. Outra, pelas ruínas soterradas de um povoado, nas proximidades da Amortinheira, entre os dois pequenos valles d'Anta e da Espadaneira.

Alguns reconhecimentos alli fizemos em outubro, para termos a certeza d'estas descobertas; mas, sendo muito trabalhosa e demorada a exploração, não a encetámos, por ser a epocha impropria.

Foi só no corrente mez de setembro que abrimos esses trabalhos, cujos resultados vamos noticiar ligeiramente.

Rompeu-se um grande *tumulus*, em fórma de cone truncado, conhecido pelo nome de *Mama do Furo*, ao N. magnetico de Buarcos, no alto da Serra, dois kilometros seguramente ao O. do Casal da Serra, nas visinhanças da solitaria capellinha de Santo Amaro. Os terrenos d'esta região são baldios, agrestes, cobertos de matto rasteiro e cheios de depressões a que os povos da Serra dão o nome de *Algarves*.

Começou a excavação do monumento pelo lado de L., justamente na mesma direcção da galeria da grande anta das Carniçosas. Depois atacou-se verticalmente o centro do cone. O solo, superficialmente, estava muito compacto e endurecido; mas, á medida que a excavação descia, a terra era mais branda e por fim muito solta e pulverulenta. No centro descemos até ao solo natural.

Assim puzémos a descoberto parte d'uma galeria coberta e as ruínas d'uma camara sepulchral. A parte da galeria tinha 1^m,95 de comprimento por cerca de 0^m,8 de largura. Era formada por dois supportes de grés, orientados a L. O., que sustentavam uma *meza* delgada da mesma rocha. Na mesma direcção, seguindo para a circumferencia do tumulo, encontraram se muitos fragmentos de pedra que naturalmente faziam parte das lages do resto da galeria.

Na camara encontraram-se duas grandes lages tombadas do lado do norte, um fragmento do lado do sul e uma pequena lage cahida na bocca da galeria.

Mas o facto mais interessante, que aliás não nos surpreendeu, foi não encontrarmos vestigio algum de ossos humanos nem de objectos da primitiva industria. Nada! Apenas fragmentos de ceramica moderna e alguns carvões que tambem não nos parecem antigos. Notámos, porém, que ao fundo da camara e galeria o entulho estava um pouco empastado.

E não nos surpreendeu aquelle facto, não só porque já assim havíamos encontrado uma das antas das Carniçosas, mas porque na propria região que exploravamos, proximo da referida pyramide geodesica, tínhamos achado no *tumulus* denominado *Mammoinha de José Marques* os vestigios d'um megalitho sem outros objectos que indicassem o homem.

Um dos nossos trabalhadores disse-nos que lhe constava terem ha muitos annos explorado a *Mama do Furo*, para lhe arrancarem as lages, umas para mós de moinhos, outras para construcções.

Este facto explica o estado em que encontrámos o monumento; mas a ausencia de vestigios d'inhumações e da industria primitiva? Como explicar que não tivesse apparecido uma esquirola d'osso, ou um fragmento da ceramica nos entulhos cuidadosamente examinados?

A resposta é difficil. Mesmo admittindo a hypothese de que os exploradores das lages, encontrando uma sepultura, removessem os ossos, não é crível que levassem todos os miudos fragmentos d'estes e quaesquer outros objectos.

Entretanto a descoberta do monumento, em si, é já importante, como faremos notar opportunamente.

RUINAS DA ESPADANEIRA

Dois kilometros aproximadamente para o N. do monumento de que acabamos de fallar, démos nas ruinas de umas seis casas. Afloravam o solo compacto, de terra vegetal, coberto de matto, que fica proximo das altas rochas da *Bandeira*, entre os dois pequenos valles da *Espadaneira* e de *Anta*, umas pedras de pequenas dimensões, de calcareo local, formando mui nitidamente figuras quadrangulares, que o relevo do terreno em que se achavam mais fazia sobresahir.

Excavámos o espaço interior d'uma d'estas figuras, e puzémos a descoberto os alicerces de uma casa, feitos só de pedras, a que se dá o nome de alvenaria *em secco*. No entulho, muitas cinzas e carvões, e muitos fragmentos de ceramica. Entre elles, parte do rebordo d'uma telha romana.

Depois fizémos excavar parte de outra casa semelhante, apparecendo no entulho fortemente concreccionado os carvões e as cinzas, fragmentos de vasos e uma especie de prego de ferro, grande, mas extraordinariamente corroido pela oxydação.

Em cada uma das casas notámos, no pavimento formado pelo solo natural, uma lage assente junto a uma das paredes.

Estas casas são evidentemente da mesma epocha das ruinas de Porto

Saboroso, proximo de Brenha, onde encontrámos uma casa semelhante, com fragmentos de vasos tambem semelhantes e alguns pedaços de calça.

Os fragmentos de vasos têm todos os caracteres da roda do oleiro, e uma restauração que emprehendemos apresenta-nos uma fôrma singularissima.

Difficil, porém, é por enquanto fazer um juizo sobre estas ruinas. Parece não haver duvida que são dos tempos historicos; mas da epocha romana, ou posteriores? Alguem se lembrou da Citania de Briteiros; mas a ceramica é differente. Só depois d'uma exploração em maior escala e de um estudo detido dos objectos, arriscaremos uma opinião sobre este assumpto.

Figueira da Foz, 17 de setembro de 1890.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

CORRECÇÃO

No artigo do numero precedente (pag. 46) intitulado: — *Effets de la semi-domestication sur le daim* — deve seguir a phrase «contenant un dépôt quaternaire riche en restes de vertébrés» ás palayras «370 mètres», da linha 24.

BIBLIOGRAPHIA

Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos
de Portugal — Tomo II — Fasc. I — 1888-89

I—F. PAULA E OLIVEIRA—*Note sur les ossements humains existants dans le musée de la Commission des travaux géologiques.*

Este trabalho do nosso fallecido anthropologo constitue integralmente o capitulo *Anthropologie* da obra notavel do sr. Cartailhac «*Les Ages Préhistoriques en Espagne et Portugal*» e, com algumas modificações, a memoria contida no Relatorio do Congresso de 1880.

Já em outra publicação, sob o titulo d'esta Sociedade, nos occupamos d'este trabalho prestando minguada e justa homenagem á memoria inolvidavel do seu auctor, muito trabalhador e muito modesto. Este facto e a sua vulgarisação no mundo dos especialistas por intermedio do livro do sr. Cartailhac, dispensa-nos a repetição de notas bibliographicas anteriores a esta nova edição do excellente trabalho de Paula e Oliveira, assim como das conclusões, já bem conhecidas, que dos seus estudos se inferem como valiosos subsidios para a nossa anthropologia prehistorica.

II—ALFREDO BEN-SAUDE—*Note sur une météorite ferrique trouvée à S. Julião de Moreira, près de Ponte de Lima (Portugal).*

Estudo interessante e valioso, pela natureza especial do assumpto — a meteorite de S. Julião, primeira estudada em Portugal — e pela precisão do methodo, clareza e correcção de analyse bem sabidas nos trabalhos do dr. Alfredo Ben-Saude, tão estimados entre nós, quanto apreciados entre os especialistas estrangeiros.

Este estudo foi feito em alguns fragmentos da meteorite (Museu da Comissão dos trabalhos geologicos), cujo estado de decomposição

faz suppor ao nosso distincto mineralogista uma data pouco recente para o phenomeno da sua queda. Estudadas as propriedades physicas e chimicas do mineral meteorico, em que são notados com notavel minucia, pelo exame microscopico, os caracteres da corrosão pelos acidos, figuras caracteristicas, propriedades crystallographicas, systemas de clivagem, etc., é separado o specimen nos seus elementos (ferro, troilite, um phosphoreto e graphite), observados quanto ao seu valor chimico e caracteres especiaes; em seguida conclue o dr. Ben-Saude por lhe marcar o logar, que lhe definem as suas propriedades mineralogicas, nas classificações actualmente mais usadas: grupo (b) de Rose, holosidero de Daubrée e ferros hexaedricos brechiformes de Brezina.

III — DR. WELWITSCH — *Quelques notes sur la géologie d'Angola, coordonnées et annotées par M. Paul Choffat.*

O dr. Welwitsch foi encarregado em 1850 pelo governo portuguez da exploração scientifica da provincia de Angola, onde se demorou sete annos, passados os quaes, e de volta, se fixou em Londres para estudar specimens colhidos nas suas explorações, fallecendo em 1872, sem deixar completa a sua obra.

A botanica era o fim principal das suas pesquisas, e os trabalhos sobre este ramo da sua especialidade foram publicados nos *Annaes do Concelho Ultramarino* — outros colligidos por Bernardino Gomes e A. Morelet. Não desprezou, porém, as observações geologicas que, sob a fórma de notas, para uso pessoal, o sabio geologo sr. P. Choffat apresenta n'este seu trabalho, com alguns desenhos originaes de panoramas do littoral, perfis e córtes, cujo merito está — faz notar o sr. Choffat — em terem sido executados por um naturalista e não um paisagista, sem sacrificar ao pittoresco os caracteres da natureza.

Estas notas, geralmente sem ligação alguma, teem no entanto o valor de procederem de um observador meticoloso, como era Welwitsch, e innegavelmente uteis a futuros estudos geologicos n'aquella nossa provincia africana. Tendo-as methodisado e annotado, o sr. Choffat tornou-as um conjuncto ordenado e interessante de observações, profusamente esclarecidas com a sua larga competencia sobre o assumpto.

IV — J. F. NERY DELGADO — *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e alabastro de Santo Adrião e das grutas comprehendidas nos mesmos jazigos.*

Estes jazigos, celebres pela momentanea popularidade na nossa imprensa diaria, e mais notaveis ainda pela sua importancia industrial, constituem uma longa facha de 6 kilometros comprehendida nos districtos de Vimioso e Miranda do Douro. Do seu reconhecimento pelo nosso eminente geologo Nery Delgado, resultou a constatação d'esta descoberta duplamente valiosa: a pureza dos calcareos crystallinos e

alabastros calcareos em condições de jazigo verdadeiramente notáveis, e o valor archeologico das suas grutas, fonte de documentos sempre interessantes para o nosso passado préhistorico.

No monte de Ferreiros, ponto culminante d'esta formação, deu-se começo ás pesquisas preliminares da exploração dos jazigos. Ahi a erupção granitica, dobrando as camadas subjacentes do siluriano, concorreu, pela sua acção poderosa de metamorphismo, para o aspecto crystallino dos calcareos e o caracter maclifero dos schistos. E' nas zonas proximas á mancha granitica que se encontram os marmores mais puros pela sua fina contextura, de uma côr branca nacarada, excellentes — como faz notar o sr. N. Delgado — para ornamentação e estatuaria. E' este o termo mais alto na escala d'estes marmores, que vão variando chromaticamente até ao cinzento-azulado e pardo-amarellado, dispostos em fachas distinctas, tambem diferenciaveis pela sua textura especial.

O alabastro calcareo — a primeira vez descoberto no paiz em jazigos de importancia commercial — precipitou-se da agua que circulava pelas fendas, algares e grutas abertas no calcareo por corrosão anterior. Ha todas as presumpções de que seja vasta a extensão d'estes vazios interiores, alguns completamente cheios do precioso deposito branco nebuloso, geralmente zonado e sempre de uma translucidez notoria.

A' riqueza d'estes jazigos, que o sr. Delgado considera inexgotaveis quanto aos marmores, acrescemos circumstancias felizes de uma lavra facil, e a ausencia de marmores no norte do paiz e provincias adjacentes de Hespanha. E isto basta para confirmar o valor industrial d'esta formação calcarea, cuja importancia bem merece como subsidio a attenção dos nacionaes e especialmente das artes e industrias respectivas, que alli teem um deposito permanente de valiosa materia prima.

Descobriram-se já n'esta formação de calcareos quatro grutas, « de Ferreiros, gruta Grande, gruta da Ribeira e gruta do Geraldés ». Não se completou ainda a exploração d'estas grutas, a qual, de accordo com as pesquisas em outras estações exhistoricas dos arredores, produziria alguma luz sobre as relações, para o nosso paiz, entre as civilizações neolithicas, do bronze e proto-historica.

Na interessante memoria do eminente geologo são, comtudo, apresentados desenhos de alguns objectos de pedra e metal, entre os quaes resalta pela novidade uma folha de punhal de bronze, proveniente do Alto de Pereira, reforçada por um seio longitudinal e ornada com 3 estrias parallelas ao gume.

(Conclue).

R. S.

NOTICIA

AS CONFERENCIAS DO DR. JULIO DE MATTOS SOBRE O CASO CHARLES PETIT

(SIMPLES COMPTE-RENDU)

O dr. Julio de Mattos, illustre presidente da *Sociedade Carlos Ribeiro*, uma das mais lucidas figuras do mundo medico portuguez e um dos espiritos mais nitidamente formados da moderna geração de psychiatras, realisou uma série de conferencias sobre Charles Petit, cidadão francez condemnado a uma reclusão penitenciaria de dois annos pela responsabilidade moral d'um crime de roubo, seguido de tentativa de assassinato. Começou o illustre conferente por declarar que nada o surpreendeu a noticia da condemnação, facto banal ainda hoje pela divergencia que se accentua entre os interesses sociaes, filhos da tradição, e as affirmações medico-legaes, consequencia logica das investigações scientificas. Nos centros em que, pela crescente intensidade intellectual, as ideias modernas tem uma mais ampla acolhida, em Pariz, na Italia, mãe da psychiatria moderna, semelhante facto é ainda hoje vulgar e uma victoria certa para o arbitro dos legistas

Um simples golpe de-vista sobre as linhas dominantes do crime, um exame psychologico geral sobre as circumstancias do roubo, demonstram logo uma anomalia moral e a falta, no criminoso, dos dois sentimentos que constituem a base moral do homem civilisado e que são uma aquisição das raças superiores: o sentimento de probidade e o sentimento de piedade, respeito da propriedade e respeito do individuo. Estes sentimentos geram-se na marcha ascencional da especie e, pela sua supremacia e intensidade, abafam os instinctos da rapacidade e homicidio. Estes, adormecidos no fundo da natureza humana, agitam-se e rugem, filões atavicos de uma longinqua existencia do crime, e gritam dominando o valor dos sentimentos adquiridos, quando uma circumstancia estimulante faça accordar no homem esses restos da animalidade primitiva. No homem normal, as aquisições do civilisado triumpham, os sentimentos de equidade mantem-se.

Para o caso em questão, visto como psychologo, a ausencia d'esses factores de resistencia bastava, a anormalidade moral ficava demonstrada, mas como psychiatra era insufficiente, e a filiação de Charles Petit n'uma classificação criminogene impunha-se para ser completa á monographia do curioso degenerado. Integrou-o, pois, na classificação de Ferri, historiando-a com os varios typos de criminosos que ella compre-

hende: predomínio das circumstancias criminogenes extrinsecas, typo de transição predomínio das circumstancias criminogenes intrinsecas. Charles Petit não podia pertencer á primeira cathegoria visto que as suas circumstancias de meio lhe eram regularmente favoraveis; vivia sem difficuldades, recebia dinheiro do pae e tinha mesmo de receber uma pequena quantia do empregado contra quem attentára. Não era tambem um typo de criminoso profissional visto que era aquelle o primeiro crime da sua vida; forçoso era incluil-o no typo de Ferri, — criminogene dos em que predominam as circumstancias intrinsecas: ser inferior em que a anomalia psychica é profunda, em que a influencia das causas extrinsecas desempenha um factor insignificante ou nullo.

O typo humano representa, na sua evolução individual, a philogenese da especie. Na creança dá-se a falta dos sentimentos altruistas que caracterisam o homem perfeito physiologicamente; são os representantés do homem no estado selvagem: correspondem ao periodo denominado pre-moral. Ora no desenvolvimento regular das suas facultades, passa o typo humano por um certo numero de *étapes*, periodos de transicção cuja sequencia logica se encadeia sem perturbações funcçonaes no individuo normal, e que corresponde, no homem pervertido, a epochas criticas durante as quaes n'elle se dá uma excitação manifesta. Charles Petit tinha dezeseis annos, periodo da puberdade, estado de transicção para o desabrochar completo dos sentimentos altruistas. Era uma das epochas criticas da sua vida de degenerado hereditario: as circumstancias intrinsecas deviam gritar n'este periodo de indecisão physiologica com uma intensidade forte; o terreno preparado por toda uma familia de nevrosados devia surgir agora para a sua acção psychica. Analysando além d'isso o periodo infantil do criminoso vê-se que n'elle, segundo testemunhos de familia que devem ser tidos por insuspeitos, vista a ignorancia dos paes e a curiosa precisão dos documentos que lhes dá um valor de documento clinico, se deram crises de ordem convulsionante com allucinações auditivas. Um dia lançára se pela janella suppondo que o chamavam da rua. Iguaes accidentes se deram aos tres, aos sete e aos dez annos do rapaz. Toda a serie de condições physiologicas expressas no documento que leu, não podiam consentir n'uma hesitação sobre a classificação psychiatrica de Charles Petit: elle era positivamente um degenerado, e um degenerado hereditario por toda uma serie de documentos ancestraes.

Percorrendo os documentos que dizem respeito á historia mental do criminoso, fornecidos pelo notavel psychiatra dr. Bettencourt Rodrigues, demonstrou que Charles Petit é um degenerado hereditario, explicando-lhe a vasta genealogia morbida n'um quadro typico em que, até aos bisavós, a ascendencia vae verificando uma curiosa familia de desequilibrados. O pae um psychopata, a mãe uma hysterica, avós com doenças de peito, loucura circular, estados diathesicos differentes, carcinomas, delirio das perseguições. O avô paterno um suicida, o bisavô materno morto subitamente aos setenta e dois annos, talvez de uma apoplexia ou de qualquer lesão vascular, unicas admittidas em morte subita n'esta idade, com excepção de accidente, o que não consta. Toda esta genealogia é typica, os filhos continuam a marcha dos estados diathesicos n'uma logica hereditariedade morbida, o typo pathologico predomina com toda a serie das consequencias funcçonaes e com fatalidade impositiva das leis organicas.

O typo criminogene de Charles Petit é tão claramente demonstra-

do, a sua filiação por tal fórmula segura no encadeamento logico dos antepassados, a sua pobre existencia geme por tal fórmula sob o concurso de um tão implacavel dominio de factores que, no dizer de um illustre clinico, elle não devia ser outra coisa e mostrou-se o digno representante da sua raça.

Além d'isso ha na historia pregressa de Charles Petit um traumatismo cuja acção mental modificadora citou em curiosos casos da sua clinica e do dr. Magalhães Lemos. Citou tambem a lei de Morulli sobre o atavismo psychico dos degenerados; e fallou de individuos cuja historia ancestral não accusa typos anormaes mas cujo funcionalismo soffre, no periodo foetal, a acção das commoções moraes da mãe: o povo parisiense designava *enfants du siége* os individuos fracos de espirito gerados durante o periodo agitado do cerco.

E ainda para mais accrescentar á triste herança organica de Petit, o lucido conferente citou a lei de Antonio Marco segundo a qual a percentagem de individuos anormaes é maior ou menor quando a epocha de concepção corresponde a periodos diversos da vida dos progenitores. Ora Charles Petit nasceu quando os paes tinham menos de 26 annos, idade comprehendida dentro do periodo de *immaturidade* que, dando uma percentagem de 15 por cento de ladrões e 17 por cento de alienados, dá apenas 8 por cento de individuos normaes. O reu, pois, tal como o destino o empurrou para a vida, não tem, psychicamente considerado, nada de extranho. Resta verificar n'elle algumas das grandes leis da criminalologia moderna.

Referindo-se ás circumstancias especiaes do crime analysadas n'uma curiosa auto-biographia do reu, o dr. Julio de Mattos detalhou com relevo intenso os accidentes do roubo e as suas correspondentes psychicas

A não premeditação, a falta de cumplicidade, a serenidade do trabalho, a contagem tranquillada do dinheiro, a sahida para o almoço, a volta e o facto impulsivo do roubo, as incoherencias da defeza, taes como o ferimento do empregado que aggravava assim a impórtunidade futura, a ida para casa, a lavagem da cabeça com agua fria e o repouso final, tudo isto corresponde a phases successivas de uma crise impulsiva que foram estudadas com superior criterio. Todos estes factos coincidem com a symptomatologia propria.

Estes symptomatas succedem-se n'um encadeamento logico, mas de intensidade variavel segundo os individuos. Ha no primeiro periodo a *obsessão* caracterizada por uma allucinação do mundo real, dominio da ideia imposta que invade todo o campo psychico, tortura moral se ainda restam no homem forças de resistencia, aniquillação d'estas forças nos casos de anormalidade forte. Era esta a psychicidade de Charles Petit no momento do roubo e elle mesmo o confessa na sua auto-biographia quando diz: *Je n'était pas à mon aise, j'avais la tête trouble*. E ainda: *Il avait en moi l'idée d'avoir de l'argent à toute force*. Ideia imposta, estado impulsivo claramente demonstrado.

Succede a este o periodo de *angustia* acompanhado de tremores, suores frios, lucta travada pelas forças de resistencia, forte nos individuos fortes, minima n'aquelles em que uns pallidos factores moraes nem quasi se levantam. Tal o caso de Charles Petit; com a ideia de roubar no espirito foi fielmente dominado pela *obsessão*, o seu periodo de *angustia* foi pequeno, elle mesmo o confessa quando diz que sentia um mal estar (*agacement*) pouco pronunciado. Succede a este o periodo

denominado de *obnublação* concomitante com o acto criminoso: ha um escurecimento psychico com assistencia da consciencia — diagnostico differencial dos casos de epilepsia em que se manifesta uma amnesia completa. Este periodo passou tambem no drama intimo de Charles Petit, a sua face era pallida, o seu braço tremia ao disparar o revolver contra o homem que o perseguiu.

Se a lucta foi enorme, o allivio equala-a, o criminoso cahe n'uma prostração completa: é vulgar o facto de um assassino dormir profundamente ao pé da victima que elle crivou de facadas. A lucta, minima n'este caso, deu uma phase de allivio pouco pronunciada. Charles Petit confessa: *j'étais accablé de fatigue*. Foi para casa, sentiu a necessidade de molhar a cabeça, estava n'um vago quebranto, e, deitando-se, não conseguiu adormecer.

Aquí está a synthese completa dos actos, fatalmente, logicamente encadeada no caso em questão o que demonstra de uma maneira positiva e indestructivel que Charles Petit é um degenerado hereditario do grupo dos impulsivos. O diagnostico especifico veio confirmar eloquentemente o diagnostico hereditario.

Referiu a theoria de Gall defensora da autonomia das faculdades, a reacção violenta que se lhe seguiu enfeixando-as n'uma solidariedade energica, a impotencia manifesta da intelligencia sobre a vontade largamente escripta em toda a historia incoherente dos homens do pensamento, cujos factos de degenerescencia moral passou rapidamente em revista. E collocando-se n'um campo eclecticico, tracejou a admiravel theoria das compensações psychicas que encerra tudo o que ha de verdade na theoria das localisações e na theoria solidaria. As faculdades compensam-se: quando uma se impõe as outras esmorecem, se a intelligencia toma conta do campo psychico, as faculdades affectivas affrouxam e tanto mais quanto a esphera do pensamento se alarga.

Os homens de espirito são, em geral, destituídos de senso moral, a sua emotividade é pallida, as investigações puramente intellectuaes expulsam do campo da actividade cerebral tudo o que não seja gêmeo da sua ancia. Dizia Madame de Sevigné que estas creaturas eram boas só para se verem em estatua.

E quando as dores os assaltam elles refugiam-se no estudo para que o ardor da intelligencia expulse os tumultos do coração: exemplo esse caso de Claude Bernard cuja vida foi uma tragica lucta entre o culto da sciencia e as imposições mesquinhas da vida pratica. Adquirem habitos de immobilidade, são vacillantes nas decisões da concorrência vital, param na duvida como esse eterno exemplo do melancholico Hamlet sempre perplexo entre os espinhos da intelligencia e os apellos vãos da vontade. E' o typo de Bourget, Adrien Sixte, indeciso nos *tourments d'idées*; Kant, espantando os burguezes de Koenisberg pelo facto, na apparencia banal, de mudar o passeio diario, quando a Revolução Franzeza constou á sua curiosidade de analysta.

Entrando no campo pathologico citou o caso dos melancholicos dominados por uma dôr moral em que o afrouxamento é determinado por um exagero de emotividade, depressão que se manifesta de egual modo nas faculdades activas.

Ora por esta somma de factos fica claramente visto o erro funesto dos que consideram são de espirito o homem que tem uma intelligencia regular posto que com desvio mais ou menos manifesto das faculdades affectivas. Pela theoria do *balancement* psychico, vê-se que póde haver

um desarranjo profundo no campo emotivo sem um compromisso, por menor que seja, nas faculdades intellectuaes — estado pathologico que caracteriza esse typo de degenerados envolvidos sobre a designação psychiatrica de *loucos lucidos*.

Além d'isso não se dá a menor ideia da significação completa d'um homem pelo estudo, ainda que profundo, de uma das faces da sua personalidade. Para se estudar a personalidade de Kant não basta catalogar-lhe as obras da intelligencia, estudal-as independentemente do cerebro que as creou: é preciso vêr como as impressões, as emoções determinaram n'aquelle espirito a reacção de que os livros são o producto, é preciso analysar a eclosão das suas theorias pelo conhecimento da vibração especial de todas as faculdades, vêr como *todo o homem produziu toda a obra*.

Ora representando a loucura moral um compromisso da personalidade, pretender cural-a é pretender modificar radicalmente a personalidade, fazer de um homem outro. Charles Petit pertencendo a este grupo de desequilibrados, para dar d'elle e dos seus actos uma ideia completa, é preciso estudal-o em todos os accidentes em que as suas faculdades se manifestam, em todas as anomalias das suas funções physiologicas e no estudo dos seus desvios anatomicos.

Sendo a loucura lucida uma doença geral, o exame psychico não basta, é preciso recorrer ás investigações somaticas e anthropologicas: na paralytia geral dá-se uma decadencia em massa das faculdades intellectuaes, esta ás vezes suspende-se, o doente analysado psychicamente melhorou, mas a doença progride e a morte é inevitavel. Sem estudo somatico, pois, só se pôde suspeitar mas nunca diagnosticar.

Para o exame somatico foi o corpo de Petit dividido em regiões homologas verificando-se anomalias de sensibilidade. Tem um estreitamento manifesto do campo visual, *tics* nervosos faciaes e nos hombros, symptoma futuro de todas as creaturas que soffreram névroses convulsivas e, além d'isso, carie precoce nos dentes.

No exame anthropologico foram verificadas as *assymetrias* — desvio do typo normal que não o levam nem aos typos ancestraes nem ás deformações denominadas teratologicas: são a desigual repartição da sensibilidade e o enfraquecimento muscular.

As medidas craneologicas para a determinação do typo craneano declaram-no rasgadamente brachycephalo; quanto ao angulo facial, posto não quizesse exagerar o valor dado a esta medida, é certo, disse, que elle era tão importante como a historia ancestral, e tem por fim determinar as relações entre o craneo e a face.

Explicou-o pois, e as variantes que resultam do seu maior ou menor abaixamento; mostrou um craneo normal comparando-o com os typos pathologicos e ainda com a celebre cabeça da microcephala Bemvinda, um dos exemplos typicos de microcephalia, cujo busto em gesso foi mandado pelo dr. Sousa Martins.

O angulo facial de Charles Petit, dada a ausencia do prognatismo, é bastante agudo pois mede apenas 71.º

Como conclusão d'este feixe de observações medico-legaes, pergunta-se: porque é que Charles Petit foi condemnado? Em que se baseou a lei para a reclusão em dois annos na Penitenciaria? O que significa esta prisão temporaria?

O problema medico-legal reduz-se a um simples problema de diagnostico: cifra-se em dizer a especie de doença do criminoso, reduz-se

á sua integração n'um grupo criminogene. Ora já ficou cabalmente demonstrada a irresponsabilidade do reu pela classificação em que elle foi incluído; disse-se que elle era um alienado involuntario do grupo dos impulsivos passando por uma serie de phases lucidamente expostas nas conferencias. E o alienado impulsivo é, para todos os psychopatas, o typo do alienado irresponsavel.

Foi, pois condemnado pela applicação do art. 26 do codigo penal? Mas esse artigo apenas declara irresponsaveis os criminosos em que ha uma accusada perturbação da intelligencia e Charles Petit é rasoavelmente lucido. O art. 114 não lhe póde ser applicado porque a lucidez desapareceu no acto do crime. Charles Petit, disse-se, foi condemnado em nome do alto principio da defeza social, foi uma sequestração temporaria que, como o demonstrou o illustre alienista é absolutamente pueril, visto o character incuravel d'esta especie de doenças moraes. A sociedade deve defender-se, mas esta defeza é futil no caso dos impulsivos porque as recidivas hão-de fatalmente dar-se e as reclusões temporarias não obstem a que se repitam. Charles Petit tem 17 annos, aos 19 está livre, volta ao meio da sociedade armado das mesmas impulsões, obrigado pelas mesmas crises. Peior talvez attendendo aos seus habitos solitários, á alimentação deficiente das cadeias e á exasperação que o systema penitenciario provoquo nos seus nervos doentes.

Terminou o dr. Julio de Mattos dizendo que não é escondendo as differenças entre a sciencia e a lei que se resolvem as questões d'esta natureza, mas pelo auxilio reciproco e pela aclaração das suas divergencias, pelo estudo das suas relacionações e das questões que mutuamente se tratam. Concluiu pela necessidade de um manicomio criminal com todas as condições indispensaveis em estabelecimentos d'esta ordem, criação d'uma alta urgencia e que de vez acaba com a difficuldade da resolução criminal e com a injustiça e inconsequencia das condemnações.

Em todas as phases das admiraveis conferencias, o dr. Julio de Mattos foi de uma clareza e d'uma precisão verdadeiramente notaveis. O seu espirito lucidissimo illuminou brilhantemente essa extranha personalidade morbida, fazendo-lhe destacar a linha de degenerescencia com uma precisão cheia de vigor e com uma eloquencia cheia de drama. No estudo d'essa lucta tremenda entre a animalidade criminosa e a espiritualidade redemptora, a sua expressão era elevada, quente, vagamente febril fazendo-nos lembrar pela sua intensidade evocativa, essas paginas que Zola faz estremecer tragicamente, quando arrasta o pobre Jacques á beira de um talude por uma noite impassivel, luctando tambem na angústia contra a obsessão, e accusando toda uma vasta genealogia de criminosos.

A lucidez da sua exposição e o espirito suggestivo que encheu as suas conferencias, acharam echo sympathico em todos os novos que o ouviram, e sempre o notavel alienista encontrará uma acolhida entusiasta nos rapazes desejosos de aprenderem nas suas lições tão cheias de elevada sciencia e tão interessantes de questões actuaes.

J. B.

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*:

- MARTINS SARMENTO—*Os argonautas*, 8.º, 292 pag. e 2 map. Porto, 1887.
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO—*Catalogo da Bibliotheca publica de Guimarães*, 8.º, 517 pag. Porto, 1888.
— *Relatorio e estatutos*. Porto, 1883.
— *Relatorio da direcção*. Porto, 1885.
— *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884*, 8.º, 255 pag. Porto, 1884.
P. DE LORIGL—*Description de la faune jurassique du Portugal. Embranchement des echinodermes:—Echnides irréguliers ou exocycliques*, 4.º, 179 pag., XXVI pl. Lisbonne, 1890.
ESTACIO DA VEIGA—*Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, toms. III e IV. 2 gros. vol. com num pl. Lisboa, 1889-1891.
— *Carta archeologica do Algarve*. Lisboa, 1889.
— *Programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal*, 8.º, 16 pag. Lisboa, 1890.
PAUL CHOFFAT—*Espagne et Portugal* (extrait de l'Annuaire Géologique universel, tom. VI), 8.º, 19 pag. Paris, 1891.
— *Passeio geologico de Lisboa a Leiria*, 8.º, 51 pag. Lisboa, 1891.
JOAQUIM DE VASCONCELLOS—*A fabrica de saianças das Caldas da Rainha*, 16.º, 16 pag. Porto, 1891.
H. PITTIER—*Apuntaciones sobre el clima y geografia de la Republica de Costa Rica*, 8.º, 41 pag. San José da Costa Rica, 1890.
ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO—*Catalogo do gabinete de mineralogia, geologia e paleontologia*, 8.º, 45 pag. Porto, 1891.
RUTOT ET VAN DEN BROECK—*Communications sur la carte géologique détaillée comme base de la carte agronomique de la Belgique*, 8.º grand., 29 pag. Bruxelles, 1891.
JULIO DE CASTILHO—*Apontamentos para o elogio historico de Vilhena Barboza*, 4.º, 36 pag. Lisboa, 1891.
DR. R. VERNEAU—*Les races humaines*, 4.º peq., fasc. 1.º, numer. grav. Paris, 1891.
LACROIX-DANLIARD—*La plume des oiseaux*, in-16.º, 350 pag., 100 fig. Paris, 1891.
A. MICHALSKI—*Die Ammoniten der unteren Volga-stufe*, 4.º, 330 pag. e XIII pl. (ex. des Mémoires du Comité géologique). St. Petersburg, 1890.

Revista de Guimarães, tom. I (n.ºs 1-3), II-VII e n.ºs 1-3 do tom. VIII. Porto, 1891.

Revista do Minho (para o estudo do Folk-lore), tom. VI, n.ºs 1-18 e tom. VII, n.ºs 1-9. Espozende, 1891.

Revista de obras publicas e minas, tom. XXII, n.ºs 255-258, Lisboa, 1891.

Revista dos lyceus, tom. I, n.º 1. Porto, 1891.

- O Instituto*, tom. XXXVIII, n.ºs 8-12. Coimbra, 1891.
Boletim do Atheneu Commercial do Porto, tom. I, n.ºs 1-2. Porto, 1891.
Revue de l'École d'Anthropologie de Paris, vol. I, n.ºs 1-5 e 7-8. Paris, 1891.
Revue scientifique, tom. 47, n.ºs 15-26 e tom. 48, n.ºs 1-8. Paris, 1891.
Revue des traditions populaires, tom. VI, n.º 4. Paris, 1891.
Feuille des jeunes naturalistes, tom. XXI, n.ºs 242-250, Paris, 1891.
Mélusine, tom V, n.ºs 9-10. Paris, 1891.
Bulletin de la Société vaudoise des sciences naturelles, vol. XXVII, n.º 103. Lausanne, 1891.
Bulletin de la Société belge de microscopie, tom. XVII, n.ºs 5-9. Bruxelles, 1891.
Bolletino del Real Comitato geologico d'Italia, vol. II, n.º 1. Roma, 1891.
Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, n.ºs de janeiro-abril. Berlin, 1891.
The journal of the anthropological institute of Great Britain and Ireland, vol. XX, n.º 4. London, 1891.
Abstracts of the proceedings of the Geological Society of London, n.ºs 562-567. London, 1891.
Bulletin de l'Institut Égyptien, sér. 3.ª, n.º 1. Le Caire, 1891.
Records of the geological survey of New South Walles, part. I-II, vol. II. Sydney, 1890.
The proceedings of the Linnean Society of New South Walles, vol. IV, part. 3-4 e vol. V, part. I. Sydney, 1890-91.
Annales de la Société belge de microscopie, tom. XV. Bruxelles, 1891.
The american anthropologist, tom. IV, n.º 1. Washington, 1891.
Bulletin de la Société belge de géologie, paleontologie et hydrologie, tom. V, fasc. I. Bruxelles, 1891.

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

Publicação da Sociedade Carlos Ribeiro

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

A *Revista* sahirá regularmente quatro vezes por anno em fasciculos de 48 pag., 8.º

Portugal—Anno ou serie de 4 numeros. . . 1\$200 reis
 Numero avulso. 300 »

Paizes comprehendidos na União postal:

Anno. 8 fr.
 Numero avulso. 2 »

Para os outros paizes não fazendo parte da União accresce o porte do correio.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA J. B. BAILLIÈRE & FILS

19, rue Hautefeuille—Paris

LES RACES HUMAINES, pelo dr. R. Verneau, preparador no laboratorio de anthropologia do Muséum de Paris, com um prefacio de A. De Quatrefages, professor de anthropologia no Museu. Um vol. in-8.º, 750 pag. e 550 fig. 11 fr.

LA PLUME DES OISEAUX, histoire naturelle et industrielle, par La-croix-Danliard, 1 vol. in-16, 350 pag. e 100 fig. 4 fr.

REVISTA

DE

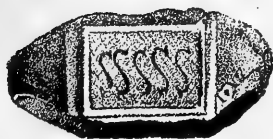
Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo — N.º 7



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1892

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

- A tatuagem em Portugal*, por ROCHA PEIXOTO. pag. 97
Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira, por SANTOS ROCHA pag. 112

VARIA

- Os trabalhos paleoethnologicos no Algarve*, do snr. Estacio da Veiga, por R. S. pag. 126
Um vaso romano de barro cosido, por R. S. pag. 130

BIBLIOGRAPHIA

- Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos*, por R. S. pag. 132
Nota sobre os cephalopodes de Portugal, de ALBERT GIRARD, por R. P. pag. 135
Études maritimes, de PAUL SÉBILOT, por R. P. pag. 135
Passeio geologico de Lisboa a Leiria, de PAUL CHOFFAT, por R. P. pag. 136
Sur les plus anciennes Dicotylées européennes observées dans le gisement de Cercal, en Portugal, de G. DE SAPORTA, por R. P. pag. 136
Description de la faune jurassique du Portugal, de P. DE LORIOU, por R. P. pag. 136

NOTICIAS

- O museu agrícola e florestal de Lisboa*, por R. S. pag. 138
O museu de mineralogia, geologia e paleontologia da Academia Polytechnica do Porto, por R. S. pag. 139

OS MORTOS

- Ignacio de Vilhena Barbosa*, por R. S. pag. 142
Borges de Figueiredo, por R. S. pag. 143
Estacio da Veiga. pag. 144

GRAVURA

- Um vaso romano de barro cosido* pag. 130

A TATUAGEM EM PORTUGAL

Para esta noticia ácerca da tatuagem em Portugal dispuz, proximamente, de duas centenas de materiaes colligidos quer directamente, quer por intermedio de alguns collaboradores que, com uma solícita obsequiosidade, quizeram satisfazer ás perguntas exaradas n'um questionario que distribuí. Na nossa litteratura medica escasseiam, como se sabe, referencias a esta e a outras ordens de mutilações, encontrando-se apenas nos trabalhos do snr. A. A. Castello Branco alguns elementos de valor e prestimo; são pois novos, na quasi generalidade, os documentos apresentados. A ordem d'este estudo é a adoptada pelos anthropologistas que, sobre o assumpto, escreveram excellentes monographias e de tal sorte que, na cathegoria especial que nos occupa — tatuagem por picadas — a deixaram quasi exgottada. É especialmente nos trabalhos de Berchon, Lacassagne e Lombroso onde se encontram os mais completos subsidios sobre a interessante mutilação a que esta nota se reporta, não só quanto á parte descriptiva mas ainda á sua interpretação anthropologica.

• O esboço historico do primeiro capitulo, talvez dispensavel se este escripto fosse apenas destinado aos familiarisados com semelhantes estudos, pouco mais é do que a reproducção d'uma insignificante parcella dos factos

numerosos em que abundam os trabalhos dos medicos referidos; na parte exclusivamente comparativa insiste-se, naturalmente, sobre as fundas analogias da nossa tatuagem com a de outras populações; por ultimo, uma nota bibliographica final dispensa as chamadas frequentes e instrue todo o que, desconhecendo esta parte da litteratura anthropologica, a queira estudar ou consultar.

Cumprê deixar assignalado um grato reconhecimento aos snrs. Eduardo Moura, Fonseca Cardozo, João Barreira, Nunes de Oliveira, Pinto Rolla e Santos Rocha, que especialmente me forneceram os materiaes mais uteis, bem como ao snr. Eduardo Fernandes Pinto a quem devo magnificos serviços pelo desvêlo que pôz na execução e exactidão das gravuras.

I

ANTIGUIDADE, PERPETUIDADE E UNIVERSALIDADE DA TATUAGEM

Definição da tatuagem e seu logar no quadro das mutilações ethnicas. Os primeiros vestígios na pre e na protohistoria: Belgica, França e Portugal. Fins da tatuagem; sua significação como característica de raças, de religiões, de seitas, de castas e de instituições. A tatuagem e a medicina legal. Expansão geographica.

No quadro das mutilações ethnicas — cephalicas, faciaes, dentarias, genitales e cutaneas — estas ultimas, pela variedade dos seus processos, generalisação e persistencia, occupam talvez o logar de maior evidencia. Tal prática, que consiste em imprimir na pelle desenhos ou signaes traduzindo toda a sorte de ideias ou sentimentos, é accusada provavelmente desde os tempos prehistoricos e attestada das epochas protohistoricas até hoje. Nas estações solutreannas e especialmente nas grutas magdaleneannas de Chaleux (Belgica) e Mongodier e Eyzies (França) encontraram-se, juntos a fragmentos de limonite, peroxydo de ferro hydratado e outras substancias capazes de produzirem côr, objectos cuja fórma inculca esse uso, corroborado ainda mais tarde com a similitude d'outros que, para eguaes intenções, possuíam e possuem varias tribus americanas. A existencia de varios minerios de ferro (hematite e limonite), que foram utilizados pelo troglodyta da nossa gruta da Furninha em colorir alguns dos vasos encontrados n'esta estação quaternaria, pôde fazer suspeitar, na opinião do snr. Nery Delgado e em virtude da sua associação com objectos caracteristicos, que esses homens tambem cobriam a pelle com desenhos. As mais antigas sepulturas egypcias encerram puncções e agulhas de ferro

finissimas juntas á plombagina, então adoptada como substancia córante.

Entre os povos da antiguidade, de que existem noticias escriptas, a tatuagem assignalava não só os homens da mesma origem, mas até seitas, castas, escravos, soldados e vencidos. Os aryas, segundo a affirmativa de Tacito reproduzida por Lacassagne, adoptaram a córação negra da pelle para denunciar maior ferocidade; os pictos tiram o nome do uso de pinturas no corpo, distinctivas de raça. D'entre os povos que adoptavam desenhos característicos de seitas citam-se os assyrios que prestavam culto á mesma deusa; os phenicios com o signal da sua divindade gravada na testa; as antigas mulheres da Bretanha; os judeus convertidos á religião de Baccho; os primeiros christãos que desenhavam a cruz ou o monogramma de Christo e que, a despeito de numerosas prohibições desde Moysés no *Levitico* até ás decisões ulteriores dos padres e dos concilios, que condemnavam taes signaes como vestigios de iniciações pagãs, continuaram a tatuar-se, vigorando ainda hoje o costume em Jerusalem e varios logares da Italia; certas tribus semiticas algumas das quaes, ao deante, se converteram ao mahometismo.

Nos thracios a tatuagem indicava uma ascendencia nobre, facto excepcional pois que em quasi todos os outros povos era indicio de escravidão ou origem plebeia. Os athenienses, vencidos pelos habitantes de Samos, foram marcados por estes com ferro em braza; mais tarde, já vencedores os soldados de Athenas, impozeram aos adversarios uma tatuagem indicativa da sua victoria. As mulheres thracias procuravam disfarçar as marcas infamantes que lhes haviam imposto as scythas, modificando-as sob um pretexto de belleza; nas guerras da Persia e da Grecia os exercitos ás ordens de Alexandre e de Xerxes tatuavam os prisioneiros.

Velhos monarchas adoptaram signaes especiaes com

que distinguíam os escravos; egualmente e por vingança, como nota indelevel e humilhante, uma certa tatuagem denunciava o que cahira no desagrado d'um rei. A dois monges que haviam censurado o furor iconoclasta do imperador Theophilo mandára este imprimir na testa onze versos jambicos; Philippe de Macedonia, a quem um soldado havia solicitado a propriedade d'um homem que salvára d'um naufragio, ordenou que lhe desenhassen na frente os signaes indicativos d'esta avidéz torpe; Caligula, sem motivo, mandava tatuar os romanos nobres.

No periodo da decadencia de Roma a tatuagem teve uma grande expansão. Leis regulamentares prescreviam os signaes adoptados cuja existencia provava a inscripção definitiva nas fileiras e sobre as quaes se fazia o juramento militar. O intento d'esta ordenança, que vigorou ainda por bastante tempo, era analogo ao que justificava os desenhos nos escravos visto que, já degenerado o espirito civico do povo, o exercito se constituia então de homens mercenarios os quaes, se fugissem, deveriam portanto ser reconhecidos, perseguidos e prezos. Ainda recentemente esta prática, mas como indicio de virilidade, adoptavam os soldados do exercito piemontez.

A tatuagem distinguiu pois, em todos os logares e em todas as epochas, os membros da mesma raça ou religião, de castas, de instituições e de sociedades; os captivos e os condemnados, os sacrilegos e os delatores; tatuava-se para exprimir a vaidade, a humilhação, o luto e o martyrio; como astucia de guerra e como meio de transmissão de correspondencia e de segredos; symbolo de paixões e representação litteral ou ideographica dos mais diversos sentimentos humanos. Obedeça esta prática a uma influencia atavica ou apenas documente as tendencias fetichistas do espirito do homem, a tatuagem, com os seus processos operatorios multiplos e as intenções mais distinctas e oppostas prevaleceu, em todos os povos

e atravez do tempo, com a desigual frequencia naturalmente derivada do grau de civilisação. É facil encontrar, na historia moderna das populações europeias, referencias a este habito realisado em todas as epochas; o estigma dos condemnados em varios codigos europeus, as marcas das sociedades franco-maçonicas e d'outras instituições secretas, os emblemas profissionaes, isoladamente ou distinguindo os membros de varias associações de officios, os soldados da marinha e do exercito, emfim, contribuíram intensamente para a perpetuidade da mutilação.

Mais, porém, que todos estes, os criminosos, pela necessidade instinctiva de manifestarem as suas paixões, os estados de espirito e os acontecimentos mais celebres da sua existencia, concorreram para a persistencia e multiplicidade da tatuagem, factos, de resto, favorecidos ainda com a quasi insensibilidade que os delinquentes teem para a dôr. Do seu numero, natureza e séde collige actualmente a anthropologia criminal subsidios de valor além de representarem, em medicina legal, um meio quasi sempre seguro e efficaz de constatação da identidade individual.

Outr'ora a tatuagem serviu já como signal de reconhecimento; na tradição figura o caso de Habis, um dos primeiros reis da Iberia, que, votado a perigos fabulosos por um seu avô, foi d'est'arte e mais tarde reconhecido. Analogamente nos hospicios dos expostos se marcavam estes para, de futuro, poderem ser reclamados pelos paes.

A actual expansão geographica da tatuagem, no caso restricto da sua execução por agulhas, é resumida por Magitot do modo seguinte :

Polynesia, excepção da Nova Zelandia ; ilhas Marquesas, fóra Rapa ; ilhas das Paschoas ; Micronesia ; Nova Guiné ; os dayaks de Borneo.

Na *America meridional*: os charruas e as tribus do

Gran Chaco ; os guaranis do Brazil ; os pampeanos e os patagões.

Os pelles vermelhas na *America do norte*.

Na *Africa* os kabylas, os arabes, os egypcios, os niam-niam, os senegambianos e as povoações das margens do Senegal.

Na *Asia*: os seng-li da ilha Hainam ; os chin-ham, antigos povos da Coreia ; os baitos e os uen-chin do Japão, das Kurilhas e das Aleoutiannas ; os antigos annamitas ; os habitantes da Formosa ; os uen-mien-po, povo barbaro do sudoeste do imperio chinez.

Por ultimo todos os da *Europa*, ou simples ou mixtas.

Póde-se affirmar a universalidade da tatuagem sabendo-se que, sob outros methodos operatorios, é praticada nas restantes partes do globo. De sorte que, se a circumcisão attingiu, pelos motivos conhecidos, um numero de individuos que hoje quasi seria impossivel calcular, a mutilação que nos occupa é incontrovertidamente a mais espalhada e sel-o-ha por muito tempo apesar do decrescimento que dia a dia se vae registrando.

II

ANATOMIA, PHYSIOLOGIA E PATHOLOGIA DA TATUAGEM

O processo operatorio ; instrumentos e substancias córantes. Séde anatomica. Consequencias pathologicas da mutilação ; sua therapeutica popular. A tatuagem como transmissora de virus. A indelebilidade da tatuagem ou dos seus vestigios provada pelas consequencias physiologicas da operação. Topicos em uso para a destruição dos desenhos e sua inefficacia.

O processo operatorio ordinariamente seguido entre nós não differe do adoptado em todos os outros paizes

européus, no caso da tatuagem executada com agulhas, única que nos importa. A operação é realizada ou por curiosos ou operadores que geralmente existem nas cadeias, nos quartéis e nas populações marítimas. Com tres agulhas solidamente fixas a um pequeno cabo de madeira ou simplesmente ligadas e unidas por um fio, e tinta da China, de escrever ou carvão triturado e em suspensão na agua, tem o operador com que levar a effeito a prática. A figura, cuja sêde é extremamente variavel — mãos, ante-braço, braço, peito, costas, abdomen, verga, nade-gas, pernas e pés — ou se desenha previamente ou é praticada directamente com as agulhas na região escolhida. N'um e n'outro caso a applicação do instrumento faz-se por picadas dirigidas obliqua ou perpendicularmente e precedidas d'uma immersão no liquido còrante. As partes mais escuras ou os traços mais duros obteem-se repicando os contornos primitivos.

Este methodo, que é o mais geral, differiu todavia para alguns tatuados; o contacto com os operadores de fóra, e nomeadamente do Brazil, modificou a applicação do processo ou a adopção da substancia còrante. N'aquelle paiz encontra o nosso marinheiro padrões já desenhados em pranchetas de madeira onde os contornos das figuras são cobertos de pontas de aço, dando assim logar a executar-se a operação d'uma vez só; as substancias còrantes apontadas são tambem substituidas frequentemente pela polvora triturada ou pelo azul de brunideira. O operado pôde escolher a còr e o ornato desejado, sobretudo entre aquelles que teem já figurados n'um album os desenhos que pôdem realisar.

A viveza e duração da tatuagem promanam de circumstancias multiplas d'entre as quaes convem enumerar a grossura das agulhas, o sentido da sua introduccão, a multiplicidade das picadas, a profundidade que alcançam no tecido tegumentar, a finura cutanea e a natureza da

substancia. Geralmente as agulhas penetram nas camadas mais profundas da derme visto que uma tatuagem simplesmente sob-epidermica seria de pequena duração. E tam convencidos d'este facto estão, de resto, certos operadores que, para que o desenho seja inapagavel, fazem penetrar as agulhas perpendicularmente até, muitas vezes, aos ganglios lymphaticos.

A introdução das agulhas é seguida d'uma irritação mais ou menos incommoda a que succedem tumefacções que se prolongam diversamente segundo o grau de sensibilidade do tatuado. Uma pequena serosidade sanguinea surge e a absorpção das particulas córantes completa-se então. Para impedir a inflammação e a febre, mesmo quando aquella é irritante, o operado adopta como topico a saliva ou a urina, sendo manifesto que nada remedeia com tal therapeutica. Quinze dias passados, quando muito, estão extinctos os vestigios da irritação passageira que a operação provocou e a nitidez do desenho é então definitiva e provavelmente indelevel.

Nos registros colhidos para o estudo da tatuagem em Portugal não ha indicação de consequencias graves consecutivas da operação, talvez pela não adopção do vermelhão que origina sempre pruridos demasiado irritantes. Abundam comtudo nas memorias que se occupam da tatuagem realisada como entre nós; e é realmente a tal ponto perigosa a irritação produzida na derme pela introdução repetida das agulhas, a natureza chimica do liquido ou a inopportunidade e inefficacia da applicação do topico que, além de ulceras, erysipelas, phlegmons e gangrenas consequentes, a amputação d'um membro é ás vezes reclamada e a morte, mesmo, inevitavel em alguns casos.

A adopção da saliva como obstaculo aos accidentes enunciados occasionou já a inoculação do virus syphilitico; o caso seguinte, entre muitos descriptos, é classico.

Um militar ainda virgem foi tatuado por um outro atacado de cancos na bocca; a tinta da China com que o operador se servia diluia-a n'uma concha com saliva; tanto bastou para em breve o operado apresentar todos os symptomas da doença e quasi ser necessario amputar-lhe o braço. A transmissão da syphilis tem-se feito mesmo quando é já secundaria e em virtude do tatuado, estando affectado de placas mucosas, se servir na operação da propria saliva.

A indelebilidade da tatuagem está averiguada, isto é, os vestigios da prática prevalecem de qualquer modo. É manifesto que as circumstancias já mencionadas que influem na nitidez do desenho favorecem ou prejudicam-lhe a duração, excluindo evidentemente o caso d'uma tatuagem muito superficial. A riqueza do sangue e a actividade circulatoria, além d'outras qualidades particulares do meio em que as materias córantes são depositas bem como os conflictos que surjam entre um e outras e ainda o grau de resistencia das substancias ás alterações permanentes que se dão em toda a economia, podem concorrer para o desaparecimento parcial e mesmo total da tatuagem. Admitte-se até que a simples transpiração cutanea pôde, de per si, eliminar o desenho por completo; mas pelo modo como a operação é geralmente effectuada deve-se concluir a persistencia, pelo menos, dos seus vestigios. Effectivamente é um facto adquirido o transporte das substancias atravez dos lymphaticos; estão observados casos varios em que a materia córante emigrára do ante-braço para os ganglios axillares — caso vulgar — e o de uma mulher que, taçada nas coxas, tinha invadidos todos os ganglios lymphaticos da região crural. A aquisição d'estes factos é deveras importante no dominio da medicina legal, dando assim margem a estender-se a inquirição da identidade nas investigações *post-mortem*, e comprovando a persistencia dos indicios dado o caso

pouco commum do apagamento total dos desenhos. A inalterabilidade d'estes na fôrma e no tempo é uma convicção dos nossos tatuados; aquelles para quem mais tarde a presença da tatuagem é odiosa, procuram varios meios de a eliminar, entre os quaes avulta o de repicar os contornos com leite ou acido acetico na persuasão de que o liquido córante é dissolvido; a tentativa, aqui como em outros logares onde existe a mesma crença, nunca dá satisfactoriamente o resultado appetecido: se o desenho se extingüe prevalece a cicatriz denunciativa.

III

CLASSIFICAÇÃO DA TATUAGEM

Limite minimo de idade nos tatuados. Classe social. Grau de frequencia nos dois sexos. Séde mais commum. Córção. A moralidade dos tatuados deduzida da natureza dos desenhos e da sua multiplicidade. Lista descriptiva e comparada dos emblemas, symbolos e inscripções entre tatuados portuguezes, italianos e francezes.

Noés registros que servem de base para estas notas ácerca da tatuagem em Portugal a precocidade na operação é accusada apenas n'um individuo que se sujeitou á prática aos 12 annos. Entre os criminosos o desejo de ser tatuado revela-se muito cedo como o documenta Lombroso; Lacassagne, para quem a influencia do *atelier* é manifesta, encontrou tatuados de 6 annos. Os adultos, depois de inscriptos na armada e no exercito e, em maior proporção, seguidamente á permanencia nas cadeias, é que

se entregam á prática com mais frequencia. Nas mulheres a tatuagem apparece raramente e, quando tal acontece, é devido á convivencia com tatuados ou violentadas por elles; está n'este ultimo caso uma mulher que habitava á Ribeira (Porto) á qual haviam desenhado a agulha, nas coxas e no ventre, enormes barcos de vela. Os symbolos amorosos e as iniciaes do nome dos amantes são a tatuagem commum no numero diminuto de mulheres das quaes poude haver noticia.

Lá fóra os inqueritos no sexo feminino teem dado o mesmo resultado. A frequencia é minima comparada com a averiguada nos homens e, a significação dos desenhos, amorosa e raramente erotica: em França, as iniciaes P. L. V. (*pour la vie*) entre dois corações entrelaçados; as inscripções *à la vie, à la mort*; os nomes dos amantes acima do pubis, etc.; na Italia, emblemas e lettras com as significações precedentes e, como caso excepcional, uma cruz no braço de certas montanhezas do Trentino, etc.

A séde mais vulgar e, a bem dizer, geral é em qualquer dos ante-braços. Nos delinquentes encontra-se frequentemente uma serie de desenhos em todo o braço ou em ambos, executados em epochas diversas e que correspondem de ordinario a cada permanencia nas cadeias; as figuras que exigem mais espaço são desenhadas no peito. É facil, todavia, encontrar tatuados com figuras em partes varias do corpo; um ex-soldado da armada possuia no ante-braço esquerdo uma mulher nua, um coração atravessado por uma flecha e uma ancora; no direito, um homem nu em attitude extremamente obscena; no peito, emblemas de marinha; na glande, o numero da companhia; n'um dedo do pé direito o signo-saimão. Um preso da Penitenciaria de Lisboa deixou gravar nos braços, peito, ventre e pernas, varios emblemas symbolicos, corações, nomes de amantes, na perna esquerda u n h o n n

nu, uma mulher nua na direita, uma serpente n'um dos braços, um lagarto no outro, etc. (A. A. Castello Branco). A seguinte, encontrada n'um mendigo e provavelmente desertor, foi noticiada pelos jornaes do seguinte modo: no braço esquerdo um peixe e um coração trespassado por uma setta; ao lado, uma cruz e as iniciaes A. C. F. Q. (Antonio Cypriano Ferreira Querido, nome do tatuado); depois M. F. Q. e E. C. Q., iniciaes dos nomes do pae e mãe; abaixo, uma ancora e uma pedra de domiño; junto, um signo saimão e lateralmente a medalha da Torre e Espada (como em alguns soldados francezes a da Legião de Honra e em alguns criminosos italianos as armas da casa de Saboya); abaixo do signo o habito de Christo e a data 3 6 88, morte do pae; no peito, lado direito, a figura da Republica; esquerdo, a bandeira franceza; nas costas da mão esquerda uma estrella e as cinco chagas.

Berchon assignala factos interessantissimos de multiplicidade e extensão das tatuagens: um marinheiro, além de numerosos desenhos em quasi todo o corpo, fizera tatuar nas costas, com extraordinaria minucia, uma esquadra navegando n'um mar estranhamente revolto. Lombroso apresenta no seu atlas tatuados com desenhos numerosos de que um — e dos menos dotados — servirá de exemplo: no pé direito o nome d'um amigo; na perna esquerda a inscripção *Piglia il questore di Napoli*, ameaça ao prefeito de policia que o havia detido; na direita, uma flôr; no peito e braço esquerdo — *Amero fino alla tomba N. P.* — declaração de amor a N. P.; a lua e um diabo ainda n'este braço; lado direito do peito, um vaso com flôres; no braço direito uma ancora, as iniciaes N. P., R. S., M. A., D. M., de amantes e cinco cruzes representando outros tantos juramentos de assassinato. Um criminoso celebre de Italia estava de tal sorte desenhado

que, excepção feita da face e dos rins, não havia a superficie d'um escudo que não possuísse tatuagem. Lacasagne figura na sua memoria o desenho representativo do accidente do duque de Orleães, na estrada de Neuilly, que occupa duas paginas; refere-se a outras que cobriam todo o corpo de certos tatuados e representavam uniformes de generaes e de almirantes; menciona um *Jean Bart* com 0^m,37 de altura e 0^m,33 de largura e uma *Jeanne d'Arc* de 0^m,41 de alto por 0^m,31 de largo, etc.

A côração dos desenhos nos tatuados portuguezes é azul escura; nem recolhi nem ha noticia entre nós da operação praticada com vermelhão a qual tem dado logar, como observou Hutin, a figurar corações a vermelho com chammas azues ou trespassados por uma flecha azul, soldados com a face e mãos vermelhas e o corpo azul, etc. Este uso d'um duplo liquido còrante suggeriu talvez a lembrança de aproveitar certas manchas da pelle na execução do desenho. Os exemplos são, lá fóra, numerosos, e o seguinte dos mais interessantes: um marinheiro tinha no peito uma placa d'um vermelho vivo; o tatuador aproveitou-a de modo a não se suspeitar da existencia anterior da marca congenita, desenhando uma Liberdade cujo barrete phrygio, pregas do vestido e bandeira eram naturalmente produzidas pela côr preexistente.

Do que precede e do que vae seguir-se poder-se-ha inferir a moralidade do maior numero dos tatuados. A multiplicidade, a séde, de ordinario escolhida nas regiões do corpo vulgarmente occultas, a intenção pornographica d'uma grande percentagem de desenhos, denunciam a insensibilidade á dôr, o impudor e a obliteração, ou melhor, a ausencia de elevação moral da maior parte dos tatuados.

A systematisação das tatuagens em cathegorias é difficilissima visto que muitas vezes ha logar de distribuir

o mesmo desenho em mais do que uma. Provisoriamente poder-se-hão adoptar as seguintes :

- 1.^a *Emblemas profissionaes*
- 2.^a — *amorosos e eroticos*
- 3.^a — *religiosos*
- 4.^a — *metaphoras e phantasistas*
- 5.^a *Inscripções.*

(*Conclue*).

ROCHA PEIXOTO.

PEQUENAS HACHAS DE PEDRA

DAS ESTAÇÕES NEOLITHICAS

DO CONCELHO DA FIGUEIRA

Entre os machados de pedra, que se teem recolhido nas estações neolithicas da Europa, ha muitos que se tornam notaveis pelas suas pequenas dimensões, e cujo destino, segundo pensamos, não se acha ainda completamente esclarecido.

Não é sem grandes embaraços que nós, a cada objecto d'estes que vamos colligindo, tentamos dar-lhes uma explicação que satisfaça o nosso espirito. Uns, muito pequenos, de rochas vistosas, com fórmãs bastante regulares, polidos e acabados com extremo cuidado, parecem, á primeira vista, verdadeiras joias do homem primitivo, que na sua rude simplicidade faria a representação artistica do instrumento mais util e mais poderoso que o genio humano, na sua infancia, tinha inventado. Outros, maiores, de rochas unicolores, sem brilho, com fórmãs irregulares, não polidos em todas as suas superficies, e sem vestigios de accessorios que podessem fazer suspeitar a sua applicação, nem parecem ter o character dos primeiros, nem favorecer a hypothese de um emprego util. Dir-se-iam meros brinquedos de creanças!

Não será, pois, sem interesse expor algumas observações que temos feito, afim de chamar sobre taes objectos a attenção de outras pessoas mais competentes. Mas

antes d'isto convém lembrar e reunir aqui certas indicações que encontramos espalhadas por alguns livros, e que muito interessam ao nosso proposito.

O sr. Mortillet dá noticia de pequenas hachas de pedra polida provenientes de regiões muito diversas. Menciona as dos dolmens do Morbihan, que chegam a ter apenas 0^m,032; as de outras estações da França, que medem 0^m,039 e 0^m,025, havendo uma no Museu de Saint-Germain que tem 0^m,023; as da Dinamarca, cuja dimensão minima é de 0^m,067; e as das palafittas da Suissa, que diminuem até 0^m,033, 0^m,029 e 0^m,027; e apresenta os desenhos d'algumas nas figuras 445.^a, 449.^a, 455.^a, 456.^a, 469.^a e 474.^a do seu *Museu prehistorico*. (1)

O sr. Barão J. de Baye encontrou nas grutas do Marne, valle do Petit-Morin, uma que só media 0^m,05 e outras que, por uma gradação quasi insensivel, iam attingir o maximo de 0^m,18. (2)

Quanto á nossa Peninsula, o sr. Cartailhac falla de hachas *muito pequenas* das grutas de Gibraltar; dá o desenho de uma proveniente de Cascaes; e menciona ainda outra encontrada na Casa da Moura, estação sabiamente explorada pelo sr. Nery Delgado, que mede 0^m,04 por 0^m,05. (3)

No dolmen do Monte Abrahão encontrou o sr. Carlos Ribeiro um exemplar que media 0^m,066; e outros foram recolhidos na gruta da Furninha, em Peniche, pelo sr. Nery Delgado.

(1) *Le Prehistorique*, pag. 540 e 541.

(2) *L'Archéologie prehistorique*, pag. 246.

(3) *Les âges prehist. de l'Espagne et du Portugal*, pag. 66, 96

Sobre o destino d'estes objectos o sr. Mortillet distingue uns que eram utilizados como instrumentos e outros que apenas serviam de amuletos. Os primeiros preparavam-se de algum dos modos seguintes: — embutidos pelo lado opposto ao gume em bases de pau de veado com um esgalho a servir de cabo, ou em uma especie de estojo (*gaine*) da mesma substancia, que umas vezes entrava e se fixava em um cabo de madeira, outras era furado e atravessado pelo cabo. Effectivamente de todos estes typos se encontraram exemplares em França, na Suissa e na Italia, e que se acham representados nas figuras 438.^a, 443.^a e 444.^a do *Museu prehistorico* do mesmo escriptor, o qual nas figuras 431.^a e 433.^a a 436.^a tambem apresenta os desenhos em separado d'aquelles estojos. (1)

Convem tambem notar que algumas hachas eram ás vezes picadas, de modo a tornal-as asperas na parte que entrava no cabo, afim de poderem fixar-se com mais solidez; e o sr. Mortillet diz que « *esta operação era feita principalmente nas hachas susceptiveis de receberem uma bella polidura.* » (2)

Os mais pequenos dos objectos de que tratamos, como o da figura 456.^a do *Museu*, e ainda os fabricados de rochas brandas ou que teem um orificio, eram, segundo o illustre paleoethnologo, verdadeiros amuletos, visto não poderem ter outro destino. Justifica esta opinião, considerando que a hacha era o instrumento por excellencia dos povos primitivos, que com elle exerciam os mais rudes misteres, e que assim era natural que se tornasse o emblema da prosperidade, da força, do poder, da divindade, emfim, suprema dispensadora de todos es-

(1) *Le Prehist.*, pag. 544-545.

(2) *Museu cit.*, estampa XLVII.

tes attributos; e accrescenta que o culto da hacha se confirma pelas numerosas gravuras da epocha neolithica, que a representam. (1)

Mas este culto da hacha pôde effectivamente explicar só por si os pequenos exemplares que não teem a apparencia de outro destino conhecido? Nós duvidamos, apesar da auctoridade do mestre. As hachas manifestamente usuaves e de maiores dimensões deviam ser objecto do mesmo culto; e encontram-se com effeito em identicas circumstancias, isto é, nos dolmens e nas grutas sepulchraes, logares indubitavelmente religiosos: por conseguinte as pequenas dimensões d'aquelles objectos não podem ser characteristics de um destino meramente religioso, ou de amuletos ou objectos de superstição. Caracteristica seria apenas a *fôrma*.

O que pôde com muita probabilidade considerar-se amuleto é a hacha *furada*. O orificio indica que era suspenso; e de facto já tem sido encontrada como fazendo parte de colares nas sepulturas. Ora um objecto, cuja fôrma tinha um certo prestigio entre os povos neolithicos, e que se usava suspenso ao pescoço, pôde bem ser um amuleto; e por isso os archeologos não hesitam em attribuir-lhe este character.

As interessantissimas descobertas feitas pelo sabio explorador das grutas da Marne auctorisam até certo ponto aquella nossa duvida. O sr. de Baye opina, com judiciosos fundamentos, que realmente as hachas eram objecto de um apreço muito elevado entre os povos primitivos, visto que se achavam esculpidas nas paredes das grutas, onde tambem appareceram outras figuras que se suppõem de divindades, e estavam muitas collocadas de um modo singular junto aos esqueletos; e, para tornar

(1) *Le Prehist.*, pag. 604.

plausível a hypothese, cita, a proposito dos tempos historicos, esta notabilissima passagem de J. Evans:

«É curioso notar que os antigos gregos parecem ter attribuido á hacha certa importancia sagrada. Segundo Plutarco, Jupiter Labrandeus tomou este titulo da hacha, e M. de Longpérier cita uma passagem de que resulta que Baccho, pelo menos em um caso, era adorado sob a fórma d'uma hacha ou πέλεκος. M. de Longpérier tambem descreve um cylindro chaldaico, no qual se vê um sacerdote fazendo offertas a uma hacha erguida sobre um throno; e, além d'isto, chama a attenção para o facto seguinte — que o hieroglyphico egypcio que representa Nouter, Deus, é simplesmente a figura d'uma hacha.»

Inclina-se mesmo o sr. de Baye a que a importancia dada a esse objecto pelos povos neolithicos era de caracter religioso; e cita a opinião respeitabilissima do sr. de Quatrefages, que pensa do mesmo modo, e que vê tambem nas pequenas hachas furadas verdadeiros amuletos. Emfim, a proposito das hachas que encontrou nas referidas grutas, diz o seguinte: — «Não é simplesmente um instrumento funerario, mas um objecto votivo, consagrado, tratado assim sob a inspiração d'um sentimento religioso.»

Mas ao mesmo tempo apresenta estas observações muito importantes: — que todas as hachas, desde a mais pequena, que, como dissémos, tinha sómente 0^m,05, estavam *dispostas para serem usadas e completamente acabadas segundo os seus respectivos typos*; — *que as mais pequenas que não estavam acompanhadas de seus estojos, deviam ser encabadas de um modo differente das outras que se achavam providas d'esse accessorio*; e que algumas estavam lascadas, mutiladas ou picadas, para facilitar a sua fixação no estojo.

O modo como se achavam montadas as que eram providas de cabo, era o indicado pelo sr. Mortillet: isto é,

estavam embutidas em um estojo de pau de veado e este estojo atravessado por um cabo de madeira. Assim tambem se achavam representadas nas esculpturas.

Estas observações provam: — 1.º que as hachas pequenas tambem eram utilizadas como instrumentos, não havendo indicações algumas de que as inferiores a 0^m,05 deixassem de ter este destino; — 2.º que aos mortos se votavam hachas usuaes sem distincção quanto a dimensões, symbolisando todas um pensamento religioso.

Quanto ás hachas furadas, o illustre sabio, tendo encontrado um exemplar, não duvida classifical-o como amuleto. (1)

É facil e commodo dizer que hachas mui pequenas, inferiores a 0^m,05 ou 0^m,04, não poderiam ser applicadas como taes; mas, não conhecendo nós todos os processos da arte ou industria primitiva, nada nos auctoris a rejeitar a hypothese de terem essa applicação, como verdadeiros instrumentos, e de que seriam encabadas por um modo diverso das outras, como indica o sr. de Baye.

Entretanto é forçoso confessar que hachas de 0^m,023, 0^m,027 e 0^m,029, como as de que faz menção o sr. Mortillet, difficilmente poderiam servir ao mister de cortar, pelo menos em competencia com as maiores, de modo a tornar util o seu fabrico. Não podendo manifestamente ser utilizadas á mão, devia ser um processo embaraçoso o de fixal-as em algum cabo, ficando o gume bastante saliente para ser empregado: e isto, quando a operação de cortar facilmente se realisava com as hachas mais proprias, pelas suas dimensões, e montadas com segurança.

Assim, é possivel que estas miniaturas de que falla o sr. Mortillet fossem joias sagradas, amuletos, ou cousa semelhante. Tambem no fim da epocha do bronze e co-

(1) Obra cit., pag. 98 e ss., 103, 105, 239 e ss. e 309.

meço da epocha do ferro a pequena hacha apparece, segundo alguns, como um objecto meramente votivo. A civilisação villanovianna, na Italia, que se attribue a esses tempos, fornece um exemplo no mobiliario das suas sepulturas. «As armas, diz o sr. Jules Martha, que alli se recolhem, são em miniatura, pequenas hachas, por exemplo, reduções fabricadas sem duvida em vista de um destino funerario. É assim que na Grecia se fabricavam para os tumulos joias ligeiras, sem consistencia, que não tinham de verdadeiras joias senão a apparencia.» (1) —

Mas tambem pensamos que esses objectos poderiam ter algum outro emprego desconhecido; e que, assim, novas descobertas são necessarias para resolver inteiramente o problema, com relação ás miniaturas neolithicas. Por isso é para desejar que todos aquelles que se dedicam ás explorações archeologicas não deixem de observar cuidadosamente as circumstancias em que encontrarem esses objectos, porque só por este meio se conseguirá semelhante resultado.

Pela nossa parte temos registado todas as indicações colhidas na observação dos objectos d'esta especie, que temos colligido.

Já na primeira parte do nosso estudo sobre as «*Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*», sob a designação — *Hachas pequenas de pedra polida* — descrevemos dez que foram encontradas dispersas em diversos logares da Serra do Cabo Mondego, á superficie ou a pequena profundidade do solo.

Na segunda parte d'esse estudo, que já se acha im-

(1) *Manual d'Archeol. etrusque et romaine*, pag. 19.

pressa, descrevemos mais dois exemplares: um de quartzo hyalino, simplesmente lascado, e outro de schisto verde, perfeitamente polido, ambos encontrados á superficie do solo na estação neolithica da Varzea de Lirio. O primeiro, de secção hexagonal, mede approximadamente $0^m,04$ no comprimento e $0^m,026$ na maior largura; o segundo com a fórma do que o sr. Mortillet representa a pag. 540 da sua obra — *Le Prehistorique*, de faces convexas, mas achatado, com gume á maneira das *herminettes*, mede $0^m,063$ no comprimento e $0^m,051$ de largura junto ao gume. Vão ambos representados nas fig. 87.^a e 89.^a d'aquella publicação.

Mas ha outro, achado na freguezia de Paião, ao sul do Mondego, onde são frequentes os vestigios dispersos da industria neolithica. É um bello exemplar, feito d'uma rocha amarella, manchada de negro, que ainda não nos foi classificada, perfeitamente polido e lustroso, com fórma trapezoidal, semelhante ao da fig. 36.^a da primeira parte do referido estudo. Era acuminado de dois lados, isto é, na base e no topo: o gume da base tem algumas fracturas; o outro está completamente destruido. Mede $0^m,07$ no comprimento, $0^m,036$ de largura junto ao gume da base, e $0^m,02$ do lado opposto.

Analysando e confrontando entre si estes treze exemplares, notamos que predomina n'elles o schisto, como materia prima; poisque sete são fabricados d'esta rocha, dois de quartzite, um de quartzo hyalino, outro de serpentina e dois de rochas não classificadas.

As de schisto são em regra as maiores: medem no comprimento de $0^m,067$ a $0^m,086$, havendo uma que attinge $0^m,093$ e outra $0^m,063$, e na maxima largura de $0^m,034$ a $0^m,052$; emquanto que as outras variam, no comprimento, entre $0^m,04$ e $0^m,066$, havendo só uma que attinge $0^m,07$, e, na largura, entre $0^m,026$ e $0^m,04$.

Vistas de face, as de schisto teem fórmas que se ap-

proximam muito de um typo commum; as outras apresentam a fórma triangular ou trapezoidal, se exceptuarmos a de quartzo hyalino, que se assemelha a uma cunha.

Vistas de perfil, apenas algumas de schisto tem o typo das *herminettes*.

Só a de quartzo é simplesmente lascada: todas as outras são polidas. Quasi todas, sem distincção, são mais ou menos achatadas. Mas a de quartzo tem a secção que indicamos, e uma de schisto é muito espessa e roliça.

Esta ultima é tambem a unica que, em vez de gume, apresenta uma superficie polida, como certas hachas grandes que temos encontrado, proveniente do desbaste do mesmo gume; e por isso lembramos a hypothese de ter servido para polir ou alisar outros objectos de pedra ou osso. Duas são acuminadas na base e no topo: todas as outras só são acuminadas do lado da base.

Algumas d'estas hachas acuminadas apresentam vestigios d'uso, consistindo em certas fracturas, manifestamente antigas, no gume. Mas faltam a todas, no lado opposto a este, se exceptuarmos a de quartzo, as asperezas reconhecidamente intencionaes para bem as fixar em qualquer cabo: apenas a de serpentina tem extrahida d'esse lado uma lasca, a do Paião tem o gume do topo fracturado, e algumas de schisto não estão n'essa parte polidas de modo a apagar todas as rugosidades resultantes do trabalho preparatorio de lascar os fragmentos da rocha, para os approximar da fórma procurada. Algumas até estão acabadas e polidas com tanta perfeição, que parecem repellir inteiramente a hypothese de serem encabadas. É por isto que nós apresentámos a duvida, na primeira parte do nosso referido estudo, de que estas hachinhas polidas e perfeitamente acabadas fossem empregadas como instrumentos, e lembramos a hypothese de serem meros symbolos ou insignias. Tambem alli mencionámos a hypothese de serem amuletos, proposta pelo

sr. Mortillet, ou a de serem objectos votivos; todavia notámos que os nossos exemplares não tinham orificio de suspensão, nem foram encontrados nas sepulturas.

Agora, porém, já temos um facto que derrama alguma luz n'esta questão, relativa ás estações da Figueira. Podemos affirmar que não eram só as hachas grandes que se votavam aos mortos, como aliás indicavam os exemplares encontrados nas antas do Cabeço dos Moinhos, da Serra de Brenha e das Carniçosas: tambem as de mui pequenas dimensões. O desejo de esclarecer-nos sobre este assumpto levou-nos a proceder a novas excavações no Cabeço dos Moinhos, onde fomos adquirir a certeza da existencia de uma necropole importante, que aliás tínhamos suspeitado por occasião dos primeiros trabalhos.

Alli recolhemos de entre esqueletos humanos desconjuntados e n'uma grande desordem, associada a um pequeno, mas interessante mobiliario, uma hachasinha de fibrolithe, rocha estranha ao paiz, segundo nos informam, de fôrma alongada como um dedo e muito semelhante á das goivas representadas na fig. 43.^a das nossas «*Antiquidades prehistoricas*», com uma das faces muito arqueada e a outra ligeiramente convexa, no sentido transversal, completamente polida, com o gume convexo e perfeito, e apresentando na extremidade opposta uma fractura, que parece ser defeito do fragmento de rocha de que foi fabricado. Mede 0^m,06 no comprimento e 0^m,021 na maior largura, e não tem orificio algum.

Mas esta descoberta não basta: resta ainda a questão de saber se estes objectos das nossas estações seriam ou não tambem usados como instrumentos; e sobre este ponto nós arriscaremos algumas considerações.

Não ha duvida que o fim é que dá a fôrma aos productos da industria humana: e por isso podemos muitas vezes pela fôrma descobrir o destino dos objectos. A fôrma acuminada das hachas e a dureza das rochas de que são fabricadas, para epochas em que os metaes não eram conhecidos, indicam sufficientemente que serviam de instrumentos cortantes: os accessorios do câbo, que teem sido descobertos, e o exemplo dos povos que em epochas historicas teem permanecido na idade da pedra confirmam essa interpretação. Grandes ou pequenas, mais ou menos espessas, e seja qual fôr o seu typo, sempre as hachas apresentam indubitavelmente o character de instrumentos d'aquella natureza. Só um dos nossos exemplares, o de quartzo hyalino, mede $0^m,04$; os outros são superiores a $0^m,058$; todos são fabricados de rochas duras, como os machados grandes: por conseguinte, se os descobertos nas grutas sepulchraes da Marne, que descem ao minimo de $0^m,05$ eram utilizados como instrumentos, porque não admittir que os nossos tinham o mesmo destino, fóra das sepulturas? As fracturas que notámos nos gumes não nos deixam grandes hesitações; e por outro lado não ha entre os nossos exemplares algum que tenha orificio ou as exiguas dimensões d'aquelles que o sr. Mortillet apresenta como simples amuletos.

E que aquelle que tem o gume desbastado pelo attricto foi tambem usado como instrumento, não pôde haver duvida: sendo certo, por outro lado, que a peça é bastante forte para indicar que seria primitivamente empregada como instrumento cortante. Quanto ao de quartzo, não podendo considerar-se um objecto regular, para lhe attribuirmos um character puramente symbolico, é facil admittir que fosse destinado simplesmente ao mister de cortar.

Mas uma difficuldade surge: todos esses objectos não podiam ser empregados á mão; por mais que tentemos a

experiencia, não conseguimos dar com elles um golpe aproveitavel: por isso o auxilio de um cabo era necessario; e é precisamente este que nos causa sérios embaraços.

Não admira que não tenhamos encontrado nas sepulturas qualquer cabo de madeira, porque esta devia ter sido destruida; mas os cabos ou estojos de osso ou chifre de veado, que podiam conservar-se através milhares d'annos, como outros objectos d'osso alli recolhidos? Como explicar a sua falta?

Por outro lado faltam-nos exemplares polidos, como notámos, as asperezas reconhecidamente intencionaes, praticadas no lado opposto ao do gume, para se fixarem solidamente nos cabos; e nem mesmo parece verosimil que peças perfeitamente acabadas d'esse lado fossem feitas com o destino de serem mutiladas ou de ficar escondida esta parte dos instrumentos nos cabos.

E as de dois gumes? Como suppor que, por exemplo, a da fig. 36.^a das *Antiguidades prehistoricas* seria encabada por um d'elles, ainda que o mais pequeno? Este gume daria pouca solidez ao instrumento, porque seria fracturado facilmente com o uso; e tambem não parece verosimil que fosse feito para ser destruido fóra da sua applicação como aresta cortante.

Entretanto estas objecções não são bastantes para nos levarem a renunciar á ideia de que taes objectos eram utilizados como instrumentos. Pelo facto de não termos encontrado ainda vestigios de cabos, não pôde já concluir-se que estes não existiram. Não são ainda muitas as antas exploradas; e em todas, com excepção do cisto de pedra da Asseiceira, que não continha objectos alguns de industria, as profanações tinham posto tudo em tal desordem, fazendo até sair nos entulhos alguns objectos que se encontraram fóra das camaras e galerias sepulchraes, que é facil admittir a hypothese de cabos d'osso ou de pau de veado terem sido d'alli extraviados. Tambem ou-

tros objectos d'osso eram muito raros até ha pouco tempo; e todavia novas excavações nos terrenos que cercam os megalithos nos descobriram já mais alguns exemplares. É, pois, licito esperar que ainda encontraremos nas nossas estações alguns d'aquelles de que se trata.

Mas os cabos tambem podiam ser só de madeira. O sr. Mortillet representa nas fig. 439.^a e 440.^a do seu *Museu* dois exemplares de hachas grandes assim preparadas, provenientes da estação lacustre de Locras, lago de Bienne, na Suissa, e na fig. 441.^a uma semelhante, proveniente da Inglaterra. D'este modo a falta de semelhantes accessorios pôde realmente explicar-se pela acção destruidora do tempo. Nem admira que as proprias peças de pau de veado tenham tambem soffrido egual destruição. O sr. Barão J. de Baye encontrou em grutas sepulchraes, que aliás estavam intactas, muitos d'esses objectos destruidos. «Muitas vezes, diz o sabio archeologo na obra já citada, não restavam senão pedaços desaggregados (dos cabos), entre os quaes alguns fragmentos de chifre permittiam distinguir o genero e determinar as dimensões.» Mais facilmente no seio da terra, atacados pelos acidos, estavam sujeitos a destruição.

A falta de mutilação, reconhecidamente intencional, da parte superior das hachas tambem não nos demove. Notaremos antes de tudo que a de quartzo está nas condições que podiam desejar-se, pela sua fôrma hexagonal. Quanto ás polidas e acuminadas, é preciso ter em vista que umas teem vestigios de uso, como dissémos, e outras não; e que, a julgar pelo perfeito estado da que foi encontrada na necropole do Cabeço dos Moinhos, e dos gumes de todas as hachas grandes descobertas nos megalithos da Serra, as que não teem vestigios de uso são provavelmente provenientes de monumentos sepulchraes destruidos. Assim, não é para estranhar que não tivessem sido ainda preparadas para receberem os cabos.

Por outro lado esta preparação não era essencial. Tanto o sr. Mortillet como o sr. de Baye observam que umas hachas eram *picadas* ou lascadas, e outras não. (1) Por isso em grandes series d'estes instrumentos facil será encontrar exemplares das primeiras; mas em onze, que nós colligimos, não surprehende a sua falta.

Comtudo as irregularidades que o artista deixou em quasi todas e as pequenas fracturas d'algumas não poderão ter sido destinadas a esse fim? Para as hachasinhas perfeitamente acabadas e polidas em todos os pontos, que são só duas, não haveria algum processo, por nós ignorado, de as fixar solidamente nos cabos, sem as damnificar? Tudo isto dá logar a muitas conjecturas, mais ou menos plausiveis. Mas o que é certo é que o bello exemplar da freguezia do Paião tem o gume do topo completamente abatido e vestigios d'uso no gume da base; o que nos leva a pensar que o objecto fôra effectivamente encabado. Ou se abateu o gume do topo, para que as superficies da fractura encontrassem mais resistencia no cabo, ou aquelle se fracturou, depois de embutido n'este, com o uso do instrumento.

Concluimos, pois, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos, que as pequenas hachas de pedra polida das nossas estações, eram indubitavelmente objectos votivos; mas que, fóra das sepulturas, deviam tambem, salvo melhor juizo, ter sido usadas como instrumentos cortantes.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

(1) *Le Prehist.*, pag. 544; *Musée*, estampas 47.^a, 49.^a e 50.^a; *L'Archéolog. Prehist.*, pag. 246 e 247.

V A R I A

Os trabalhos paleoethnologicos no Algarve, do sr. Estacio da Veiga. (1) — Programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal.

As antiguidades prehistoricas do Algarve constituem já um pequeno museu, realmente notavel pela extensa serie dós seus exemplares que, differenciando-o por algumas peças de caracter especialmente regional, marcam no entanto todas as epochas e factos na evolução prehistorica dos antigos povoadores. E nas grandes lacunas, separadas no cyclo ex-historico das civilisações pelas deficiencias do nosso estudo, ha tambem, como em outras varias provincias, factos interessantes que obrigam a discutir theorias e hypotheses, de cuja interferencia sempre tem resultado o avanço lento e prospero das sciencias archeologicas.

Região favoravel ao estudioso é tambem merecidamente a mais bem conhecida. Tem, pois, o seu archeologo, um interessante museu, as suas cartas paleoethnologicas, e, ultimamente, a monographia da sua prehistoria. São quatro grossos volumes, cheios de gravuras, em que o sr. Estacio da Veiga, o dedicado estudioso d'esta zona privilegiada, agrupou e descreveu os factos sobre a prehistoria da sua bella provincia, volumoso *recueil* de documentos, expostos assim livremente á observação universal de todos os que trabalham e procuram, na justa ambição das suas theorias, um ponto de comparação e de apoio, esse elemento original de indução, que muitas vezes se perde esquecido em regiões ignoradas de todo o estudo.

Nos paizes em que se estuda e que progridem, tem-se deliberado harmonicamente com este ideal, sonhado desde os papyrus do oriente ;

(1) *Antiguidades monumentaes do Algarve — Tempos prehistoricos*, por Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga. Lisboa 1891, 4 vol. in-8.º

e n'esta ancia de synthese e de verdade, espalham-se os trabalhadores em busca de materiaes, breve documentados e largamente expostos á erudição da velha Europa, avida de claridade na meia-luz duvidosa que envolve os seus grandes problemas. Mas, n'este paiz estagnante, sem elementos hereditarios de lucta — sob a influencia morbida de uma imbecilidade de atavismo — hesita-se ainda systematicamente em face d'esta necessidade flagrante de progresso, com o protesto silencioso e indifferente de quem ignora o valor essencial ou a utilidade abstracta de todas estas coisas. E, no fim de contas, ainda ha ahi pelo paiz quem, — como os apóstolos esquecidos de crenças novas — levante o pregão de protesto a valorisar uma causa de abstracta justiça.

Entre muitos, o exemplo do sr. Estacio da Veiga, implorando ha longos annos um misero subsidio para reorganisar convenientemente o seu museu, e desde então esperando uma resposta, é perfeitamente caracteristico da nossa inferioridade no quadro estatistico das nações cultas.

E' assim a queixa desalentada de alguns periodos da sua obra, que a estreiteza do espaço nos impede de bibliographar, mas a que é devido todo o elogio, como trabalho meticoloso de colleccionação, em que se classificam materiaes numerosos, de innegavel valor para a pre-historia da Peninsula.

São grandes volumes que seria materialmente impossivel resumir em alguns pequenos periodos. Ficará para outros trabalhos sobre a especialidade, na ordem do nosso programma, a analyse d'este *recueil* nacional, cujo methodo me parece discutivel, e assim uma parte dos seus modos de vêr, por vezes algum tanto prejudicados com a preocupação de certo *occidentalismo*, sempre contestavel quando applicado em exagerada generalidade.

Occupar-nos-ha por agora, tam sómente, o seu «programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal» (prologo do vol. IV), assumpto que entre nós tem todo o interesse de actualidade, visto que nada se propõe officialmente de serio e utilisante a favor dos monumentos de archeologia e historia, encarados como documentos de analyse scientifica ou symbolos nacionaes de velho fetichismo patriotico.

Aproveitando a occasião de se ter creado o ministerio de instrucção publica e bellas-artes, a quem competia a superior ingerencia nas questões d'esta especialidade, o sr. Estacio da Veiga abalançou-se a renovar a sua proposta com uma dedicação tanto mais para louvar, quanto é sabido um esforço perdido na inercia immobilisante dos nossos corpos dirigentes.

Dever-se-hia primeiro do que tudo inventariar rigorosamente to-

dos os nossos monumentos archeologicos, distribuindo-os methodicamente em cartas regionaes, decalcadas sobre a mesma formula regulamentar, para a composição final de um mappa harmonico e uniforme da archeologia nacional. Uma direcção geral de archeologia e bellas-artes, annexa ao Ministerio, legislaria no sentido de harmonisar praticamente estes serviços, executados sob a vigia de dois inspectores, a cargo de quem ficaria a conservação e reparação dos monumentos, assim como a fiscalisação dos museus. Completo o trabalho de colleccionação de documentos, estes ficariam distribuidos em seis museus, correspondentes ás circumscripções em que se suppõe dividido o reino, systema que o sr. E. da Veiga prefere ao de um só museu central de archeologia. Os exploradores de cada circumscripção seriam obrigados a colligir, parallelamente aos materiaes de estudos archeologicos e historicos, todos os documentos de character ethnologico que iriam compor, com outros subsidios affins, um museu central de anthropologia. Ahi fundar-se-hiam laboratorios e um curso especial de anthropologia, a cargo do director do museu, ao mesmo tempo que se introduzia no Lyceu de Lisboa uma cadeira de archeologia, distribuida, dois annos depois, aos outros lyceus do reino.

Assim é, muito resumidamente, o « programma » do sr. Estacio da Veiga.

A exposição que o Auctor faz do seu projecto deixa a impressão confusa de um systema imperfeito — deficiente ou excessivo — em que se apparenta uma certa difficuldade de structura, realmente pouco favoravel á realisacão immediata das suas proposições.

Poder-se-ha notar, por exemplo, uma distribuição pouco explicita das funcções pelos elementos que formariam esse organismo official; um functionalismo mal limitado em quantidade; deficiencia de indicações sobre o valor legal da inscripção dos moveis ou immoveis de valor archeologico ou historico; falta de indicações sobre as restricções, por legislação especial, do direito de propriedade sobre os objectos ou monumentos inscriptos, e tambem carencia de uma apresentação resumida do modo como se organisaria o serviço de reparação e conservação dos monumentos. Estas considerações, que devem preoccupar o organisador de uma legislação em que se accionam interesses muito diversos, parecem talvez estreitos detalhes, que mais minuciosamente cabem a um ante-projecto do que a um simples programma. Não obstante, a sua apresentação summaria teria o valor de uma aclaracão justificativa para alguns elementos vagos da proposta, ao mesmo tempo que imprimiria ao conjuncto organico do projecto um character profundo de justa utilidade e sabia inteireza de todas as circumstancias previstas da sua applicação.

Um «regulamento especial», que o sr. Estacio da Veiga faz determinar ulteriormente a serie de todos os serviços, incluiria certamente aquelles; mas, nos extensos limites do seu titulo e funcções, é uma causa de confusão em assumpto que deve impor a sua clareza axiomática e a urgencia evidente da sua importancia indiscutivel.

Um facto ha ainda para notar na organização do «programma», e é a desharmonia entre uma tendencia centralisadora na disposição dos estudos anthropologicos e a acção descentralisadora de toda a regularisação dos serviços de archeologia.

Sabida a relação intima entre as duas sciencias, pela troca de documentos ethnologicos, parece defeituoso este modo de regularisar estudos perfeitamente concordantes. Um Museu Nacional de Anthropologia, abrangendo os materiaes recolhidos para as duas sciencias, realisaria materialmente a unidade synthetica que deve existir n'esta serie de estudos, a que não faltam soluções de continuidade, mais avolumadas pela deficiencia intima de elementos completos de indução.

Ensine-se claramente nas escholas o que sejam estas sciencias, os seus processos e os seus resultados superiores; formem-se com dados nacionaes collecções apropriadas ao estudo, completas com a modelagem dos originaes raros; e isso basta para incentivo, creando dedicações pelo raciocinio, sem necessidade de impressionar exteriormente pela exposição apparatusa de todas as *riquezas* provenientes da circumscripção ou districto.

Os monumentos ahí ficam, intactos no seu velho arcahouço, cuidadosamente reparados e conservados pelo Estado, bens pertencentes de direito a toda a nação, sem que a sua deslocação, geralmente absurda, vá affectar o *chauvinisme* ronceiro do concelho ou parochia, possuidores nominaes de simples acaso.

Todos os outros materiaes, separados e espalhados pelo paiz, seriam como folhas soltas de um grande livro, sem valor particular na desconnexão das ideias e factos, valiosos, porém, na harmonia final da sua combinação, como elementos constituintes de um todo superior.

E assim me parece que deve ser a consideração dominante de todo o trabalho n'este sentido, fazendo irradiar todos os esforços e concentrar os resultados, dispondo os materiaes correspondentes segundo uma classificação sabiamente estudada, monographando todos os documentos e archivando o conjuncto harmonicamente, depois da analyse critica lhes ter marcado definitivamente a impressão propria dos seus caracteres especiaes.

São estas as considerações que me fez lembrar o «programma» apresentado pelo sr. Estacio da Veiga — indicação vagamente esboçada de topicos antecedentemente estudados para um trabalho desenvolvido

sobre esta questão especial. Em nada, porém, isto vae affectar a alta importancia d'esta iniciativa, incontestadamente elogiavel, a que de boa mente prestamos o apoio de todo o nosso enthusiasmo e o concurso insignificante dos nossos esforços e dedicação.

R. S.

Um vaso romano de barro cozido

E' mais um documento a juntar ás numerosas descobertas archeologicas feitas no paiz, do tempo em que dominaram a Peninsula legiões de romanos.

Conservando em toda a parte a sua feição dominante de povo conquistador, estes factos destacados são de somenos importancia, conside-



$\frac{1}{4}$ gr. nat.

rados como elementos historicos para o estudo vastissimo do povo-rei — a sua ethnographia está feita. Ha, porém, a deduzir d'esse longo periodo de dominação a influencia sobre as povoações indigenas, a historia especial dos povos peninsulares, muito deficiente nas suas primeiras epochas, perdida nas citações contradictorias dos auctores classicos. Eis um exemplo que justifica, além de muitos outros, a necessidade de tornar publicos estes pequenos materiaes; aproveitarão mais facilmente a quem se especialisar n'estes estudos, e não ficam esquecidos na inutilidade

prejudicial das collecções particulares. Assim é a vantagem principal d'esta secção da nossa *Revista*.

O vaso que desenhamos, não tem a valorisal-o como documento archeologico os dados precisos sobre a natureza do jazigo e caracter especial da sua estação. Foi encontrado em 1886 na freguezia de S. Mamede de Negrellos, por occasião das minhas excursões aos arredores de Santo Thyrsó, em busca de materiaes de estudo. Ahi, no lugar de Portellas, construía-se, a meia encosta, uma casita, que apenas mostrava o começo das suas alvenarias; e, na abertura do cabouco para assentar de nivel os alicerces, descobriram entre a camada superior da terra vegetal varios restos de louça e alguns vasos ainda completos. Todos se partiram ao choque do alvião, e só este se conseguiu completo, por um trabalho cauteloso de sapa.

Tem, como se vê, fôrma muito vulgar nos mobiliarios dos romanos, que plenamente justifica esta sua classificação. De um barro grosseiro, ligeiramente micaceo, conserva o estriado e a regularidade circular que dá o torno do oleiro, caracteres identicos aos dos outros restos de louça que ainda pude examinar, fragmentos de grandes vasos, de fôrma indeterminavel.

Disseram-me que tinham apparecido exemplares analogos no logar dos Mouros (freguezia de Moreira), a pequena distancia, no lado opposto da via ferrea, e que esta estação havia sido em tempo explorada pelo nosso distincto archeologo Martins Sarmiento. Da visita a este logar nada mais obtive, além de alguns restos de louça e fragmentos de ferro muito oxydado; e o mesmo me succedeu em outras pequenas estações, rodeando em zona pouco extensa a grande citania de Roriz.

N'isto se resumem os apontamentos que se obtiveram sobre este exemplar de ceramica romana; o facto ahi fica publicamente consignado, exposto á disposição de outros investigadores.

R. S.

BIBLIOGRAPHIA

Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal. Tomo II — Fasc. I — 1888-89

V — F. DE PAULA OLIVEIRA — *Nouvelles fouilles faites dans les kjoekkenmoëddings de la vallée du Tage.*

Paula Oliveira foi o continuador dos trabalhos de Carlos Ribeiro e dr. Pereira da Costa sobre os kjoekkenmoëddings do valle do Tejo. N'esta pequena monographia coordenou as suas observações de 1884 e 1885, que veem confirmar e completar os estudos dos seus distinctos antecessores. E, como todos os seus trabalhos, este é apreciavel pela seriedade nos methodos de analyse e a extensa erudição da especialidade do assumpto.

A questão da anthropophagia, attribuida aos pescadores de Mugem, é atacada com argumentos de uma verdade flagrante, nada mais que a conclusão propria dos factos, demonstrada nos caracteres especiaes dos *cabeços* explorados. Rigorosamente observador, tanto basta ao estudo d'estas questões, e especialmente d'esta sciencia, em que ha a antepôr-se o sophisma duvidoso da phantasia de muitos e a deficiência de alguns.

Citando as conclusões de archeologos brasileiros quanto ao caracter das povoações exoticas dos sambaquis, em emigrações periodicas para o littoral, chega contrariamente a definir o caracter sedentario dos povos de Mugem, hypothese cuja verosimilhança vem appoiar o predominio dos esqueletos de mulheres e creanças, assim como a presença de numerosos objectos de difficil transporte. O methodo fundado sobre os restos de animaes, applicado ás estações analogas da Dinamarca pelo professor Steenstrup, confirma tambem este facto notavel: a fixação do homem ao solo antes do conhecimento da agricultura.

VI — F. PAULA OLIVEIRA — *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes* (mémoire posthume).

Entre as antiguidades prehistoricas dos arredores de Cascaes, Paula Oliveira apresenta algumas completamente novas, descobertas durante as suas investigações n'esta região, abundante em documentos archeologicos de velhas civilisações. Assim, devemos registrar, além de algumas cavernas naturaes, a gruta artificial de Alapraia, o subterraneo do Casal da Lobeira, e os depositos, á superficie do solo, na aldeia de Manique de Cima.

Isto basta para assegurar a permanencia do homem n'esta zona durante as epochas prehistoricas, prolongando-se ainda sob a influencia das invasões posteriores do povo romano. As suas descobertas d'esta epocha protohistorica são verdadeiramente interessantes pelas considerações de character ethnologico a que conduziam, e que Paula Oliveira nos deixou por concluir, surprehendido pela morte, antes de poder terminar a sua bella memoria.

Os vestigios da epocha romana consistem em sepulturas, umas vezes isoladas formando pequenos grupos, outras vezes reunidas constituindo verdadeiros cemiterios; e d'estes os mais notaveis são os de Alcoutão, Abujarda e Murches.

O character especial dos tumulos, por inhumação, e a observação dos objectos artisticos que ahí se encontráram, conduziram Paula Oliveira a datar estes cemiterios do seculo II (a. de C.), quando principiou no paiz a influencia do dominio romano. Comparando estes tumulos com outros typos similares de Portugal, em epochas anteriores, nota-se a persistencia do mesmo rito, originariamente préromano. Os restos osseos encontrados nas necropoles de Cascaes pertenceriam, pois, a uma povoação préromana, pura ainda de toda a influencia do povo invasor.

Paula Oliveira concluia attribuindo aos Celtas estes tumulos, o que comprovava por meio de documentos historicos, e a approximação de estações analogas do periodo marniano em França, correspondentes á preponderancia politica das povoações gaulezas d'além-Rheno. N'esta parte da sua notavel monographia, ficou ella interceptada, privando-nos da sequencia interessante d'esta questão, verdadeiramente captivante pelo modo especial como era apresentada e discutida.

VII — F. PAULA OLIVÉIRA — *Caractères descriptivos dos craneos de Cesareda* (memoria posthuma).

N'esta memoria são apresentados methodicamente os craneos de Cesareda, estudados metricamente e nos seus caractères descriptivos, sendo destrinchadas as suas particularidades diferenciaveis com notavel subtileza de observação. Falha-nos o espaço para considerar miudamente o estudo especial que Paula Oliveira fez de cada individuo, analysando em conjuncto alguns caractères bem notados, que produziriam para a anthropologia prehistorica interessantes considerações.

VIII — ALFREDO BEN-SAUDE — *Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre.*

Esta questão da idade do cobre na Península, levantada pelos archeologos hespanhoes Vilanova e Tubino, adquiriu um certo desenvolvimento com as importantes descobertas dos irmãos Siret no sud-este da Hespanha. No entanto, o problema afastar-se-ha continuamente da sua resolução, emquanto se menosprezarem os dados fornecidos pela analyse chimica dos objectos de metal, classificados nos museus archeologicos como exemplares da idade do bronze.

O nosso eminente mineralogista sr. A. Ben-Saude, compreendendo nitidamente a necessidade de reduzir a formulas experimentaes um certo numero d'estas hypotheses scientificas, fornece com a sua memoria a este nosso problema ethnographico o auxilio de um elemento estudado e definido, ao passo que sollicitamente corresponde ao appello não ha muito dirigido aos paleoethnologos em uma revista franceza de archeologia.

E, d'esta fórma, com os documentos que resultam do seu authorizado estudo, mais se confirma a these que sempre defendemos da existencia de uma industria *indigena* do cobre, precedendo na Península a do bronze, comprovada por ultimo na analyse chimica dos objectos em questão, procedentes de localidades portuguezas, rigorosamente caracterisadas pela feição especial d'esta industria nossa.

IX — CH. SCHLUMBERGER — *Nota acerca dos foraminiferos fosseis da provincia de Angola.*

Este estudo foi feito, a pedido do sr. Choffat, sobre um fragmento de marne amarellado proveniente do Dombe Grande, provincia de Angola. Os caractéres paleontologicos d'este marne, que o sr. Schlumberger classifica de miocénico, teem muita analogia com os das camadas de Baden, proximas de Vienna.

E d'ahi se conclue analogamente para a Africa Occidental que estes depositos são formados em agoas profundas, pela semelhança de caractéres que approximam estas faunas da actual fauna das profundidades, como foi estudada pelo sr. Schlumberger a 1:000 e 1:200 metros no Golfo de Gasconha, por meio das dragagens executadas de bordo do *Travailleur*.

R. S.

Albert Girard — NOTA SOBRE OS CEPHALOPODES DE PORTUGAL, 8.º, 6 pag.; *Révision des mollusques du Muséum de Lisbonne*: I. — *Cephalopodes*, 8.º, 36 pag. e I pl.; *Additions* ao op. precedente, 8.º, 12 pag. e I phot.; Lisboa, 1890.

Os tres opusculos citados ennumeram, como se depreheende dos titulos, os exemplares theuthologicos que existem no Museu da Escóla Polytechnica. No primeiro são assignaladas as 14 especies até hoje recolhidas em Portugal, d'entre as quaes destacamos uma nova para a sciencia: *Ommastrephes* (s. gen. *Todaropsis*) *Veranyi*, Girard. Esta interessante especie que fórma a transição dos *Illex* para os *Todarodes*, foi colhida em duplo (macho e femea) a 10 milhas do Cabo da Roca, em junho de 1889. A sua descripção é deveras um modelo de observação, de precisão e de intelligencia, revelando no nosso illustre collaborador qualidades que não estavamos infelizmente habituados a registrar depois do passamento do desditoso Arruda Furtado. Confirmam-as ainda as lucidas observações que, ácerca d'outras especies mencionadas, o sr. Albert Girard nos apresenta. E só lamentamos o ser-nos vedado reproduzir na integra todo o trabalho sobre os cephalopodes, o que, a ser possivel, inteiraria o leitor da *Revista* de que a secção malacologica do Museu está felizmente a cargo d'um bom criterio e d'um forte e perseverante trabalhador.

R. P.

Paul Sébillot — ÉTUDES MARITIMES. (*Les coquillages de la mer; les zoophytes; les mollusques; les crustacés*) 8.º, 19 pag. Vannes, 1890.

Nomes, proverbios, adivinhas, contos, lendas, crenças, superstições e usos dos animaes referidos. O distincto folklorista francez, cujos estudos de zoologia popular são deveras notaveis pela abundancia dos materiaes ineditos colligidos, completa n'este estudo a interessante monographia publicada, ha annos, na *Revue de Ethnographie* ácerca das superstições sobre as conchas marinhas. O snr. Paul Sébillot teve a gentileza de fazer amaveis referencias ás minhas *Notas sobre a malacologia popular*, publicadas no n.º 2 do I vol. d'esta *Revista*, traduzindo uma grande parte da memoria e fazendo-a publicar, antes, na sua excellente *Revue des traditions populaires*. O meu trabalho, o *Folk-lore del mar* de Braulio Vigon e algumas observações originaes do auctor fazem d'est'arte um complemento aos trabalhos precedentes do illustre ethnographo francez. Mais uma vez lhe agradeço a sua obsequiosa amabilidade.

R. P.

Paul Choffat — PASSEIO GEOLOGICO DE LISBOA A LEIRIA, 8.º, 51 pag., Lisboa, 1891.

Este opusculo abrange uma serie de artigos publicados n'uma revista pedagogica de Lisboa. E' uma descripção pittoresca de parte da Extremadura atravessada pela via ferrea Lisboa-Figueira, feita com o tempo que comporta uma viagem geologica em caminho de ferro e destinada principalmente aos que, não se occupando especialmente de taes estudos, desejam todavia conhecer os factos geraes. A serie de trabalhos em que se decalca a interessante noticia é, na maxima parte, obra do illustre geologo suiso, já de sobejo conhecida para que nos demoremos com mais dilatada referencia.

R. P.

G. de Saporta. — SUR LES PLUS ANCIENNES DICOTYLÉES EUROPÉENNES OBSERVÉES DANS LE GISEMENT DE CERCAL, EN PORTUGAL — 4.º peq., 4 pag. Paris, 1891.

Noticia ácerca do interessante grupo das dicotyleas cujo estudo está sendo um dos mais notaveis e delicados da paleobotanica. Comporta a monographia do eminente paleophytologista francez referencias á flora de Cercal, jazigo intercalado no cenomaniano fossilifero e no neo-jurassico. As especies recolhidas e que servem de base para a noticia foram em numero de trinta e cinco, pouco mais ou menos; o sr. G. de Saporta resume os caracteres mais salientes de todos os typos portuguezes e encontra varias especies novas, duas das quaes constituem um typo a que dá o nome generico de *Delgadoa*, sympathica e merecida homenagem ao sabio director da nossa Commissão Geologica.

R. P.

P. de Loriol. — DESCRIPTION DE LA FAUNE JURASSIQUE DU PORTUGAL. Embranchement des échinodermes — 4.º, 179 pag. e XXIX pl. Lisbonne, 1890-1891.

O sr. P. de Loriol, a quem havia sido confiado o estudo dos echinodermes do cretacico portuguez, publicou ha tempos a sua monographia da fauna echinitica jurassica de Portugal, igualmente incumbencia da nossa Commissão Geologica. E' outro trabalho que denuncia a competencia do notavel echinodermista suiso e que vem occupar na nossa litteratura scientifica um logar de assignalada evidencia. A lista das especies descriptas abrange 95 especies de echinides endocyclicos, 16 de echinides exocyclicos, 1 asteria e 34 crinoides; d'estas 146 especies, 69 são novas para a sciencia. Postoque bastante restricta, a fauna echino-

dermica portugueza é notavel principalmente pela grande percentagem de especies até ao presente desconhecidas; e é provavel que o seu numero ainda augmente depois de colheitas ultteriores que se proseguirão á medida que os trabalhos stratigraphicos correlativos se forem executando. Nas XXIX planchas que terminam a memoria são figuradas todas as especies ineditas.

R. P.

NOTICIAS

O MUSEU AGRICOLA E FLORESTAL DE LISBOA

Foi nos primeiros dias do anno passado que se inaugurou a nova installação d'este museu, no antigo palacio do conde de Almada, ao Rocio.

Eram espaços vagos de solidão essas longas salas do velho solar de aristocratas, em que se diluam, como as sonoridades apagadas de um echo, recordações nebulosas do passado, repercutindo surdamente, aos quatro cantos, lamentos infinitos de saudade— d'esse vasto passado em que havia crenças e felicidades, a existencia viva e independente de ideaes aventurados. Sahiu d'ahi, cellula escondida de revolta, o movimento de protesto e restauração, caso archaico da historia patria, onde se firmava a superior envergadura de um caracter, acorrentado pela grilheta da fatalidade historica, mas lutando superiormente contra a humidade soffredora de longos periodos esgotados.

O palacio foi permanecendo, erecto na sua rigidez antiga de invalido, no meio d'este esborcinar de monumentos e glorias. Veio depois o decreto official, com honrarias de funcionario publico, dar utilização moderna ao velho paradeiro, que agora tem numero na lista civil, com taboleta de estanco na portada nobre.

É ahi que se installa o nosso museu de agricultura, as suas sete salas etiquetadas com designações de zonas agronomicas e exemplares em ordem de productos cultivados.

Materialmente, eis um benefico avanço nas questões agricolas e um impulso proteccionista a favor da archeologia nacional, tão desviada das responsabilidades officiaes, impostas geralmente pelos monumentos historicos dos factos e civilizações que se justapõem no relato biographico dos povos.

Ha satisfação em vêr interesse pelo caminhar progressivo do paiz; e o solo, onde se accumulam elementos morbidos de vida, a germinação latente de forças conservadoras e impulsivas, tem sido julgado entre nós a summula de recursos que despertarão a nossa actividade adormecida, no meio da concorrência atropelante e esmagadora dos outros povos.

Está pois ahí a nova restauração, e esta coincidência interessante valorisa o acaso da installação actual do museu, por si altamente valioso, desde que manifesta a uniformidade de um methodo ou sciencia, aceite praticamente nas suas leis poderosamente utilisaveis. Desculpa-se, por isso, a interferencia de aspectos incompativeis, no empastamento da ornamentação moderna, com objectos industriaes da actualidade, no fundo amarellado e poeirento d'aquellas velhas reliquias, irritavel, como o polido novo em um bric-à-brac artistico, ou a pintura espessa sobre a patine corroida dos tempos.

Admittido então o Museu Agricola na sua nova installação, ao Rocio, resta agora dar-lhe a largueza que compete ao desenvolvimento actual das sciencias agricolas.

Nasceram modernamente sciencias de applicação geral á cultura do solo, ramos de sciencias technicas, separados pelas necessidades que foram apparecendo na larga expansão dos conhecimentos.

Havendo um instituto de agronomia, em que se cursam, melhor ou peor, essas leis que regulam a productividade das terras, necessario é pois dar-lhes o maximo desenvolvimento com a organisação concordante de museus, em que se aproveite proficuamente o seu duplo valor de series documentadas de elementos de estudo, e de exposiçáo emulativa dos productos regionaes. Pela comparação dos especimens conclue-se a caracterisação completa de uma fórma melhor, faz-se artificialmente uma selecção cuidadosa de variedades pelas suas alteraçoes uteis, e apprendem-se novas receitas ou processos novos do mecanismo industrial e agricola.

Teem tambem estes museus valor ethnographico, e esse está principalmente na apresentação de typos indigenas, especimens de costumes populares, completos com exemplares ou modelos das alfaias agricolas e pequenos objectos intimos de lareira.

Este aspecto não foi esquecido na disposiçáo do Museu Agricola de Lisboa, que lhe prepara a impressáo agradavel de uma obra, d'onde resalta a preocupação artistica da fórma, na sua harmonia esthetica, ao mesmo tempo que evidencia flagrantemente uma utilidade universal, proficuo ensinamento á multidáo que passa n'estas galerias commemorativas do trabalho.

R. S.

O MUSEU DE MINERALOGIA, GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

Publicou-se no *Annuario* de 1890-91 o catalogo d'este gabinete, e esse documento é bastante para confirmar o desenvolvimento ultimo d'esta secção em instituto scientifico que, desde algum tempo, se propunha formar engenheiros de minas.

Existia para a regularisação geral d'este curso um programma exacto; ahí attendia-se ao ensino theorico da mineralogia, geologia e paleontologia, com o preciso desenvolvimento para as subsequentes generalisações technicas da sciencia applicada. O modo, porém, como eram cumpridas as disposições normaes d'esse programma, não é desco-

nhecido de quem tivesse observado a falta habitual de probidade na desconnexão final, entre o systema que regularisava a prática escolar da sciencia, e o modo imperfeito como eram realisadas essas disposições, no que diz respeito á eschola e seus cursos.

Ainda hoje se estuda n'este estabelecimento polytechnico segundo o regimen didatico da exposição dos grandes cursos, feitos em estabelecimentos similares, mas completos, do estrangeiro; segue-se a feição dogmatica dos velhos typos universitarios, quando o processo intimo da analyse é a formula constitutiva das sciencias experimentaes, em que a deducção final dos principios fundamentaes se concretisa no estudo empirico dos proprios factos.

D'ahi veio a expressão ultima dos methodos educativos, falsamente comprehendidos, quando se presuppõe um resultado completo com a accumulção erudita de conhecimentos sobre phenomenos, que não se sentiram, a lição de caracteres, que é difficil abstrahir do proprio objecto, pelo processo incompleto das fórmias descriptivas. Assim se fazia antigamente nas nossas escholas, e ainda hoje se faz de um modo geral, havendo a registrar, como manifestação moderna de progresso, um ou outro pequeno melhoramento, devido á iniciativa e esforço dos professores, no sentido de organizar um material mais ou menos completo de estudo.

N'este trabalho continuado de propaganda em favor da sciencia nacional, habituados a encontrar, como obstaculo insuperavel, um meio inexpressivo na sua unica manifestação de insufficiencia organica, é agradavel encontrar d'estes factos, outros tantos documentos para a medida estatistica da cerebração nacional.

Havia, pois, na Academia Polytechnica, um curso de mineralogia, geologia e paleontologia, sem collecções de estudo. Tal designação não mereciam, decerto, alguns poucos exemplares desordenados de proveniencia estrangeira e problematica, accumulados em vitrines multiformes, como os grupos exóticos de antigas anatomias, em uma floresta de algas e polypos, onde passeiam, de mistura, insectos de côres vivas e aves pintalgadas dos paizes afastados.

Gerações de alumnos *passáram*, sem quasi distinguirem os elementos de um granito vulgar, e havia sobretudo ignorancia da incompetencia fundamental para estudos subseqüentes de qualquer outra sciencia. No entanto, formavam-se engenheiros, e as cartas attestavam conhecimentos amplamente comprovados das materias do programma, aliás bastante completo na sua constituição apparatusa.

Hoje apparece-nos tudo exposto segundo uma disposição scientifica e moderna; adquiriram-se especimens-typos de estudo, exemplificados em collecções portuguezas, e começou-se um pequeno atelier para o estudo da micrographia, elemento poderoso na determinação das rochas e estudo geometrico dos elementos crystallisados — as suas propriedades e a sua genése.

Isto deve-se em parte, assim como um já extincto gabinete de microscopia vegetal, ao subsidio e especiaes esforços do professor, sr. dr. Amandio Gonçalves, cuja dedicação pelo desenvolvimento dos seus gabinetes merece justamente todo o elogio, uma excepção a registrar entre o funcionalismo das nossas escholas, geralmente caracterizado pela falta de pessoalidade e interesse, manifestada em absoluta indifferença pelos methodos e resultados.

O nosso distincto collega Rocha Peixoto, que tem desempenhado

o trabalho de naturalista adjuncto, veio trazer á iniciativa do sr. Gonçalves o auxilio forte de todo o seu enthusiasmo, a nota flagrante e proficua de um novo, intimamente dedicado a todos os methodos actuaes da sciencia moderna. E assim foram dispostas as collecções segundo uma classificação rigorosamente scientifica, muitos outros especimens vieram, e tudo se refundiu em um aspecto completamente novo, apparecendo pela primeira vez um gabinete tal como elle basta ás exigencias de uma sciencia de applicação em eschola technica.

Imperfeições ha, devidas especialmente á ausencia de largos subsidios que auctorisem a formação de maiores collecções; isto, porém, nada modifica o valor que merece o trabalho dos que directamente actuaram n'este melhoramento, que é de justiça se faça sobresahir entre as deficiencias geraes dos nossos estabelecimentos de instrucção.

E' especialmente interessante n'este pequeno museu uma collecção portugueza de paleontologia, que Rocha Peixoto formou com exemplares escolhidos nos duplicados das collecções da Commissão dos Trabalhos Geologicos, em Lisboa. O valor d'estas series regionaes em museus de estudo é indiscutivel; não se comprehende mesmo como se possam concretisar formulas especiaes de applicação, sem a noção distincta do facies regional. Supposto o character tecnico d'esta Academia, e que ella se propõe scientificar entre nós algumas profissões immediatamente uteis, demonstra falta absoluta de todo o criterio educativo esta antiga carencia de modelos nacionaes de estudo, com a exemplificação documentada de phenomenos produzidos no paiz.

Ha typos classicos, assim como modelos universaes, que são elementos-base da sciencia geral, completamente alheia ao nosso paiz, largamente affastado de todo esse colossal movimento de revelação scientifica, onde ha sobretudo muito talento e muito trabalho. Mas, apparece, parallelamente a este curso geral, a necessidade de, pelo menos, nacionalisar na sua applicação methodos e processos, que utilizarão directa e especialmente o paiz, nos ramos diversos da mesquinha actividade nacional.

E' um minimo tolerado de bom-senso, que nem sempre se encontra nos nossos institutos e academias, razão de mais para se julgar realmente valioso e expressivo este pequeno exemplo, que me alegro em registrar, prestando-lhe simplesmente a justiça que merece.

R. S.

OS MORTOS

IGNACIO DE VILHENA BARBOZA

1811-1890

Deixou um numero grande de trabalhos sobre os nossos monumentos historicos e archeologicos. Encontram-se espalhados em publicações diversas; e, se não constituem uma serie ordenada de monographias com o caracter de estudos especiaes e intimos de cada monumento, formam no entanto um conjuncto interessante de documentos, uma obra valiosa de vulgarisação, com o fim de «recomendar taes monumentos á attenção e apreço dos portuguezes, e á desvelada vigilancia dos poderes publicos» (*Mon. de Port.*).

Alguns artigos, modificados e ampliados, compozeram os volumes que nos deixou: *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas* (1860-62), *Exemplo de virtudes civicas* (1872), *Estudos historicos e archeologicos* (1874-75), *Monumentos de Portugal* (1886).

Foi membro da commissão nomeada em 1881 para adquirir objectos artisticos e archeologicos para a exposição do museu britannico de South Kensington, que depois pretextáram a exposição ornamental de Lisboa no anno de 1882.

Não era um observador, com o criterio de analyse, hoje elemento fundamental nos estudos scientificos d'esta especialidade; mas nem por isso deixa de ter merecimento o seu trabalho, que difficilmente esquecerá, com a memoria do bondoso velho, honrado patriota cheio de crenças e dedicacão.

R. S.

A. C. BORGES DE FIGUEIREDO

1851-1890

Houve epocha, depois do centenario, em que o poema de Camões foi miudamente analysado, á lupa, em todos os seus elementos—dissecados e metricamente classificados os materiaes que se juxtapõem no arcabouço complexo de uma civilisação ; havia ahi a impressão firme de uma nacionalidade, diluida no seu meio proprio, superiormente comprehendido, flagrante em todas as manifestações minimas, intimamente sentidas e caracterisadas.

Applicaram-lhe então os processos experimentaes das sciencias d'hoje, zoologia, botanica, ethnographia, archeologia, linguistica, etc. o que produziu algumas monographias, de interesse, talvez, para o estudo profundo d'aquella grande epocha, ou para o inquerito curioso das quantidades elementares do poema. A Borges de Figueiredo coube destrinçar-lhe as designações geographicas, que compilou e dispoz em um mappa especial—*Carta da Geographia dos Lusíadas, A geographia dos Lusíadas*, (1883); a cartã foi submettida ao parecer da Academia e impressa depois sob a protecção official.

Foi este o começo dos seus trabalhos scientificos. Collaborou em seguida dedicadamente em assumptos de archeologia historica, e especialmente de epigraphia, onde seriam realmente preciosos os seus serviços, auxiliando parallelamente outros trabalhos na reconstituição da ethnica peninsular.

Publicou dois livros de somenos valor scientifico, *Coimbra Antiga e Moderna* (1886), *O Mosteiro de Odivellas* (1889), onde no entanto transparece um grande trabalho de investigação historica e erudição, a que se pretendeu dar uma fórma litteraria, por vezes menos feliz. Ia em meio o quarto volume da sua interessante *Revista Archeologica*; e os que sabem dos esforços que exige no paiz a publicação d'um periodico scientifico, podem bem medir o valor d'este grande esforço, sempre contrariado pelo desalento de uma parte e a indifferença de todos.

R. S.

ESTACIO DA VEIGA

Entrava no prélo esta ultima folha da nossa REVISTA, quando nos veio a noticia da morte do archeologo Estacio da Veiga. Vae longa esta serie de necrologios, como um symptoma triste de fatalidade, n'este esboroar colossal de tudo o que possuimos em elementos superiores de actividade e trabalho.

Falta-nos agora o espaço para apresentar a obra interessante de Estacio da Veiga e a sua alta valoria como estudo detalhado de casos archeologicos.

No proximo numero procuraremos desempenhar esta funebre missão de chronistas.

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*:

- SANTOS ROCHA — *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*. (Segunda parte), 4.º, 90 pag., V pl. Coimbra, 1891.
- G. DE SAPORTA — *Sur les plus anciennes Dicotylées européennes observées dans le gisement de Cercal, en Portugal*, 4.º, 4 pag. Paris, 1891.
- A. LOCARD — *Les coquilles marines des côtes de France*, 8.º gr., 383 pag. e 348 grav. no texto. Paris, 1891.
- TH. HUXLEY — *Les sciences naturelles et l'éducation*, in-16, 360 pag. Paris, 1891.
- *La place de l'homme dans la nature*, in-16, 358 pag. e 84 fig. Paris, 1891.
- RAMALHO ORTIGÃO — *A fabrica das Caldas da Rainha*, 8.º, 22 pag. Porto, 1891.
- PAUL CHOFFAT — *Note sur le crétacique des environs de Torres Vedras, de Peniche et de Cercal*, 8.º, 43 pag. Lisbonne, 1891.
- *Espagne et Portugal* (extrait de l'Annuaire Géologique universel, tom. VI), 8.º, 18 pag. Paris, 1891.
- PROENÇA VIEIRA — *Exemplo frisanste da importancia da utilização dos dados geologicos na escolha dos traçados dos caminhos de ferro*. 8.º, 9 pag. e 1 cart. Lisboa, 1891.
- NERY DELGADO — *As cavernas em geral e especialmente as de Santo Adrião em Traz-os-Montes* (extracto da *Revista de Portugal*), 8.º, 16 pag. Porto, 1892.

- Boletim da Sociedade Broteriana*, tom. VIII, fasc. 3-4, tom. IX, fasc. 1. Coimbra, 1890-91.
- Boletim do Atheneu Commercial do Porto*, vol. I, n.ºs 3-6. Porto, 1891.
- Revista de Guimarães*, tom. VIII, n.º 4. Guimarães, 1891.
- Revista do Minho*, vol. VII, n.ºs 10-14 e 18-19. Espozende, 1891.
- Revista dos lyceus*, vol. I, n.ºs 2-3. Porto, 1891.
- Instituto*, vol. XXXIX, n.ºs 1-5. Coimbra, 1891.
- Revista de obras publicas e minas*, tom. XXII, n.ºs 262-264. Lisboa, 1891.
- Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie*, tom. I, n.ºs 9-11. Paris, 1891.
- Revue scientifique*, tom. 48, n.ºs 9-26 e tom. 49, n.ºs 1-5. Paris, 1891.
- Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles*, tom. V, fasc. 1-4. Bruxelles, 1891.
- Verhandlungen der Berliner Gessellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, n.ºs de maio-junho. Berlim, 1891.
- Bolletino del Real Comitato geologico d'Italia*, vol. II, n.ºs 2-3. Roma, 1891.
- Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, tom. II, fasc. 1-2. Paris, 1891.

- Bulletin de la Société des sciences historiques et naturelles de Semur*, n.º 5. Semur, 1891.
- Bulletin de la Société vaudoise de sciences naturelles*, vol. XXVII, n.º 104. Lausanne, 1891.
- Bulletin de la Société belge de microscopie*, tom. XVII, n.º 10 e tom. XVIII, n.ºs 1-2. Bruxelles, 1891.
- Feuille des jeunes naturalistes*, n.ºs 251-255. Paris, 1890.
- Mélusine*, tom. V, n.ºs 11-12, Paris, 1891.
- Records of the Geological Survey of New South Wales*, vol. II, part. I-III. Sydney, 1890-91.
- The Journal of the Anthropological institute of Great Britain and Ireland*, vol. XXXI, n.º 2. Londres, 1891.
- Abstracts of the proceedings of the Geological Society of London*, n.ºs 578-581. Londres, 1891.
- Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien*, n.ºs setembro-dezembro. Vienna, 1891.

AVISO

A correspondencia, publicações e comunicações destinadas á Sociedade Carlos Ribeiro ou á Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, deverão ser endereçadas d'ora avante á Livraria Lugan & Genelioux, rua dos Clerigos, 96 e 98 — Porto.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA J. B. BAILLIÈRE & FILS

19, rue Hautefeuille — Paris

- TH. HUXLEY — *Les sciences naturelles et l'éducation*. — Um vol. in-16 com 350 pag. 3 fr. 50
- *La place de l'homme dans la nature*. — Um vol. in-16 com 358 pag. e 84 fig. 3 fr. 50
- ARNOULD LOCARD — *Les coquilles marines des côtes de France*. — Um vol. in-8.º gr. com 384 pag. e 348 grav. 18 fr.

REVUE MENSUELLE DE L'ÉCOLE D'ANTHROPOLOGIE DE PARIS

Prix d'abonnement

Un an, pour tous pays 10 fr.

Librairie FELIX ALCAN, 108, boulevard Saint-Germain. — PARIS

May 1913

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo — N.º 8



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1893

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

A tatuagem em Portugal, por ROCHA PEIXOTO. pag. 145

VARIA

O diamante, por ALFREDO BENSAUDE pag. 159

BIBLIOGRAPHIA

Crime et criminel, de F. Ferraz de Macedo, por JULIO DE
MATTOS pag. 185

OS MORTOS

Estacio da Veiga, por FONSECA CARDOSO pag. 190

PLANCHAS

Tatuagens portuguezas (VIII pl.) pag. 158

A TATUAGEM EM PORTUGAL

(*Conclusão*)

1.^a Emblemas profissionaes

Raros os que se referem a officios; communs, as ancoras nos marinheiros, simples ou ornadas. Instrumentos de musica — violas, guitarras (fig. 1, pl. I), etc. — nos tocadores. Lacassagne dá uma lista extensa das tatuagens adoptadas por membros de grande numero de profissões — esquadro e fio de prumo, nos pedreiros; parafusos, nos serralheiros; pinceis, nos pintores; violino e arco, nos musicos; compasso, nos carpinteiros; cabeças de boi, nos magarefes; pistolas, nos armeiros; ancoras, nos marinheiros; botas, nos sapateiros, etc. — accusando a sua importancia como signal de identidade, que realmente é valiosa.

Os emblemas militares são pouco communs, mas em maior numero do que os precedentes: datas da inscripção nas fileiras; numeros de matricula, de companhia, de bateria e de regimento; um tambor e duas baquetas cruzadas; espadas, peças de artilheria. Estes signaes apparecem em soldados dos exercitos italiano e francez e ha-os mesmo especiaes para distinguir os membros de diversas armas: cavallos e clarins, na cavallaria; espingardas, na infantaria; canhões e granadas, na artilheria, etc. Tanto

basta para incluir os emblemas militares na cathegoria dos profissionaes.

2.^a Emblemas amorosos e eroticos

Os emblemas amorosos e eroticos são dos que mais predominam nos nossos tatuados. Umas vezes apenas as iniciaes da mulher estimada ; outras, seguidas das iniciaes dos operados ; outras ainda, fundidas, ex. : A. J. N. (Anna e José das Neves, mulher e marido); frequentemente a data da iniciação no amor. Corações simples encimados por uma cruz (fig. 2, pl. I), um triangulo (fig. 3, pl. I), um signo-saimão, uma corôa real, um desenho ornamental (fig. 4, pl. I); corações inflammados, trespassados por settas (fig. 5, pl. I), ou com as cinco chagas no interior do contorno; corações duplos (fig. 6, pl. I e fig. 7, pl. II), unidos, com ou sem iniciaes. Estas letras, inscripções ou symbolos são precisamente analogos aos descriptos por Lombroso e, nomeadamente, aos das populações da Lombardia e do Piemonte.

As tatuagens que se referem ao amor filial ou a amizade são mais raras : letras, nomes e datas. Entre as primeiras exemplificarei com a seguinte, levantada no ante-braço esquerdo d'um soldado : A. M. L., iniciaes do nome do tatuado ; em seguida M. C., iniciaes do nome da mãe ; depois a palavra AMOR que o tatuado dizia referir-se ao profundo sentimento maternal ; por ultimo, duas mãos entrelaçadas, a da mãe e a do rapaz (fig. 8, pl. II). Das segundas é curiosa a seguinte, relatada pelo snr. Castello Branco : n'um delinquente de existencia desregradissima, viciosa e turbulenta deparou-se-lhe o desenho d'um tumulo como recordação do *seu unico amigo*, lastimando o tatuado não poder ter-lhe erguido um mausoleu de marmore. Convem approximar d'este caso o figurado no *Atlas*

de Lombroso em que um tatuado fez desenhar no braço esquerdo o tumulo do pae.

As eroticas são numerosas e encontram-se quasi exclusivamente nos que habitam assiduamente as prisões; algumas não poderiam ser descriptas, como diz Lacassagne algures, nem em latim. As mais vulgares são os phallus, ornamentados por vezes, outras pretendendo accusar uma erecção burlescamente exaggerada. As tatuagens d'alguns encarcerados da Penitenciaria de Lisboa — um homem nú com um erotismo de satyro na perna esquerda e uma mulher nua na direita — são communs n'estas ou em outras regiões do corpo. As mulheres são ordinariamente desenhadas sob formas rotundas; n'um tatuado que examinei recentemente havia no ante-braço esquerdo a figura d'uma mulher em que a preocupação dominante fôra a amplitude dos seios, do ventre e das nadegas; no ante-braço direito um homem igualmente nú com o orgão sexual caracteristico de dimensões quasi eguaes ás de todo o desenho. O distincto medico-alienista dr. Julio de Mattos informou-me que tivera noticia d'um tatuado que fizerá desenhar no braço um Christo com um phallus em erecção de dimensões desproporcionadas.

Um tatuado, autochtone de Lisboa, tinha no lado direito do peito duas figuras em attitude e nudez que faziam lembrar os conhecidos vicios de Sodoma; referencias a esta depravação do instincto genesico apparecem mais, embora com pequena percentagem. Das d'esta natureza enumeradas por Lombroso bastará referir a de um cão sodomizando um gendarme, conforme as palavras do proprio tatuado: *un chien qui emmanche un gendarme*.

De saphistas e pederastes, nos quaes allusões litteraes ou symbolicas a essas preversões torpes são vulgares, nada observei nem sequer recebi noticia. As mãos entrelaçadas em que Lacassagne julga ver a marca denunciativa dos pederastes, significam, nos desenhos que examinei, ou

amizade, ou amor absolutamente naturaes. E' presumivel todavia que, dada a analogia das tatuagens portuguezas com as das populações que nos servem de comparação, se encontrem desenhos ou inscripções com os intuitos das seguintes: mãos entrelaçadas e a phrase — *L'amitié unit les cœurs*; a simples inscripção flagrantemente significativa — *Ami du contraire*, etc.

A existencia de tatuagens nos logares mais sensiveis da pelle e sobre a qual Berchon, Lacassagne e Lombroso accumularam excellentes materiaes, foi verificada tam pouco entre alguns tatuados portuguezes. O eminente anthropologista francez refere, entre muitas que é desnecessario enumerar, as inscripções desenhadas logo acima do pubis: *Plaisir des dames*, *Venez, mesdames*, *au robinet d'amour*, etc.; ou n'uma nadega: um zuavo com a bayoneta cruzada e sustentando uma bandeira onde se lê — *On n'entre pas*. Lombroso narra, entre outros, o facto d'um tatuado que fizera desenhar na glande a cara d'uma mulher e, de modo tal, que a bocca correspondia ao meato urinario; ainda outro tinha escripto ao longo da verga: *Entra tutto*.

Trez tatuados portuguezes tinham no penis: um, o numero da companhia a que pertencera quando era militar; outro, um phallus grosseiramente desenhado; o terceiro, as iniciaes do nome da amante.

3.^a Emblemas religiosos

Os symbolos de religião, especialmente nos individuos não criminosos, são os mais vulgares e variadissimos na fôrma, na extensão e na séde. Já se alludiu á antiguidade d'esta fôrma da tatuagem em grande numero de povos e principalmente entre os christãos, os quaes viram tal prática condemnada desde Moysés até ás affastadas delibe-

rações proibitivas dos concilios ; a despeito de tudo, o emblema religioso persistiu nas populações profundamente devotas, como diz o anthropologista de Turim quando se refere ao povo de Italia e todos nós relativamente aos portuguezes, uma vez conhecida a proporção avultada dos symbolos catholicos. Essa persistencia que é explicada satisfactoriamente e a um tempo pelo atavismo e, mais ainda, pela vitalidade que a religião conserva nas tradições, teve periodos, certo, de desigual generalisação. Por tempos do *Desejado*, antes de Alcacer Quibir, raro era o popular que não marcasse no peito o Christo ou as inscrições e emblemas figurativos da sua tragedia n'este mundo ; e mesmo porque a guerra vinha proxima, se ficassem em terras de moiros, restasse ao menos o vestigio de que haviam morrido abraçados na inabalavel fé do seu Deus. E' este sentimento ainda o que domina em alguns tatuados francezes fazendo desenhar Christos, anjos e santos da sua devoção ; certos marinheiros de Italia, afim de que os reconheçam se morrerem no mar alto ; os peregrinos de Lorette, para que lhes fique inolvidavel a data de sua piedosa romagem ; os visitantes dos Logares Santos ; muito portuguez que emigra antes ou durante a primeira viagem aos paizes longinquos ; e até varias tribus barbaras tatuando-se com ferro em braza para que, antes de entrarem no paraizo, tenham soffrido a purificação do fogo que limpa todas as impurezas terrenas.

A percentagem da figura religiosa é, pois, a mais elevada. Os dois traços da cruz ou cinco pontos representando as cinco chagas de Christo, as letras I. N. R. I. sobpostas aos dois cravos cruzados com que pregaram as mãos do Senhor no madeiro, são as mais simples e ingenuas. Veem seguidamente as cruces ornamentadas, com a corôa de espinhos ao través, a legenda que diz de que povo Jesus era rei, pedestaes onde o craneo e dois

femures significam a ineluctavel certeza do fim derradeiro (fig. 9, pl. II). Os Christos, numerosissimos, são de ordinario acompanhados dos emblemas que contam pittorescamente toda essa adoravel historia de resignação no martyrio: o calix com que lhe appareceu o anjo no monte Olivete; os cilicios com que lhe applicaram os açoites; os dados com que lhe jogaram a tunica; a lança com que Longuinhos o varou; a esponja que lhe chegaram á bocca para beber o fel amargoso; a escada a que subiram para o desligarem da cruz; as tenazes com que lhe arrancaram os cravos; o Sol e a Lua, emfim, que representam a passagem da claridade para as trevas, logo que Jesus expirou, e as pedras se partiram e o mundo tremeu (fig. 10, pl. III).

Outras vezes ainda tem o Christo desenhado lateralmente as imagens de S. João e de Nossa Senhora, ou, em vez d'estes, as figuras de pessoas de familia do tatuado em postura de oração; os sudarios ou o rosto de Jesus inscripto na corôa de espinhos e com algum dos emblemas referidos, embora mais ou menos modificados, são igualmente communs (fig. 11, pl. IV). Outros desenhos allusivos a fastos da egreja apresentam-se com uma frequencia e variedade dependente da vontade do tatuado ou do seu operador: santos de particular devoção (fig. 12, pl. V), os braços de S. Francisco na attitude tradicional (fig. 13, pl. IV), o anjo da guarda dominando Satanaz sob os pés e n'uma das mãos a balança que peza as culpas e as boas acções (fig. 14, pl. VI).

Contrapõe-se a esta multiplicidade de desenhos com o character religioso a carencia de figuras patrioticas, abundantes nos italianos, sobretudo nos militares que serviram na guerra contra a Austria, e ainda entre os francezes que, além de reproduzirem os retratos dos homens mais proeminentes do seu paiz, imprimem na pelle bustos da Republica, imagens de alsacianos, as armas de Strasbourg, cabeças de prussianos, etc. Este facto expli-

ca-se talvez pela falta de acontecimentos de vulto que, até ha pouco, tenham sobresaltado deveras o paiz e ainda pela noção de amor patrio, tam geralmente obliterado.

4.^a Emblemas metaphoras e phantasistas

De todos os signaes encontrados entre os nossos tatuados o mais espalhado é o *signo-samão*, *saimão* ou *sanse-limão* (fig. 15, pl. IV) destinado, na crença popular, a defender dos maus olhados ou a afugentar as coisas ruins. Esta marca, cuja interpretação ethnographica está por fazer (1), apparece em todos os objectos da arte e da industria populares: na ceramica, na ourivesaria, nos utensilios de pesca, nas cangas dos bois. As fórmulas são modificadas como se vê na fig. 16, da pl. VII por exemplo, e, por ventura, fórmulas estranhas identifica-as o povo com o seu amuleto. A alliança da cruz com a marca classica merece reparo visto ser desnecessaria a figuração de dois symbolos destinados provavelmente aos mesmos effeitos, facto já observado por Leite de Vasconcellos no seu estudo sobre a ornamentação dos jugos. Esta é, de resto, a nossa tatuagem classica que convem portanto assignalar e tanto mais quanto nos trabalhos que nos teem servido de comparação não é accusada uma só vez.

Em todos os povos que se tatuam a adopção d'um determinado desenho representativo d'uma ideia mais

(1) O meu amigo e illustre ethnographo J. Leite de Vasconcellos mostrou-me um trabalho em preparação destinado á *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro* e relativo ao famoso signal, o qual, sem duvida, reunirá a maior somma de documentos sobre o assumpto e me dispensa, consequentemente, de alguma consideração insignificante que poderia aqui apresentar a tal respeito.

geralmente dominante é um facto verificado; no francez o amor perfeito, «flôr da recordação e da esperança», apresenta-se com uma singular profusão acompanhado de legendas que dizem bem o intuito do tatuado — *à elle, à Rosalie, à Constance* — ou até o retrato da amante traçado n'uma das petalas. Os emblemas dos camorristas, dos franc-maçons, de outras sociedades secretas, de seitas e de castas, restringem o sentido quasi universal que se observa no grande numero de tatuagens já descriptas e comparadas aos grupos que as adoptam; e quando, como no nosso caso, o signal é, a bem dizer, privativo d'um povo, existe algum facto de ordem social, psychologica ou ethnographica a concluir. Feita a interpretação do signo estará tam pouco explicada a razão da sua abundancia e persistencia.

Na cathegoria dos emblemas-metaphoras ha motivos para incluir os corações trespassados simples ou unidos (fig. 17, pl. VII), com iniciaes ou datas, alguns desenhos obscenos mesmo, visto alludirem a aspectos varios da paixão amorosa; estão ainda n'este caso as mãos que se apertam.

A tatuagem exclusivamente phantasista é entre nós o peixe, o lagarto, a serpente e a ave (figs. 18 e 19, pl. VII); os vasos de flores (fig. 20, pl. VIII) e o sol (fig. 21, pl. VIII); o anel; todos os desenhos, emfim, modificados na simplicidade primitiva pela preocupação ornamental (fig. 22, pl. VIII) gracil ou de symetria.

5.^a Inscrições

Este capitolo quasi poderia ser supprimido do quadro pois que as iniciaes e as datas já enumeradas nas linhas que precedem constituem a grande parte das inscrições dos nossos tatuados. A existencia, porém, d'uma certa, com que o nosso amigo e illustre archeologo, dr. Santos

Rocha, deparou n'um tatuado da Figueira da Foz levam-me a abrir especialmente este paragrapho. Trata-se da formula magica da fig. 23 da pl. VIII, que aqui reproduzo

|
 —S A T O R
 A R E P O
 T E N E T
 O P E R A
 R O T A S—
 |

a qual, como se vê, poderá ser igualmente lida nas quatro direcções indicadas pelos traços. Da sua interpretação occuparam-se Reinhold Koehler, que fez sobre ella uma communicação á Sociedade anthropologica de Berlim, e Webster, que a comentou e ampliou no jornal inglez *The Academy*; este ultimo trabalho foi trasladado para portuguez na *Revista do Minho*, pelo snr. J. Leite de Vasconcellos. E', conforme a affirmação dos dois sabios estrangeiros referidos, um remedio magico contra a febre dos homens e dos animaes e a sua antiguidade vae até á epocha romana, existindo ainda hoje em varios paizes da Europa e ño Brazil. A origem remonta provavelmente a algum estribilho de ritual da Roma pagã, apropriada mais tarde, como muitas superstições antigas, pelo christianismo. As antigas nominas e ainda as orações impressas sob uma imagem gravada e cuja leitura e posse livra de epidemias e febres, approximam-se, no intuito, da formula transcripta. A possibilidade de ser lida horisontal e perpendicularmente da direita para a esquerda ou vice-versa é característica n'esta especie de amuletos; se se lê n'um sentido satisfaz e torna propicios os bons deuses, attrahindo-os para a cura; contrario o resultado se é lida ás vessas.

Infelizmente quem apresentava esta singular tatuagem não deu o motivo que levou o operador a imprimirlh'a; seria interessante conhecer a intenção e explicação popular da sua presença.

IV

ESTUDO ANTHROPOLOGICO DA TATUAGEM

Similitude da mutilação, no processo e na indole, entre povos sem laço algum ethnogenico; sua explicação pelas viagens, emigrações, imposição pela conquista e analogia do espirito humano (Darwin). Factores: a religião, a imitação, a ociosidade, a paixão amorosa e o instinto erotico; a necessidade de exprimir ideias por symbolos, nos analphabetos (Lacassagne); a vitalidade da tradição (Lombroso).

A diffusão da tatuagem executada por um mesmo processo e sob moldes inteiramente similares, em populações cujos laços ethnogenicos são nullos ou por emquanto desconhecidos, põe de parte, consequentemente e desde o principio, a ideia d'um parentesco estreito entre muitos dos povos que a adoptam. Em paizes verdadeiramente distinctos sob o ponto de vista anthropologico ha praticas communs cuja explicação está nas viagens dos membros de familias tam diversas, nas emigrações, na imposição pelas conquistas e ainda mais na similitude do instinto do homem. Não se comprehende d'outro modo a coexistencia d'uma mesma mutilação cephalica entre certos povos europeus e os habitantes da Patagonia, uma dada amputação digital em tribus das costas da Africa occidental e do Paraguay, a tatuagem por picadas, emfim, em povos sem relação alguma conhecida nos tempos historicos. A hypothese da junção, em periodos geologicos anteriores, de continentes actualmente separados, seria ainda precoce e, em muitos casos, improvavel.

A prática da tatuagem, pelo modo como está quasi universalisada e por certas leis geraes a que se subordina em todos os tempos e em todos os logares, explica-se satisfactoriamente para todos os povos que a usam com determinantes absolutamente as mesmas. As causas apresentadas pelo eminente anthropologista de Turim e que explicam a persistencia e a indole dos desenhos são, na quasi totalidade, as mesmas que satisfazem aos que estudam a tatuagem em Portugal. Ora é de ver — principalmente se estendermos a pesquisa a todas as cathegorias da mutilação — que entre povos de origens diversissimas a interpretação do costume tem igualmente o mesmo cabimento. Tal facto demonstra que, n'este como em outros habitos, o homem procede por um instincto commum, sem intervenção, muitas vezes, de presuppuestas relações de qualquer ordem.

Seguindo as causas que Lombroso refere para explicar a perpetuidade da mutilação temos, em primeiro logar, a religião. É manifesta, entre nós, a importancia d'este motivo; a existencia e a multiplicidade de qualquer symbolo religioso é, no grande numero de casos, justificada pelos operados como signaes evidentes da sua fé christã, uma marca que os denuncie catholicos se morrem no mar ou nos logares distantes. O Christo é, de ordinario, a imagem preferida; mas o santo de particular sympathia, mais que qualquer outro, demonstra a preocupação religiosa do intento. Do mesmo modo justificam a natureza d'estas tatuagens não só as populações a que precedentemente nos referimos, mas ainda povos como os birmans e os zelandezes, entre os quaes os proprios sacerdotes exercem a arte.

A imitação tem igualmente valor como causa de propagação da tatuagem. Um tatuado de Cascaes que, nas suas viagens pela costa, continuava a espalhar o costume, dizia que, em rapaz, *era moda* semelhante uso. É interes-

sante approximar d'esta explicação a que foi dada a Lacassagne por um dos varios encarcerados de certa prisão, tatuados todos no braço com a phrase *Pas de chance*: adoptava-a tam pouco *parceque tous les prisonniers étaient ainsi*.

A permanencia nas prisões, nos navios e nos quartéis, dando logar a periodos de grande ociosidade, origina tam pouco a persistencia fecunda do costume. Um pescador de Cezimbra, operador emerito, nos intervallos dos trabalhos maritimos desenhava os braços dos companheiros sem proposito de lucro mas apenas para *matar o tempo*. O snr. Queiroz Velloso relata o facto observado n'uma clinica, d'uma mulher tatuada pelo marido *nas horas vagas e por não ter que fazer*. Um outro operado affirmava-me que se sujeitava á pratica por *brincadeira*; alguns frequentadores da Relação do Porto não explicavam de modo nenhum a existencia do desenho nem a sua significação.

As paixões humanas mais elevadas explicam ainda entre nós algumas tatuagens representativas da amizade filial, de varias recordações gratas, de amor, até, em alguns casos; certos operados em que se encontram simples corações escolhiam este desenho com um sentido occulto e honesto dirigido á mulher estimada. Mas geralmente o instincto erotico é o motivo fundamental das figuras amorosas e, naturalmente, das pornographicas.

Acima, porém, de todas estas causas é necessario reconhecer, com Lacassagne, a necessidade das pessoas analphabetas em exprimirem por figuras ou symbolos as ideias que não podiam representar d'outr'arte, facto tam remoto que, como geralmente se sabe, antes da invenção da escripta já o pensamento era transmittido pelo hieroglypho. Na presença d'uma tatuagem representativa do martyrologio de Christo o operado conta uma historia que nunca saberia reproduzir litteralmente; as figuras amorosas ou

obscenas envolvem muitas vezes pensamentos relativamente complexos; os astros, as flores, os animaes, a ancora, o navio, o tambor e todas as marcas profissionaes emfim são representações objectivas de ideias cuja transmissão mal fariam por outro modo. Em appoio d'esta hypothese, cuja verosimilhança é attestada por muitos factos anteriormente indicados, o distincto medico francez assignala outros por ventura mais decisivos. Interessa sobretudo attender ás tatuagens simultaneamente figurativas e phoneticas quasi exclusivas dos individuos cuja cultura é demasiadamente rudimentar; um coração em chamas acima do qual estava escripta a palavra *mon* e sobposta a phrase *à toi* significava, no dizer do tatuado, *mon cœur brûle pour toi*; as iniciaes V. L. E. B. V. juntas a dois copos e uma garrafa queriam dizer *vive l'amour et le bon vin*; o numero 20 (*vingt*), um coração (*cœur*) e a inscripção *d belles*, traduzir-se-hia pelas palavras *vainqueur des belles*.

Por ultimo—e esta é a determinante principal para Lombroso— a tradição influe poderosamente na perpetuidade do costume, causa deveras importante e que não carece de justificação depois de, conhecido o esboço historico já exposto, considerarmos que muitas superstições dos povos primitivos se veem transmittindo até hoje, com tanta mais tenacidade e semelhança com os typos primordiales, quanto os povos que a conservam estão mais atrasados em cultura.

Porto, maio, 1891.

ROCHA PEIXOTO.

BIBLIOGRAPHIA

- A. A. CASTELLO BRANCO. — *Estudos penitenciarios e criminaes*, Lisboa, 1888.
- A. LACASSAGNE. — *Les tatouages* (Étude anthropologique et médico-legale), Paris, 1881.
- CHARLES DARWIN. — *La descendance de l'homme*, Paris, 1881.
- CÉSARE LOMBROSO. — *L'homme criminel*, Paris, 1887.
- E. MAGITOT. — *Essais sur les mutilations ethniques*, in *Compte-rendu du Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques* (9^{ème} session), Lisbonne, 1884.
- ERNEST BERCHON. — *Histoire médicale du tatouage*, Paris, 1869.
- GABRIEL DE MORTILLET. — *Le préhistorique*, Paris, 1885.
- LEITE DE VASCONCELLOS. — *Formulas magicas*, in *Revista do Minho*, I vol., Barcellos, 1886.
- NERY DELGADO. — *La grotte de Furninha à Peniche*, in *Compte-rendu do congresso de Lisboa*, Lisbonne, 1884.
- QUEIROZ VELLOSO. — *A tatuagem nos delinquentes*, in *Revista do fóro portuguez*, vol. IV, Porto, 1889.

VARIA

O diamante (I)

O estudo proficuo dos mineraes começou apenas no fim do seculo passado, na época em que se principiou a estabelecer pela experiencia os principios fundamentaes da chimica moderna, sem os quaes não podia existir a mineralogia. Até então poucos auctores se occuparam de mineraes; e o pouco que escreveram é mais ou menos eivado dos erros provenientes da antiga e vaidosa pretensão philosophica de descobrir os segredos da natureza simplesmente com o auxilio do raciocinio e da phantasia.

As seguintes citações provam-n'ò de sobejo :

Trinta annos antes de J. C. sustentava Diodorus Siculus que o crystal de rocha era formado da mais pura agua congelada, não pelo frio, mas pela força d'um fogo divino.

Seneca julga o crystal de rocha egualmente agua congelada, mas por um frio prolongado em virtude do qual o gelo adquiriu tal densidade que o que era anteriormente humidade se transformou em pedra dura.

Plinio, o naturalista, expende tambem a opinião de Seneca na sua historia natural.

O proprio Linneo (1707 a 1778) a quem a botanica moderna tanto deve, tem as idéas mais phantasticas no que respeita aos mineraes, comquanto se lhe devam observações de algum rigor relativamente ás suas formas crystallinas. Tinha elle percebido que substancias muito diversas

(1) Este artigo era destinado a outra Revista de cuja redacção um dos directores d'esta publicação fazia parte. Devidamente auctorizados pelo auctor inserimol-o n'esta secção, principalmente pelo interesse das informações relativas ao tam celebrado diamante *Bragança*.

podem mostrar formas crystallographicas identicas; e esta semelhança de fórma levou-o á convicção de que os *saes* deviam ser considerados como geradores da crystallisação e que a união de um determinado sal com uma dada especie de *pedra* produzia a fecundação pela qual se communica a essa pedra a faculdade de crystallisar em fórma identica á do sal. O diamante, por exemplo, era comprehendido como uma especie de alumen, porque mostra as mesmas formas de crystallisação que este sal tem; por isso lhe deu o nome de *alumen adamas*, ou alumen diamante.

Desconheciam-se pois até quasi ao fim do seculo passado todos os principios da morphologia e da composição dos mineraes, cuja descoberta gradual veio constituir a mineralogia moderna.

É por isso que as litteraturas antigas, nas quaes ás vezes as sciencias contemporaneas vão encontrar os germens das suas concepções fundamentaes, se acham quasi por completo destituidas de indicações aproveitaveis ácerca dos mineraes. São tão deficientes as descrições que a antiguidade nos legou e tão entremeadas de crenças phantasticas, que raras vezes se póde reconhecer a substancia descripta. Verdade é que alguns nomes antigos de mineraes se encontram mais ou menos modernizados na actual nomenclatura mineralogica; mas é muito duvidoso que correspondam á sua significação primitiva.

Uma classe de mineraes faz porém, até certo ponto, excepção a esta regra, e o seu conhecimento e apreço perdeu-se na noite dos tempos. É a dos mineraes que, em virtude da sua côr agradável, viveza de brilho e grande dureza, estavam naturalmente indicados pelo seu aspecto esthetico para objectos de adorno, que foram usados desde as epochas prehistoricas (1). São os que denominâmos pedras preciosas, as quaes foram desde a antiguidade muitas vezes descriptas em tratados especiaes cujas definições são ás vezes bastante precisas para que as reconheçamos, comquanto seja corrente attribuirem-se-lhes propriedades chimericas e absurdas, que no emtanto ha certo interesse em conhecer, ao menos como subsidio para a historia do desenvolvimento das concepções humanas.

Os primeiros diamantes que se conheceram na Europa provieram da India, onde eram reservados desde os tempos mais remotos para adorno dos idolos e dos monarchas. Segundo uma antiga lenda um dos mais notaveis diamantes conhecidos (o Kohinur) pertenceu ao heroe Kar-na, filho do Sol, que viveu, segundo a mythologia indica, milhares d'an-

(1) Os povos prehistoricos de Portugal usaram para o fabrico de contas uma variedade de turqueza a que dei o nome de Ribeirite. (Vide *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques*, 1880, pag. 693. Lisbonne, 1884).

nos A. C. Nos livros sagrados dos hindus ha varias passagens em que se allude a pedras preciosas e se lhes attribuem propriedades maravilhosas. Os antigos poemas epicos Ramayana e Mahabhárata referem-se a ellas.

O seguinte aphorismo sanscrito: «o diamante não é cortado por nenhuma pedra, mas corta todas as outras»; e ainda este outro: «o diamante é cortado pelo diamante» provam que a sua grande dureza era conhecida dos antigos indios, e tam pouco conhecido o segredo sobre que se baseia a arte de o lapidar.

No Egypto não é certo que houvesse conhecimento do diamante, comquanto se saiba que a arte de lapidar e gravar outras pedras attingiu n'aquelle paiz um desenvolvimento notavel, como de resto todas as artes.

Na Biblia tambem se fazem referencias ao diamante, sobretudo no Exodo, quando se prescrevem as vestes do grão sacerdote; o seu nome hebraico (iáhlóm) não é, porém, só traducível por *diamante*: segundo alguns criticos póde corresponder tambem a *onyx* ou agata negra.

É sobretudo na India que o conhecimento do diamante na antiguidade se torna incontestavel. A grande riqueza da peninsula hindustanica attraheu desde remota antiguidade os commerciantes de diversos povos áquellas paragens, de modo que nos tempos de Roma (seculo de Augusto) existiam communicações com aquelle paiz, para onde eram levadas annualmente quantiasas sommas de dinheiro em troca das suas especiarias, sedas, marfins, pedras preciosas, etc. A opulencia dos seus monarchas despertou a cubiça dos conquistadores.

No começo do seculo XI os musulmanos da Persia, condusidos por um chefe turco, Mahamud-el-Gaznevide, levaram áquelles inoffensivos povos a sua cubiça e o seu culto, que se tornou depois o culto de muitos hindus.

Aos musulmanos seguiram-se os Mogols, cujos chefes reinaram em Dehli até ao seculo passado sob o nome de Grão-Mogols. O saque dos antigos templos, assim como a presa dos thesouros dos vencidos monarchas indigenas, accumularam nas mãos dos Mogols tal quantidade de diamantes e pedras preciosas, que o celebre viajante Tavernier avaliava (1665) em 160 milhões de francos (28:800 contos de reis) o mais rico dos sete thronos do Grão-Mogoi Aureng Zeb. A rapida decadencia dos Mogols explica a diffusão de grande parte d'estas preciosidades pelos povos do occidente.

Os nomes que o diamante recebeu em quasi todas as linguas da moderna Europa, derivam-se do grego *adamas*, indomavel, comquanto não haja certeza que os antigos gregos empregassem este termo para designar aquella pedra; primeiramente foi usado para designar a materia de que os deuses fabricam as suas armas invulneraveis. (1)

Theophrasto (371-264 annos antes de J. C.) menciona o *adamas* incidentalmente no seu tratado de pedras preciosas, sem que seja incontestavel que por tal expressão comprehendesse o diamante. Entre as multiplas propriedades phantasticas que attribue ás pedras, é curiosa e notavel a do sexo, cujo ultimo vestigio se encontra ainda, como vimos, nos escriptos mineralogicos de Linneu. É provavelmente na epocha que medeia entre Theophrasto e Plinio o naturalista, que o diamante foi conhecido na Europa, mas não é possivel fixar-se essa epocha de uma maneira precisa.

Plinio o naturalista (victimado no anno 79 da era christã pela primeira erupção historica do Vesuvio) reunia sem criterio, na sua celebre *Historia natural*, o que em seu tempo se conhecia e dizia do dia-

(1) Camões emprega algumas vezes nos Lusíadas a palavra *diamante* no primitivo sentido hellenico de *adamas*.

No Canto I, est. XXXVII, fallando de Marte diz:

A viseira do elmo de *diamante*
Alevantando um pouco, mui seguro,
.....

No Canto IV, est. LVI, referindo-se a praças fortes:

Porem ellas emfim por força entradas
Os muros abaixaram de *diamante*
Às Portuguezas forças,.....

N'estes dois exemplos, assim como em algumas outras passagens, não se pode admitir que o poeta quizesse fallar da pedra preciosa quando emprega a palavra *diamante*, mas sim de substancia muito resistente, sendo expressões synonymas no poema: *muro de diamante*, *muro adamantino* e *muro d'aço*.

A maior parte das vezes, porém, emprega a palavra *diamante* na accepção commum, como quando escreve no Canto I, est. XXII:

Com uma corôa e sceptro rutilante
De outra pedra, mais clara que *diamante*.

e ainda no Canto II, est. IV,

Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido *diamante*:

mante. Na descripção que d'este fez, d'envolta com algumas das propriedades verdadeiras que se lhe attribue, menciona outras que a observação directa, para não dizer o simples bom senso, deviam repudiar. O diamante, diz elle, tem o maior valor entre as cousas humanas e foi por longo tempo conhecido apenas de poucos reis. É de uma dureza indivisivel. Malhado sobre uma bigorna repercute de tal modo a pancada, que parte o malho e a bigorna; e é tambem indestructivel pelo fogo porque nunca póde aquecer-se. Esta resistencia ao ferro e ao fogo é apenas vencida pelo sangue de bode, mas sómente quando actúa sobre o diamante, ainda fresco e quente; e antes de se partir póde quebrar ainda malhos e bigornas. Quando por fim se fracciona reduz-se a tão pequenas partículas que apenas se podem vêr. Os gravadores procuram avidamente os seus fragmentos para com elles gravarem nas mais duras pedras. O diamante tem tal antipathia pelo iman que este não atrahe o ferro na sua presença, etc.

A idade média acceitou na melhor fé estas phantasias do escriptor romano *mais litterato do que homem de sciencia* (Littré).

Albertus Magnus (1193-1280), o grande mestre de S. Thomaz d'Aquino, não só as acceita, mas accrescenta, á descripção de Plinio, que o sangue de bode é mais efficaz para domar o diamante quando, antes de ser morto, se lhe dá vinho a beber ou salsa a comer!

Na nossa peninsula existiam opiniões semelhantes segundo o «*Lapidario*» del Rey D. Affonso X do VIII seculo (de que existe um fac-simile na Bibliotheca publica de Lisboa). «O diamante encontra-se em um paiz onde faz seis mezes dia e seis mezes noite e por onde corre um rio chamado *Barabicen*. Ninguem ainda pode chegar ás suas nascentes, porque ha lá muitas serpentes e outros animaes peçonhentos e — *viboras que matam solamente de la vista* —».

A sua duresa é igualmente referida, assim como a supposta tenacidade; mas, para partil-o, recommenda-se um processo differente do de Plinio. Basta envolvel-o em estanho e bater-lhe com o martello, podendo depois reduzir-se os fragmentos a pó n'um almofariz do mesmo metal. Tem qualidades medicamentosas, mas é venenoso; e como provém de regiões onde ha animaes peçonhentos, recebeu d'elles o veneno. Mettido na bocca por algum tempo faz cahir os dentes, e um drachma de pó em bebida mata um homem.

Ajuda ainda a fazer «*cosa que sea de atrevimiento e esfuerzo*» — mas todas as suas virtudes são mais pronunciadas quando certos astros teem determinada posição no ceu.

A crença errada na impossibilidade de partir o diamante batendo-lhe simplesmente, e que proveio da confusão da duresa com a tenacida-

de, foi de certo a causa da destruição de muitas pedras preciosas submettidas á prova do martello, como se vê do seguinte episodio historico. Quando Carlos o Temerario, grande rival de Luiz XI rei de França, perdeu a batalha de Gerson (Suissa), trazia comsigo todo o seu thesouro para o pôr a salvo do paiz de Flandres, então revoltado. As suas tropas não puderam resistir ao embate das hostes suissas, que faziam retumbar as duas velhas trompas de ponta de Aurochs, offerecidas a seus antepassados pelo imperador Carlos Magno. Em consequencia do estridente ruido do «Touro de Uri» e da «Vacca de Unterwald» (assim chamavam os suissos ás duas trompas) espantaram-se os cavallos do inimigo, e o exercito borgonhez foi dispersado, segundo diz a chronica, «comme fumée par vent de bise». O proprio duque de Borgonha foi forçado a fugir deixando atraz de si, em poder dos suissos, as suas joias e até o seu chapéu ornado de pedras preciosas. Os vencedores não suspeitaram da riqueza das joias do thesouro; e como, provavelmente no seu entender, verdadeiros diamantes resistiam á prova de martello, partiram-nos na maior parte cuidando que eram apenas pedaços de vidro. Um dos maiores diamantes que o duque costumava trazer ao pescoço (o Florentino, hoje da corôa d'Austria) escapou por milagre. Foi achado no caminho por um soldado dentro de um estojo adornado de perolas, o qual lançou fóra o diamante e guardou só a caixinha; reconsiderando depois veio de novo encontral-o para o vender mais tarde a um cura dos arredores pela infima quantia de um escudo (pouco mais ou menos 200 reis).

A descoberta do caminho maritimo das Indias (1438) pelos portuguezes, veio contribuir consideravelmente para o conhecimento das pedras preciosas na Europa, que anteriormente vinham por permutação successiva até Beyruth e Alexandria, d'onde chegavam ao occidente por intervenção dos negociantes venezianos, genovezes e catalães que n'estes mercados os iam comprar. (J. de Barros. Dec. I.^a, ed. 1628, pag. 148).

Os navegadores portuguezes transformaram Lisboa no deposito europeu dos ricos productos da India, e por isso são n'estes tempos os nossos escriptores quem, na Europa, têm mais claras noções das pedras preciosas.

Duarte Barbosa (1) que muito singelamente nos relata tudo quanto viu nas suas longas viagens pelo oriente (no fim do seculo XV e principio do XVI) refere-se por diversas vezes ás pedrarias da India; e se a sua narrativa não vem ornada de citações dos livros de sciencia do seu tempo, tem sobre os seus antecessores a grande vantagem de ter conhe-

(1) Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas. Lisboa, 1812. Tom. II.

cido de perto as pedras sobre que escreve e cujo commercio não lhe era estranho.

Nada se encontra no seu curioso livro relativamente ás propriedades phantasticas das pedras, e a seguinte passagem prova quanto era mais perfeito o conhecimento que tinha d'ellas do que o dos escriptores e poetas europeus coevos. (1)

«Os topasios, diz Duarte Barbosa, nascem na ilha de Ceilão (2)... é pedra mui dura, e mui fina e do peso do Rubi e Saphira, porque todos tres são de uma especie...»

Só a mineralogia moderna pode comprovar o que este sagaz navegador já adivinhára — que as tres pedras apenas se differenciam pela materia córante.

Sobre diamantes apenas nos diz que os ha no reino de Decan e no de Narsinga (Golconda), lapidando-se n'este ultimo paiz.

Garcia d'Orta, um dos nossos sabios mais illustres, é quem, no seu tempo, mais acertadamente escreveu sobre o diamante, que aprendeu a conhecer durante a sua longa permanencia na India. Por um dos interlocutores dos seus *Coloquios* (Ruano) dá-nos uma ideia clara das opi-

(1) Por esta epocha (1528-1577) escrevia Remy Belleau as suas poesias (*Œuvres poétiques de R. B.* 2.^a ed. Rouen (1604) sobre as pedras preciosas. Citaremos apenas algumas passagens da poesia *Le Diamant*:

«Sus donc avant que lon me taille
Un diamant que le marteau
Sur l'enclume ne sauroit rompre
Ni l'acier ni le fer corrompre
Ni consommer dans le fourneau»

Depois conta o poeta que o diamante

«Se ramollist et se destrempe
Au plonge dans le sang de Bouc»

Mais adiante refere tambem a receita do Lapidario de Alfonso X (substituindo es tanho por chumbo):

«N'est-ce chose encor plus colce...
.....
Ne pouvant estre combatuë
Que de soy, se voir abatuë
Au fray d'une lime de plom?»

(2) Significa aqui saphiras amarellas; ainda hoje os lapidarios as chamam topasios orientaes. Na mineralogia *topasio* tem outra significação.

niões então correntes, as quaes elle se encarrega de refutar pela bocca de uma outra personagem (Orta), que expõe as opiniões do auctor (1).

Eram-lhe conhecidos os diamantes do Bisnaguer (Golconda), do Decan e os do estreito de Tanjapura, nas visinhanças de Malaca.

Em Goa, então importante mercado de pedras preciosas, preferiam os Canarás «os que chamam *naifes*, que são aquelles que a natureza lavrou (diamantes *crystallisados*) e fez perfeitos sem hirem á mó» posto que os portuguezes preferissem os lapidados. Relativamente á supposta resistencia ao choque do martello dá Orta ao seu interventor o seguinte conselho sensato: «se tiverdes algum *diamam* de preço não façais n'elle tal experiencia, porque quantos tiverdes tantos fareis em pedaços com hum martello; e muyto facilmente se quebram com huma mão de almotariz, e asi os fazem em pó pera lavar os outros»... E n'outra parte «A maneira de conhecer os *diamães* se he *diamam* ou nam, he toqualo com outra ponta de *diamam*, ou com huma lasqua, e se nam fôr *diamam*, faz lhe risco»... «E de amoleçerse com sangue de bode foy huma fabula... mas já o experementei, e he tanto como se lhe não deitasse cousa alguma»... «E ao que me dizeis de ser vençido do chumbo por causa do azougue, não traz rezam, porque pois o *diamam* vence o ferro, e a todolos outros metaes e pedras, não he bem dizer, que he vencido do chumbo por causa do azougue; porque asi o corta o *diamam*, como uma faca corta um nabo.»

Relativamente ás propriedades venenosas do diamante declara ser um engano «e cousa nam scripta por doutores autenticos», e sem applicação determinada na medecina.

Merece menção uma observação geologica sua, ainda que mal interpretada. Referindo-se aos jazigos naturaes dos diamantes diz:... «he de ver que cousa tam forte (o diamante) avia de estar metida muyto dentro na mineira, e aviase de criarse em muytos annos e vejo que se criam em dous ou tres annos; porque cavam a mineira este anno altura de um covado de medir, e dahi a dous annos tornam a cavala, e tiram *diamães* como primeiro.»

Este phenomeno, que tanta admiração lhe causava, é devido a que, durante as temporadas chuvosas, os sitios escavados foram de novo invadidos por detritos alluviaes que continham diamantes, e não ao terem-se estes formado no proprio sitio á profundidade de um covado. Observa-

(1) Coloquios dos Simplicis e Drogas etc. Goa, 1563, Coloquio 43.^o A traducção latina de Carolus Clusius (1567) tem sido muito citada, mas desfigura um tanto o original. Extractamos aqui da edição portugueza. O Snr. Conde de Ficalho fez-nos o obsequio de emprestar para este fim as provas d'imprensa da edição que prepara dos *Coloquios* do nosso celebre medico.

ções feitas nos jazigos alluviaes, são erradamente generalisadas a todos os jazigos naturaes de diamantes.

Garcia d'Orta substituiu pois todas as crendices por observações proprias e notabilissimas para o seu tempo, em que o estado embryonario do estudo da natureza era justamente devido á falta de observadores de bom senso como elle. Mas nem o escripto de Garcia d'Orta, celebre no seu tempo, conseguiu fazer entrar no bom caminho os auctores que posteriormente escreveram sobre pedras preciosas.

Um outro medico natural de Bruges, Boettius de Boot, na sua descripção do diamante (1609) refuta a supposta tenacidade com que esta pedra resiste ao fogo e ao ferro; mas confere-lhe propriedades medicinaes e magicas, como tinham já sido attribuidas por auctores mais antigos. Segundo elle o diamante era reputado medicamento contra venenos, livrava da peste, do feitiço e dos pesadelos, acalmava o mau genio, «et nourrit et foment l'amour des mariez.» (1)

Não é, porém, a propria materia do diamante que tem todas estas virtudes, mas sim a sua belleza, esplendor e dignidade, que (segundo os medicos e theologos do tempo) a tornavam propria a receber e conservar em si os bons espiritos. São pois estes e não o diamante que actuam beneficemente.

No decimo setimo seculo são notaveis ainda as descripções de viagem, na India, de Tavernier, celebre viajante e opulento negociante de pedras preciosas, pelas quaes se teve noticia circunstanciada dos jazigos de diamantes na India, dos methodos de exploração, do seu commercio e das pedras mais notaveis existentes no poder de monarchas orientaes. Os seus escriptos contribuíram muito para o conhecimento das pedras preciosas e para o desaparecimento de muitas lendas e crendices; no entanto ainda em 1738 escrevia o medico portuguez dr. J. Rodrigues d'Abreu na sua «*Historiologia Medica*», a respeito das virtudes medicinaes das pedras preciosas em geral: «querem uns tenham virtude para curar o que negão outros. . . comtudo não se ignora que o Jacinto Oriental, e a Esmeralda apertão as tenrissimas membranas do corpo enfermo, por modo que as privão da sua força tonica subtil, o que nos está mostrando todos os dias, a experiencia. . . O certo é foy e será sempre droga e especearia de boa estimação e que não ha pessoa a quem não remedeem.»

(1) É em virtude d'esta fabulosa qualidade do diamante que em diversos paizes é costume offererem os noivos a suas futuras esposas, ao menos, um anel com diamantes (bague de fiançailles). Segundo uma antiga lenda, pelo maior ou menor brilho das pedras se pode avaliar da fidelidade da esposa!

Escrevia-se isto quasi dois seculos depois de Garcia d'Orta!

No principio do seculo actual ainda eram imperfeitos os conhecimentos que havia das pedras preciosas e vulgares as superstições que lhes attribuiam propriedades occultas, como refere um notavel physico francez, Babinet, nosso contemporaneo. Era então corrente mandar pedir emprestado ás familias ricas, pedras montadas em anel para as applicar sobre a parte doente. Quando a joia devia ser introduzida na bocca como remedio contra dores de dentes, de garganta ou de ouvidos, amarrava-se com um cordel para evitar que o doente a pudesse engulir.

Ainda hoje, na actual sociedade portugueza, ha restos de superstição relativamente aos poderes occultos das pedras. Pessoas, aliás illustradas, teem-me affirmado convictas, que a opala, por exemplo, é pedra de « mau agouro », e todos sabem que é vulgar entre o povo pôr um collar de contas de ambar, a que chamam collar magnetico, ao pescoço das crianças para lhes facilitar a dentição. (1)

A persistencia de todas estas e outras phantasias atravez de tantos seculos mostra-nos ao menos, com dolorosa evidencia, quanto é difficil ao espirito humano o emancipar-se de crenças ainda as mais absurdas, uma vez que tenham a tradição a ampará-las; mas o estudo d'essas tradições facilita-nos a comprehensão de alguns habitos e costumes da vida moderna, que se radicam muitas vezes em opiniões pueris dos nossos maiores.

Os antigos não tinham noção alguma sobre a natureza da substancia do diamante. O inglez Boyle é o primeiro que fez a seguinte observação importante relativamente ás suas propriedades chimicas, no meiodo do seculo XVII. Possuido da ideia erronea de que aquella pedra, quando aquecida, desenvolvia vapores acres muito abundantes, e querendo verificá-lo pela experiencia, observou que ella se consome pela accção do fogo intenso.

Esta experiencia capital foi repetida em 1694 e 1695, em Florença, pelos então celebres academicos Averoni e Turgioni, de ordem e

(1) É conhecida a crença do povo de que o machado de pedra da epocha neolithica, a que chama *pedra de raio*, preserva a casa contra raios. Pelo distincto medico e meu amigo o sr. Virgilio Machado, sei que ha quem use uma gotta de mercurio em um frasco pendurado ao pescoço, como remedio contra erysipela, ou um pouco de lacre no bolso, contra o rheumatismo, etc.

na presença do Grão Duque Cosme III de Medicis, empregando para ellas ora uma fornalha, ora uma lente que concentrava os raios solares sobre os diamantes. Estes — e foram numerosos os exemplares sobre que operaram — reduziram-se pouco a pouco, sob a acção do calor, até desaparecerem completamente passado certo tempo. Foram taes ensaios pouco tempo depois reproduzidos em Vienna, com identicos resultados, em presença do Archiduque, que mais tarde foi Francisco I d'Austria.

Quasi um seculo depois da experiencia de Florença fizeram se experiencias analogas em França, sob a direcção de D'Arcet, Maequer, Lavoisier e outros. Maequer observou (1771) que o diamante arde com ligeirissima chamma, formando em torno de si uma aureola perceptivel. Estava, pois, demonstrado que elle se consome no fogo, a despeito da antiga lenda da sua indestructibilidade. Um joalheiro, le Blanc, que duvidava ainda d'esta verdade, forneceu á experiencia um novo exemplar que foi egualmente consumido.

Maillard, lapidario da epocha, sustentava ainda a indestructibilidade contra Lavoisier, Maequer e outros, e propoz fornecer tres pedras para se proceder a novo ensaio, que ficou celebre, se lhe permittissem acondicional-as no cadinho antes de aquecidas, o que tambem lhe foi admittido.

Introduziu os tres diamantes lapidados na bocca de um cachimbo de barro a que tinha partido o pipo, encheu o vasio em redor com pó de carvão bem calcado, tapou o cachimbo com uma coberta de ferro e metteu cachimbo e conteúdo n'um cadinho que acabou de encher com cré. Tapou finalmente o cadinho com a respectiva tampa, guarnecendo-o exteriormente de uma massa vitrificavel; e assim o entregou aos experimentadores, que o expuzeram durante quatro horas a fogo tão violento, que a especie de argamassa com que estava coberto se fundiu, gottejando lagrimas de vidro pelas grelhas da fornalha. Retirado do fogo para o abrir, foi necessario partir o cadinho porque a tampa lhe estava soldada: com surpresa de Maequer e satisfação do lapidario, encontraram-se não só os diamantes intactos, mas ainda com o mesmo peso que tinham antes da operação. Achavam-se muito ligeiramente tismados com uma côr anegrada, mas só exteriormente, porque depois de limpos no torno do lapidario appareceram tão brilhantes e tão limpidos como antes. Por toda a Europa se repetiram então experiencias analogas; e os diamantes ora se queimavam, ora se mostravam refractarios a todo o calor.

Em 1772 descreve Lavoisier uma serie de experiencias, das quaes a mais conhecida é a da combustão de um diamante em um receptaculo de vidro cheio de oxygenio, fazendo actuar sobre elle o calor do sol

concentrado por uma lente. Depois de terminada a experiencia, reconheceu que os gazes de combustão se comportavam como o acido carbonico, chegando por isso á seguinte importante conclusão: « Que o diamante, que se destroe em breve tempo ao ar livre com um calor inferior ao necessario para fundir a prata, é pelo contrario um corpo muito refractario quando garantido do contacto do ar.»

Smithson Tennent e Morveau consideram-no como carbone, baseando este ultimo a sua opinião sobre uma interessante experiencia. Sabendo que o aço é apenas uma mistura de ferro com carvão, substituiu o carvão por pó de diamante e fabricou assim um pouco de aço susceptivel de adquirir, pelos processos usuaes, polos magneticos como o aço ordinario.

Por outro lado Humphrey Davy, em Inglaterra (1816), fez uma serie de experiencias e investigações, cujo resultado final foi reconhecer que a combustão do diamante no oxygenio puro sómente fornece acido carbonico e nada mais; d'onde conclue com todo o rigor, pela medida do gaz de combustão, que o diamante é carbone puro, o qual, ligando-se na incandescencia com o oxygenio, produz o acido carbonico. As ultimas duvidas foram removidas pelos trabalhos de Dumas em 1840, e depois d'isso chegou se ainda ao mesmo resultado a que chegára Davy pelas investigações de chimicos do nosso tempo, como Roscoe, Friedel e outros.

Com razão exclama pois Haüy: « Assim temos que o diamante, isto é, o mais puro e o mais brilhante de todos os mineraes e um dos mais limpidos, se identifica com o carvão, isto é, com um corpo brando, negro e opaco, no estado em que o obtemos, pela combustão (imperfeita) das materias vegetaes. Nunca foi mais verdadeiro o proverbio, que *quelques fois les extrêmes se touchent.*»

Antes de averiguada a natureza combustivel do diamante pela experiencia, já Newton havia previsto até certo ponto este resultado (1675) mas a sua previsão passou despercebida dos experimentadores anteriores a Lavoisier.

Eis o methodo inductivo empregado pelo grande physico. Tendo apprehendido a comparação do coefficente de refracção de diversos corpos diaphanos com os seus pesos especificos, achou que em geral todos os corpos estudados se podiam dividir em duas classes distinctas: uma comprehendia aquelles a que deu o nome de *corpos fixos* e a outra que denominou *gordos, sulfurosos e unctuosos*, termos que, segundo as ideias do seu tempo, eram synonymos de inflammaveis. Em ambas as classes achou que a refracção varia approximadamente na razão das densidades; mas um corpo de segunda classe com densidade igual a um

outro da primeira, tinha uma refração muito mais consideravel. O diamante, em virtude da sua grande refração relativamente ao seu peso, estava collocado por Newton conjunctamente com o oleo de therebentina, com o ambar, etc., isto é, com os inflammaveis, ou, como diriamos hoje, com os compostos de carbone. Newton define ainda o diamante como uma *substantia unctiosa coagulada*. Esta indução podia ter falhado, porque ha corpos em condições eguaes ao diamante, no que respeita á relação da refração para o peso especifico, e que não são combustiveis.

Todos os que teem algumas noções de chimica sabem que as experiencias de combustão do diamante se podem fazer com grande facilidade com os mais simples apparatus. Basta por exemplo mergulhar esta pedra em estado incandescente n'uma atmosphaera de oxygenio, para a vêr consumir-se lentamente emittindo uma luz fortissima: e até podemos queimal-a facilmente n'uma lampada de espirito de vinho, depois de reduzida a pó, se a aquecermos até á incandescencia sobre uma lamina delgada de platina.

As investigações modernas permitem reconhecer que o diamante, como aliás todos os mineraes, contem muitas vezes impuresas visiveis ao microscopio, taes como pequenos crystaes de quartzo e outras substancias, e que, quando queimado, essas impuresas formam um residuo incombustivel. Se estas inclusões teem dimensões apreciaveis á simples vista prejudicam o valor da pedra e são denominadas *jaças* pelos nossos joalheiros. Muitas vezes estas jaças, são apenas fendas interiores, que, em virtude da forte refração do diamante, podem parecer opacas, ou produzir, ainda quando sejam estreitissimas, cores irisadas (anneis de Newton) pela interferencia da luz reflectida simultaneamente nas duas superficies que limitam cada fenda.

As inclusões accidentaes não invalidam de modo algum o resultado das múltiplas analyses que provam ser o diamante uma modificação do carbone. Este elemento, em virtude da mysteriosa propriedade a que se chama o polymorphismo, é susceptivel de se *individualisar* de tres modos differentes, tendo, cada uma das modificações, propriedades physicas absolutamente diversas (dureza, peso, etc.). Estas tres modificações são: *a*, carbone amorpho, anthracite, hulha, carvão de lenha, etc.; *b*, graphite, o mineral brando e negro de que se faz uso para a fabricação do lapis de escrever; *c*, o diamante.

Todas as variadas pedras preciosas teem uma composição chimica mais ou menos complexa; o diamante é a unica que é ao mesmo tempo um corpo simples.

As fórmias polyedricas que apresentam os diamantes crystallizados, pertencem todas ao chamado systema cubico de crystallisação. O numero de polyedros pertencentes a este systema, é indefinido. São, porém, vulgares sobretudo os diamantes crystallizados em fórmula de octaedro, de dodecaedro e de hexakisoctaedro ou polyedro de 48 faces. As fórmias de crystallisação do diamante só mui raras vezes são limitadas por superficies perfeitamente planas; geralmente são mais ou menos curvas. Esta particularidade torna-se ás vezes tão saliente a ponto de dar ao diamante bruto uma fórmula quasi espheroidal¹.

Mesmo quando as fórmias crystallinas sejam por qualquer razão indistinctas, como acontece quasi sempre, pode-se, partindo o diamante com cuidado, obter d'elle um nucleo octaedrico limitado por 8 triangulos equilateros. Esta propriedade de se dividir regularmente em laminas segundo planos definidos, é commum aos corpos crystallizados e chama-se *clivagem* para a distinguir da fractura ou lascado dos corpos que não crystallizam, isto é, cuja estructura molecular é irregular. O vidro commum, por exemplo, que não crystallisa, parte-se em todas as direcções com igual facilidade e por isso segundo superficies irregulares que se não podem prever.

A dureza do diamante é superior á de todos os outros corpos conhecidos, de modo que nenhum corpo o risca, mas sim elle a todos.

O seu peso especifico regula por 3,52, isto é, pouco mais do que tres vezes o peso de igual volume d'agua pura.

O seu brilho é vivissimo e assemelha-se ao do aço polido. A sua refracção (1) é muito consideravel e diversa para cada côr, por isso a luz que o atravessa se decompõe muitas vezes, produzindo os effeitos chromaticos a que se chama o fogo do diamante. Mas tanto o brilho como o fogo sómente se podem avaliar bem no diamante lapidado.

Os diamantes encontram-se em quantidades industrialmente aproveitaveis só em jazigos secundarios, isto é, associados a rochas fragmentares, o que prova que se não formaram no proprio sitio onde se encontram.

Os principaes jazigos até hoje conhecidos são: na India (Reino de Nisam, Golconda, Sambalpur, Budelkhand, etc.);—no Brazil, (Minas Geraes,—Diamantinos, Grão Mogor—e na Bahia, etc.); e no Cabo de Boa

(1) Desvio que soffre a direcção de um raio de luz ao passar de um para outro meio de densidades differentes.

Esperança (Griqualand West). Relativamente á sua distribuição geographica poderia dizer-se que se encontram principalmente em regiões tropicaes ou subtropicaes. O mesmo se póde avançar, e com mais rigor, no que respeita ás outras pedras preciosas de 1.^a ordem, como rubis, saphiras e esmeraldas. Estas pertencem a duas especies mineracs, vulgares em mui diversas latitudes; mas geralmente só as das regiões tropicaes teem a côr agradável e a limpidez que as tornam verdadeiramente pedras preciosas. Nada se conhece em geologia que possa explicar este facto se elle não é apenas casual.

A grandeza dos diamantes é muito variavel. Os individuos pertencentes á natureza viva, como as plantas e os animaes, são quasi sempre caracterisados pelo seu tamanho. A palmeira adulta, por exemplo, não excede uma altura que lhe é característica, assim como a estatura do homem adulto é pouco mais ou menos a mesma em toda a parte para cada uma das suas raças.

Não acontece assim no reino mineral onde as dimensões de individuos (crystaes) da mesma especie são susceptiveis de variar entre largos limites. Esta inconstancia de tamanho é um grande obstaculo á popularisação da mineralogia. No quartzo, por exemplo, são abundantes os individuos microscopicos, mas tambem se encontram outros com um metro e mais de comprimento. Póde, porém, estabelecer-se a este respeito uma regra de certo rigor, relativamente á grandeza dos individuos do reino mineral, e formulál a do modo seguinte: *quanto mais raro é um mineral, menores são as dimensões maximas dos seus individuos.*

É por isto que, quando estes excedem um tamanho determinado para cada substancia, representam verdadeiros colossos ou excepções.

Os diamantes colossaes são pequenos, absolutamente fallando, pois que o « Regente » da antiga corôa de França, um dos maiores conhecidos (410 quilates antes de lapidado) se tivesse a fórmula regular de um octaedro, mediria 52 millimetros de comprimento em cada um dos tres eixos que ligam os vertices oppostos.

A belleza do diamante, como objecto decorativo, só se manifesta depois de facetado e polido pelo lapidario.

Quem inventou a arte de o lapidar? Parece-nos que esta pergunta ficará eternamente sem resposta. O que é certo é que, na India, ella existiu desde tempos muito remotos. Seria interessante averiguar ao menos quem a introduziu na Europa; mas é por emquanto um problema obscuro. Attribute-se geralmente esta introdução, em 1476, a Luiz de Berquem, natural de Bruges, mas esta opinião não é acceitavel,

porque se conhecem, de data anterior, diamantes lapidados em joias de fabrico europeu.

Outro argumento, que destróe por completo essa supposta prioridade, é o encontrar-se, em documentos anteriores a 1476, menção de artifices que poliam o diamante e lhe davam diversas fórmas. Comtudo se está provado que Berquem não póde ter sido o introductor, no Occidente, da arte de lapidar, não é menos certo que elle a desenvolveu muito, pois talhou para Carlos o Temerario os mais notaveis diamantes que por muitos annos foram conhecidos na Europa.

No seculo XVI tinha-se já ella generalisado em diversas cidades europeias. No XVII o cardeal Mazarino, ministro durante a menoridade de Luiz XIV, patrocinou os lapidarios em França; e é no seu tempo e por sua ordem, que se adoptou pela primeira vez a talha em fórma de brilhante. A cidade, porém, onde tal industria se tornou uma importantissima fonte de riqueza, foi Amsterdam, principalmente depois da descoberta das minas do Brazil. Ainda hoje existem alli as mais celebres officinas, que, na sua maioria, pertencem aos descendentes dos judeus expulsos de Portugal, e que foram contribuir para o engrandecimento da Hollanda.

O diamante bruto, destinado a transformar-se em brilhante, é successivamente submettido a tres operações: clivagem, desbaste e lapidação.

A *clivagem* tem por fim eliminar quaesquer parcellas defeituosas, e dar-lhe a fórma do octaedro regular, isto é, a de um solido constituido por duas pyramides cujas faces são triangulos equilateros e que se acham juntas por uma base quadrada commum. Para isso fixa-se o diamante em uma massa composta de cera, mastique e areia fina, amollecida préviamente ao calor; e, uma vez fixado, faz-se-lhe uma ranhura por meio de fricção com outro diamante agudo, igualmente fixado, com a mesma massa, em um cabo de madeira. Esta ranhura deve estar na direcção de um dos 8 planos de clivagem. applica-se depois n'ella o gume d'uma faca e com uma pequena pancada nas costas d'esta se faz saltar uma lamina de clivagem do diamante. Repetindo esta operação successivamente para algumas ou para todas as oito direcções de clivagem consegue-se obter um nucleo da fórma de um octaedro perfeito.

O *desbaste* consiste em gastar pela fricção de dois diamantes modificados pela operação anterior, dois vertices oppostos de cada um dos octaedros. Para melhor os manejar e se poder exercer toda a força que a operação exige, fixam-se ambos os octaedros nas extremidades de dois cabos de madeira. O operario tem na sua frente, preza á mesa de trabalho, uma pequena caixa com dois fulcros de ferro nos bordos direito

e esquerdo contra os quaes apoia os cabos em que se acham collados os diamantes, e fricciona estes um contra o outro, dando aos cabos um movimento um pouco semelhante ao dos remos de um barco. Vae-se assim gastando até pouco menos de metade da altura de cada uma das pyramides, isto é, trunca-se o octaedro em um dos angulos solidos por uma face aspera e irregular, mas na posição das do cubo; no angulo solido opposto tambem se esboça outra face da posição das do cubo, mas muito menor. O diamante assim truncado em duas extremidades oppostas por duas faces—uma grande (meza), outra menor (culatra)—conserva ainda intactas 4 arestas octaedricas que definem um quadrado (cintura).

Na *lapidação*, não só se pullem as faces obtidas pela clivagem ou esboçadas pelo desbaste, mas substituem-se ainda na maior parte as 4 faces que limitam a meza por uma serie de facetas symetricamente dispostas, quasi todas triangulares, que formam a *corôa* e dão á meza a fórma de um octogono; e o mesmo acontece do lado da culatra que fica tambem rodeiada de facetas triangulares na sua maioria, formando o *pavilhão*.

Obtem-se assim finalmente o brilhante trabalho, que se engasta pela cintura, deixando sómente a descoberto a corôa e meza, e mais ou menos occulto o pavilhão.

Quasi toda a luz que penetra pelas faces da corôa ou pela meza é reflectida uma ou mais vezes pelas faces do pavilhão, o que faz que ellas appareçam como pequenos espelhos vivissimos. Mas a luz que por reflexão volta quasi toda a sahir do brilhante pela meza e pela corôa, decompõe-se nas suas côres elementares em virtude da diversidade da refração para as diversas côres; por isso se observam reflexos diversamente córados, sobretudo se damos ao brilhante, successivamente, posições differentes. Se attendermos ainda a que uma grande parte da luz que incide sobre o brilhante não o penetra e é reflectida immediatamente como em aço polido, podemos dizer que n'elle se combinam a reflexão perfeitissima dos espelhos metallicos, com a decomposição prismatica de luz, commum aos corpos transparentes, mas que o diamante possui em mui alto gráu.

O polido das faces faz-se com os mais simples apparatus. O principal instrumento é um disco de ferro fundido, em posição horizontal, girando com grande rapidez (milhares de voltas por minuto) em torno do seu eixo, no meio de uma meza e a pouca altura acima da sua superficie.

Fixa-se o diamante na concavidade de uma pequena capsula de cobre, que tem um prolongamento em fórma de cabo; dentro da capsula funde-se uma mistura de chumbo com estanho, na qual se engasta a pe-

dra a polir; depois prende-se o cabo por meio de um parafuso a uma especie de tripé que assenta com dois pés de chumbo pesados sobre a meza, servindo de terceiro pé o proprio diamante, que assenta sobre o disco untado com uma mistura de azeite e pó de diamante. Concluida uma face, dessolda-se o diamante, resolda-se n'outra posição, e de novo se applica contra a mó, rëpetindo-se esta operação tantas vezes quantas são as faces que devem dar-se á pedra. Só uma longa prática, alliada a muita habilidade, permitem ao artista assentar o diamante sobre a mó de tal modo que se produzam sómente as faces na posição conveniente. Quem pela primeira vez observa um habil artista lapidando 2, 3 e 4 diamantes ao mesmo tempo, não deixa de admirar que com tão simples meios se obtenham brilhantes de dimensões ás vezes extraordinariamente pequenas e de grande regularidade.

Pela talha em brilhante sacrifica-se uma grande parte do diamante bruto (70 0/0) e dois terços de altura da pedra fica escondida no engaste, mas tira-se das suas propriedades decorativas o maximo partido.

Os fragmentos obtidos pela clivagem e pelo desbaste são cuidadosamente aproveitados: ou se reduzem a pó em almofariz de ferro, pó que serve de materia prima para a lapidação, ou quando teem dimensões maiores são lavrados em fôrma de rosas.

As *rosas* são pedras quasi sempre de pouca altura, terminadas na parte inferior por uma superficie de clivagem que é polida e na superior por zonas de facetas triangulares. Esta fôrma foi muito usada na India, mesmo para os diamantes de maiores dimensões, pois diminue pouco o tamanho da pedra.

A rosa dupla (talho Sancy) é uma fôrma um tanto achatada, limitada em ambos os lados por facetas triangulares; foi usada por Luiz de Berquem.

Além d'estas, ainda ha outras fôrmas de talha cuja principal virtude é evitar a grande perda de material; são pouco usadas, porém, actualmente.

A unidade que no commercio se adopta para o diamante é o quilate, medida de peso equivalente a 0^{gr}.205.

No Cabo da Boa Esperança, onde existem actualmente as minas mais productivas de que ha tradição, os diamantes variam entre $\frac{1}{32}$ de quilate e 409 quilates, mas, d'este ultimo peso, apenas se encontrou um unico (mina de Kimberley).

No Brazil uma pedra de 20 quilates só se encontra de dois em dois ou de tres em tres annos, emquanto que em Africa as de 80 a 150 quilates, que se teem encontrado nos ultimos 20 annos, se contam já por milhares.

A mais antiga tabella de preços de diamantes é, sem contestação, a que nos fornece Duarte Barbosa relativamente aos mercados da India; infelizmente o auctor não nos diz se se trata de diamantes em bruto ou lapidados. A titulo de curiosidade daremos aqui alguns preços extrahidos d'ella. A unidade de peso é o mangiar (1).

1 diamante do peso de 1 mangiar (= 0^{gr},3455), 100 fanões (2)

1 diamante do peso de 4 mangiares (= 1^{gr},3820), 550 fanões

1 diamante do peso de 8 mangiares (= 2^{gr},7640), 1400 fanões.

Tavernier estabeleceu no seculo XVII a seguinte regra, conhecida pela *regra dos quadrados*, para achar o valor de um diamante: eleva-se ao quadrado o numero de quilates que pesa a pedra e multiplica-se esse quadrado pelo valor de um diamante de um quilate. Para as pedras muito grandes chega-se, por este meio, a preços tão fabulosos que, mesmo os auctores que procuraram dar á regra uma applicação corrente, não admittem o seu emprego para as superiores a 100 quilates. Actualmente, que os diamantes grandes não são já tão raros e que se é muito mais exigente do que n'outro tempo no que respecta a qualidade, a regra de Tavernier não tem valor algum.

No actual commercio não existe regra mathematica de applicação corrente para avaliar qualquer diamante só pelo seu peso. Em geral o preço sobe em progressão geometrica com o tamanho, mas, tambem depende muito da limpidez, da cor, da perfeição, da fórmula que lhe deu o lapidario e do brilho e fogo que a pedra tem.

Salvas rarissimas excepções, em que a côr é carregada e agradável, os diamantes mais valiosos são os perfeitamente limpidos e incolores e dizem-se de *primeira agua*. Os azues de saphira, os verdes de esmeralda e os vermelhos de rubi, são apreciadissimos pela sua grande raridade e belleza, mas não ha para elles preço estabelecido no mercado. São menos raros e menos apreciados os de côres pallidas, sobretudo os amarellos, abundantes nas minas do Cabo da Boa Esperança.

A excessiva producção das minas do Cabo tem feito baixar ultimamente os preços além d'uma outra circumstancia que influe tambem poderosamente para isso. Nos ultimos annos diminuiu o consumo, por se considerar de mau gosto o uso de muitas joias de preço; estas duas causas reunidas — producção excessiva e capricho da moda — teem produzido uma crise no commercio, sendo hoje difficil fixar um preço exacto a uma pedra de certa importancia. Pedras iguaes, em diversas mãos, teem differentes valores.

(1) Mangiar = 2 taras e $\frac{2}{3}$; 2 taras = 1 quilate de bom peso, (0^{gr},2073?)

(2) A unidade de valor é o fanão igual a um real de prata.

Os actuaes preços em Paris (março, 1892) para brilhantes de 1 quilate, são :

Branco azulado superior, 800 fr. (160\$000 reis).

Branco do Cabo (levemente amarellado), 500 fr. (100\$000 reis).

Branco do Cabo com defeitos, 300 fr. (60\$000 reis).

De côres claras (segundo a côr), 400 a 150 fr. (80 a 30\$000 reis).

O preço medio da melhor qualidade corrente no mercado (branco do Cabo) é de 500 francos, enquanto no fim do século passado era de 1:200 francos o quilate lapidado de qualidade corrente. Esta diminuição de preço não foi gradual, pois no meiado d'este século regulava o quilate lapidado de 300 a 320 francos.

Se se trata de comprar o diamante em bruto já o preço diminue consideravelmente. Paga-se por uma pedra de 3 quilates (*crystal stone* ou *river stone*) na razão de 75 a 100 francos por quilate, podendo ficar reduzida, depois de lapidada, a um brilhante de 1 quilate.

Para as pedras grandes e collossaes não pôde estabelecer-se preço sem as submeter ao exame de peritos que conheçam não só o diamante, mas também o estado do mercado.

As excepcionalmente grandes teem valores tão elevados que só são accessiveis ás maiores fortunas; eis porque se encontram quasi todas entre as jóias das corôas das nações ricas.

No que segue damos uma descripção resumida de tres dos mais notaveis diamantes existentes na Europa e reunimos alguns dados sobre uma pedra que fez parte das jóias da corôa portugueza.

Kohinûr. De todas as pedras preciosas da corôa de Inglaterra é este diamante a mais notavel. O seu nome significa em lingua persica *montanha de luz*. E' proveniente da India, e segundo a lenda, pertenceu ao heroe Karna da mythologia indiana. Passou ao poder da Companhia das Indias pela conquista do reino de Lahore e foi offerecido em 1850 á rainha d'Inglaterra pelas tropas inglezas que saquearam aquella capital.

Quando trazido para Inglaterra pesava 186 $\frac{1}{8}$ quilates, mas como a sua fórmula era a de uma rosa muito irregular, foi de novo lapidado por um artista hollandez, ficando reduzido ao peso ainda consideravel de 103 $\frac{3}{4}$ quilates, com a fórmula de um brilhante elliptico. E' uma pedra de primeira agua, mas de pouco fogo, em consequencia da sua pouca espessura. Foi avaliada em 600 contos antes de lapidado.

O *Regente* é um dos mais celebres diamantes. Pertencia á antiga corôa de França e ainda hoje é propriedade da nação franceza.

Foi achado na India, 40 leguas ao sul de Golconda. St. Simon que conheceu de perto as negociações da sua compra, conta nas suas memorias que um empregado do Grão Mogol conseguiu roubal-a, tendo então o prodigioso tamanho de 410 quilates, e veio á Europa vendel-a. Foi comprada pelo Duque de Orleans, regente de França na menoridade de Luiz XV, por 2 milhões de francos (360 contos) e d'ahi lhe ficou o nome.

A lapidação levou dois annos. Foi talhado em brilhante, perdendo $273 \frac{2}{16}$ quilates, o que o reduziu ao peso de $136 \frac{14}{16}$ quilates, com fórma de brilhante perfectissimo e com um brilho e um fogo absolutamente unicos.

Quando mais tarde rebentou a revolução franceza, as joias da corôa de França foram depositadas em uma pequena sala onde qualquer cidadão ou cidadã tinha o direito de ir admirar e tocar com suas mãos no diamante nacional. Solidamente engastado n'um anel de ferro e preso a uma forte cadeia, era passado por uma especie de *guichet* á pessoa que reclamava a posse momentanea da maravilha de Golconda, avaliada então em 12 milhões de francos.

Depois dos sangrentos dias do 10 de agosto e do 20 de setembro, julgou-se prudente arrecadar mais seguramente as joias da corôa; mas ainda assim os commissarios da communa, que tinham a seu cargo a guarda d'ellas, observaram que os armarios tinham sido violados e o thesouro roubado, sendo baldadas todas as investigações policiaes para descobrir os criminosos. Mais tarde uma carta anonyma dirigida á communa denunciou que parte do thesouro se achava enterrado em certo ponto dos Campos Elysios, onde effectivamente se encontrou o Regente com outros objectos unicos cuja posse era demasiado compromettedora.

Em 1804, um criminoso de nome Bourgeois, julgado nos tribunaes por falsario, fez uma confissão completa, accrescentando que confiava na misericordia do Imperador, que sem elle não estaria no throno. « Eu fui um dos ladrões do guarda-joias, exclamou elle, e fui quem escreveu a carta á communa indicando o sitio onde estava enterrado o Regente; não ignoraes, senhores, que o diamante foi empenhado pelo 1.º consul (a um banqueiro de Berlin chamado Trescow) para obter os fundos necessarios depois do 18 brumario. »

Depois de desempenhado, trazia-o Napoleão I no punho da sua espada.

Orlow. Outro diamante muito conhecido pelo seu tamanho e pureza, é o chamado Orlow, que orna o sceptro do Imperador da Russia: pesa $194 \frac{3}{4}$ quilates. Está mal lapidado á maneira indiana, em fórma de rosa alta irregular. Pela sua fórma assemelha-se um pouco a um ovo de gallinha cortado pelo meio. E' originario da India, e achava-se com

outro semelhante ornando o throno do Shah Nadir da Persia. Depois do seu assassinato, em 1747 e n'uma revolta militar, o diamante foi roubado, e passou por compra ao poder de um armenio chamado Schafrass, que, em 1772, o vendeu em Amsterdã a Catharina II, Imperatriz da Russia, pela somma de 450:000 rublos (aproximadamente 405 contos de reis), recebendo o vendedor por esta occasião cartas de nobreza da Imperatriz.

O *Bragança*, tambem conhecido pela designação de diamante do rei de Portugal, é o maior de todos sobre que se tem escripto. As indicações que ácerca d'elle existem são muito deficientes, e não obstante as indagações que fiz, não me foi possivel ainda encontrar pessoa alguma, que me fornecesse noticias precisas a seu respeito ou sobre a sua historia; e é de certo entre nós que menos d'elle se sabe. O facto de ter esta pedra pertencido á corôa portugueza justificar-me-ha de reunir aqui o mais importante do que nos livros ao meu alcance tenho encontrado sobre ella.

A primeira noticia impressa que conheço data de 1773 e encontra-se no livro de Urban Friedrich Benedict Brückmann, *Abhandlung von Edelsteinen*, 2.^a edição, Braunschweig. A pag. 88, diz-se: « Segundo consta, existe no thesouro do rei de Portugal um diamante, não talhado, do Brazil, que pesa 1680 quilates. Talvez haja aqui confusão de quilates com grãos. »

O celebre tratado de John Mawe, *A treatise on diamonds and precious stones*, London, 1812, (1) tambem faz menção do Bragança, mas o auctor declara não o ter visto quando viajou no Brazil (1809-10), o que faz suppor que elle *sabia da sua existencia n'aquelle paiz na epoca da sua viagem*. E acrescenta que o não inclue na lista dos diamantes notaveis, porque tanto os mineralogistas como os joalheiros estão de accordo em o considerarem como um topazio branco achado nas minas de diamantes do Brazil. Pezava 1680 quilates.

Charles Barbot no seu *Traité complet des pierres précieuses*, Paris, 1858, escreve: « O maior de todos (os diamantes) é sem contestação possivel o diamante chamado do rei de Portugal. . . Peza, segundo Ferry, 1730 quilates, e 1680 segundo Mawe; nós accetamos este ultimo pezo, como o mais provavel, visto que Ferry tomou, ao que parece, por unidade o quilate brasileiro, que é inferior de seis milligrammas ao europeu: reduzidas as duas pesagens a esta ultima unidade, concordam

(1) Não me foi possivel consultar esta obra, nem a anteriormente citada: devo ao meu illustre mestre o Dr. Emile Cohen, professor da Universidade de Greifswald, as transcripções que aqui traduzo. O snr. Cohen não poude consultar o original de Mawe, e por isso o excerpto foi feito da traducção da mesma obra pelo Dr. Carl Gottlob Kühn, Leipzig, 1816.

absolutamente entre si. O diamante é de côr amarella, e tem a fórma de um ovo de gallinha alongado: é concavo de um dos lados. Os diamantistas brasileiros avaliam-no, não obstante estes defeitos, em 7:500 milhões de francos (1.350:000 contos!).

N'esta narrativa ha pelo menos um erro. que é o de attribuir uma das pesagens a Mawe, que declara expressamente não ter visto o diamante. Mas, tambem a côr amarella que lhe attribue, não é a que indica Mawe, que escreveu no tempo em que diversos « mineralogistas e joalheiros » o tinham examinado.

Esta discordancia parece indicar que Barbot colheu estes dados de fonte diversa, que me é desconhecida, e que não copiou Mawe.

Harry Emanuel, no seu livro *Diamonds and precious stones*, London, 1865, copiou provavelmente Mawe; mas indica um peso de 1880 quilates em vez de 1630, o que é talvez devido a erro typographico.

Albrecht Schrauf no seu *Handbuch der Edelsteinskunde*, Wien, 1869, resume as indicações de Mawe.

Edwin W. Streeter *Precious Stones and Gems*, London, 1879, repete o que escreveu Mawe; mas indica uma avaliação do Bragança superior a 58 milhões esterlinos; accrescenta porém, que a avaliação seria illusoria se a pedra fosse, como elle julga, um topazio.

Em outro livro do mesmo auctor, *The Great Diamonds of the world*, etc. London, 1882, encontra-se um capitulo intitulado *The Braganza*. Citam-se n'elle passagens dos escriptos de Mawe (*Travels in Brazil*, London, 1813) mas que se referem evidentemente a outra pedra achada ao norte do Rio da Prata. O auctor desconhece as referencias ao Bragança que se encontram no tratado de pedras preciosas de Mawe, e chega finalmente á conclusão de que esta pedra deve ter sido achada em 1794: data sem duvida errada, porque de contrario, não viria citado o Bragança na 2.^a edição do livro de Brückmann, impressa 21 annos antes do supposto achado. Accrescenta ainda, que, segundo recentes auctoridades, nunca esta pedra deixou de fazer parte do thesouro portuguez, onde é cautelosamente guardada das vistas de todos, por obvias razões financeiras, pois que seria inconveniente para o credito do paiz que viesse a saber-se que não é um diamante valioso.

Com o extenso capitulo do livro de Streeter, que pretende ser rigoroso, mas em que abundam as citações fóra de proposito, nada se adianta no conhecimento da problematica joia e antes se criam novas causas de confusão.

O professor Cohen na sua memoria *Ueber Südafrikanische Diamantfelder*, Metz, 1883, attribue tambem ao Bragança um peso de 1630 quilates, accrescentando, todavia, que provavelmente é um topazio branco. Cita uma antiga avaliação em 1:200 milhões de marcos (270:000

contos), na hypothese de que seja um diamante; e acrescenta « parece que até agora se não permittiu um exame scientifico da dita pedra para não diminuir o credito do paiz ».

Diversas indicações se encontram ainda em varias outras obras, mas que pouco ou nada adiantam. (1)

Pelo curioso livro do snr. F. da Fonseca Benevides, intitulado *As Rainhas de Portugal*, vol. 2.º, 1878, pag. 149, tivemos, porém, conhecimento de um documento manuscrito comprovativo da existencia do Bragança, que por acaso lhe veio ás mãos quando procurava na bibliotheca do Museu Britannico documentos para a sua obra. O texto manuscrito é destinado a servir de explicação a um desenho que representa o diamante, e (traduzido do inglez), diz o seguinte: (2)

« O Diamante, *actualmente* em poder do Rei de Portugal, pesa 6:400 grãos — Valor 3õ milhões de libras esterlinas segundo o preço de venda do diamante do fallecido Governador Pitt, sendo aquelle 14 vezes mais pesado do que este. A figura supra dá a sua secção media, e foi copiada de um papel em que se tinha feito o desenho á vista da propria pedra.

Foi achado por um camponez n'um rio do Brazil, na America, e levado ao Governador, o qual lhe offerceu a recompensa ordinaria de 100 libras esterlinas, concedida pela lei (de 24 de dezembro de 1734, segundo o snr. Benevides); mas o camponez preferiu fazer presente d'elle ao Rei de Portugal... 1741. Julga-se que é uma saphira branca, á qual se assemelha na dureza e no peso. Tem a fórma de um ovo de perua, mas é muito maior. Avaliado em 399:166 moedas (3) (Moydores) = 538.874 libras e 2 sh.

Champion, 2 de fevereiro, 1741. »

Champion é evidentemente o jornal, ou revista, da qual o auctor do manuscrito extrahiu estes apontamentos, no proprio anno em que o

(1) Prosper Brard: *Traité des pierres précieuses*, 2 vol. Paris, 1808. Vol. I, pag. 48. Tschüdi I. I. von: *Reisen durch Südamerika*, 5 vol. Leipzig, 1866. Vol. II, pag. 151. Diz que se sabe ao certo que o diamante de 1680 quilates é um topazio branco.

Blum. R. *Taschenbuch der Edelsteinskunde*, Leipzig, 3.ª ed. 1887, pag. 158, julga que será provavelmente um topazio esplendido

Estas duas ultimas obras e muitas outras que não cito foram a meu pedido consultadas pelo Dr. A. Schrauf, professor da Universidade de Vienna, porque as não possuo. Seja-me permittido repetir aqui os meus agradecimentos ao notabilissimo mineralogista que tanto tem contribuido para o desenvolvimento da mineralogia e crystallographia modernas pelos seus escriptos monumentaes.

(2) N.º 14:936 (addicionaes) folio 77 b. Possuo duas copias d'este documento, uma que me foi fornecida pelo snr. Edward Scott, bibliothecario do Museu Britannico, outra tirada pelo snr. Walker, de Londres, conhecido em Portugal pelo seu livro sobre o archipelago dos Açores.

(3) De 48800 reis.

diamante foi offerecido a D. João V. Em seguida a esta passagem vem explicada a regra dos quadrados, para se achar o preço de diamantes, exemplificada com dois calculos, (2) que são obra do copista.

Este documento não é de muito valor, e, na presença de melhores, deveria mesmo desprezar-se.

Na Bibliotheca Nacional, na bibliotheca d'Ajuda e no archivo da Casa real nada pude obter para esclarecimento d'este obscuro assumpto.

O enygma será provavelmente resolvido por pessoa que, por gosto ou por officio, folheie nos nossos archivos os documentos referentes aos reinados de D. João V a D. João VI, e ser-me-hia agradavel se esta incompleta noticia despertasse o desejo de resolvel-o. Como conclusão das diversas citações anteriores póde deduzir-se com certa probabilidade que o Bragança existiu em Lisboa, «na posse» de D. João V, em 1741, e que existiu no Brazil em 1809-10, quando Mawe viajou n'aquelle paiz. Provavelmente foi levado para aquella nossa antiga colonia por D. João VI (quando ainda principe regente), por occasião da invasão franceza em 1807, junto com muitas outras preciosidades que lá ficaram ou se perderam.

Qual a sua historia depois d'esta data? Não parece ter voltado do Brazil, visto que não encontrei menção d'esta pedra no inventario das joias feito por morte de D. João VI e de que se acha o original na Torre do Tombo, mas tambem não consta que exista no Brazil.

Fica igualmente por averiguar se o Bragança é ou era um diamante ou outra pedra o que só á vista se poderia verificar.

Segundo communicação verbal do snr. Pereira da Costa, antigo lente da Escola Polytechnica, ha pouco fallecido, o barão d'Eschwege, dizia «muito em segredo», que o *grande* diamante era apenas um pedaço de fluorite! Esta versão não póde referir-se ao Bragança, se attendermos á que Mawe falla de mineralogistas e joalheiros que examinaram uma pedra com o peso de 1680 quilates, que tomam por topazio, e que era evidentemente o Bragança. Talvez Eschwege se referisse a outra pedra, tanto mais que foram offerecidas no Brazil a D. João VI algumas ainda maiores do que aquella, julgadas diamantes pelos descobridores, e que vieram alvoroçar a côrte, mas que eram simplesmente pedaços de crystal de rocha, como facilmente se reconheceu. Se fosse fluorite, que é mais facil ainda de distinguir do diamante do que o crystal de rocha.

(2) Um dos calculos refere-se ao *Pitt* (Regente), attribuindo-se-lhe um peso de 150 quilates, o que não é exacto. No 2.º calculo procura-se o valor de um diamante de 2:026 quilates; não comprehendo que applicação elle possa ter. Relativamente a preços ha n'este documento diversas confusões. No principio, por exemplo, diz-se que a pedra vale 36 milhões de libras, e no fim 538:874 libras. Do lado esquerdo do desenho está a indicação: 1680 quilates. Este desenho foi reproduzido pelo snr. Benevides (l. c.).

não teria tido as honras de acompanhar o Príncipe Regente em 1807, pois provavelmente ter-se-hia desfeito o engano durante os 66 annos que medeiaram entre a offerta a D. João V e a partida de D. João VI para o Brazil. Se não era diamante, era mais que provavel que fosse um topazio, pois que existe no Brazil a variedade a que chamam *pingos d'agua* por serem incolores, que se assemelham no aspecto aos diamantes e que por tal teem sido tomados, principalmente quando talhados em fórma de brilhante. No que diz respeito ás fabulosas avaliações que mencionam alguns dos auctores citados, diremos apenas que seriam fabulosas, mesmo quando a pedra existisse e fosse um diamante. Esses enormes preços foram provavelmente calculados pela regra dos quadradinhos, que nunca teve applicação para diamantes tão volumosos, e as sommas obtidas assim são naturalmente tanto mais exaggeradas quanto mais alto o preço admittido para o 1.º quilate.

Um diamante de 1680 quilates depois de lapidado, ficaria reduzido a um brilhante de uns 500 quilates, portanto superior em tamanho a qualquer dos maiores diamantes lapidados conhecidos. Se o Bragança fosse realmente um brilhante de 500 quilates de boa agua, valeria talvez alguns milhares de contos de reis; mas como topasio branco valeria, quando muito, algumas centenas de mil reis.

A corôa portugueza possui, ao que se diz, diamantes menos problematicos; mas como nunca foram estudados nem é facil vê-los, nada podemos dizer a seu respeito, comquanto fosse trabalho muito interessante o fazer-se d'elles um estudo.

ALFREDO BENSAUDE.

BIBLIOGRAPHIA

F. Ferraz de Macêdo — CRIME ET CRIMINEL, Paris.

N'um paiz em que a sciencia se não cultiva pelo que é em si mesma, mas apenas pelo que pode praticamente representar — uma especie de camiza de Venus permittindo, ao abrigo de perigosas escoriações, entrar nos fartos empregos, nas rendosas commissões officiaes ou na agiotagem governativa — um homem trabalhando, como o snr. Ferraz de Macêdo, com desinteresse e com amor, annos seguidos, n'um districto do saber, merece naturalmente o nosso respeito. A sua obra, grande ou pequena, trazendo a *empreinte* do genio ou sómente a marca do talento observador, rasgando horisontes novos ou apenas projectando alguma luz nos caminhos entrevistos, reclama, indiscutivelmente, a nossa attenção.

A nossa sympathia fixou-se ha muito sobre o snr. Macêdo, investigador despremiado que á probidade scientifica e á tenacidade no trabalho allia o conhecimento e a posse integral dos processos necessarios para realisar côm precisão os mais delicados trabalhos da anthropometria. A offerta do seu novo livro, por mais de um titulo penhorante, dá-nos a consoladora opportunidade de publicamente affirmarmos os nossos sentimentos a seu respeito.

Não temos nem espaço, nem tempo para uma critica detalhada do *Crime et Criminel*, porque á hora a que recebemos este livro ia adiantada a composição da nossa *Revista*. Isto nos força a sómente lançar aqui fugidamente algumas notas, visando sobretudo opiniões que são vulneraveis e que, por nossa parte, não crêmos accitaveis.

Merecem desde todo o principio o nosso reparo a maneira por que o A. passa de leve sobre a noção de *crime* e a classificação que nos offerece dos *criminosos*.

O crime, define o snr. Macêdo, é uma infracção ás regras por que se governa e rege a sociedade humana; ora, como em cada collectividade e em cada epocha essas regras variam e differem, o crime é uma noção convencional, podendo o mesmo acto merecer ou deixar de me-

recer aquelle nome. E como, apressa-se a accrescentar o A., o criminoso não é senão o fautor d'esse acto de significação variavel e ás vezes contradictoria, elle não pode existir como *typo natural*.

Se tivesse completamente razão o snr. Macêdo, a anthropologia criminal seria, no fundo, um verdadeiro não senso, porque seria uma sciencia sem base e sem objecto. Se o crime fosse, com effeito, como o A. pretende, uma pura noção convencional e o criminoso apenas o infractor de regras ou artigos vacillantes e mudaveis de um codigo, isto é, um *typo artificial*, proseguir o estudo de um e outro seria, anthropologicamente, uma chimera.

E assim, ou o A. construiu sobre areia; fazendo com os seus estudos um esforço em pura perda, ou não viu nitidamente o assumpto, errando as definições fundamentaes.

A nosso vêr, este ultimo caso se deu. O *crime*, tomado como acto em si ou ainda em relação apenas á lei de que constitue uma violação, é, certamente, tudo quanto ha de variavel: o que hontem e além foi uma virtude é hoje e aqui um delicto; quem hontem, n'umas dadas condições sociaes, foi um sancto, seria hoje, porque mudaram essas condições, um delinquente.

Mas o crime no ponto de vista da anthropologia é um facto diverso: é, como Garofalo lucidamente mostrou, um acto humano que tem de julgar-se em face de certos sentimentos. Uma acção pode violar uma lei escripta e não ser para o anthropologista um crime, com quanto o seja para o magistrado: tal é, entre muitos outros, o caso dos delictos politicos e de imprensa. Para o anthropologo o crime só existe se foi violada uma fôrma rudimentar das emoções de piedade e de justiça, que são os nucleos fôrmativos do altruismo. Ora, precisamente porque estas emoções não são convencionaes, mas effeitos naturaes da evolução da nossa especie, é que a violação d'ellas constitue um facto de character universal e fixo, essa violação é o *crime natural*, como lhe chama Garofalo, o crime cujo auctor, por isso só que o é, revella uma anomalia do senso moral. D'este ser que não acompanhou a evolução normal da humanidade ou d'ella se desviou, d'este ser inferior, antipathico e temido se occupa a anthropologia criminal, estudando-o na sua psychicidade, nos seus costumes, na sua litteratura, na sua arte, nos seus antecedentes, nas suas aggremações, emfim nos seus caracteres somaticos.

Não comprehendeu d'este modo o assumpto o snr. Macêdo, que na primeira parte do seu livro se esforça por dar-nos uma classificação de crimes, boa, talvez, para base de um codigo penal, mas inutil, por excessiva, para o anthropologista, que nada tem que vêr com a grande maioria dos delictos n'ella enumerados.

Na classificação dos criminosos não nos parece o A. mais feliz. A seu vêr, os criminosos procedem de quatro origens fundamentaes: 1.^a) a loucura; 2.^a) a teratologia; 3.^a) a pathologia adquirida ou adventicia e 4.^a) a pathologia nativa por anomalias anatomicas, organicas ou hysto-chimicas imperceptiveis.

A confusão d'este quadro é evidente. Assim, a loucura apparece n'elle abusivamente diferenciada das doenças adquiridas e nativas, quando ella não é realmente senão uma d'estas coisas: ou um estado morbido cerebral adventicio e curavel (psycho-nevrose) ou congenito e constitucional (psychose degenerativa). Procurando illucidar o seu quadro, o A. não faz senão tornar mais evidente a confusão de espirito que a originou. Assim, diz-nos que o criminoso louco se reconhece pela per-

versão de idéas e que o criminoso da 4.^a cathegoria se caracteriza, como *verdadeiro criminoso*, pela constante revolta contra as leis. Mas o snr. Macêdo esquece os loucos affectivos e os loucos moraes de que, na opinião de muitos psychiatras, os seus *verdadeiros criminosos* não são na realidade mais do que exemplares distrahidos dos manicômios para as penitenciarias.

Este imperfeitissimo agrupamento, feito depois das classificações de Lombroso e Ferri, não se justifica, parecendo que só uma excessiva preocupação de originalidade o inspirou.

A maneira por que o A. aborda o problema da frequencia das nevroses e das psychopathias nos criminosos, não é, depois dos trabalhos existentes sobre o assumpto, de natureza a reclamar o nosso applauso. Quando criminologos e psychiatras distinctos, em numero consideravel e trabalhando em paizes differentes, concordam em affirmar que nos delinquentes as doenças organicas e funcçionaes dos centros nervosos são muito mais communs que na população não-criminosa, o A., sem fundamento estatistico, assevera que tal não é verdade, sob pretexto de que fóra das prisões existe um importante numero de psychopathas que as familias escondem e de que só alguns medicos teem conhecimento.

Não contradictaremos esta ultima observação do A., porque a crêmos exacta; todavia, affirmar-lhe-hemos com a auctoridade que resulta de uma longa clinica especial, que muitos d'esses nevro e psychopathas são realmente criminosos que só aos attentos cuidados da *entourage* devem a não exteriorisação ruidosa das suas tendencias aggressivas e antisociaes. Estão n'este caso dezenas de epilepticos, por exemplo, cujos accessos de furor extremo e cego se passam dentro das quatro paredes de uma sala desguarnecida e que, em liberdade, teriam incorrido nos mais graves crimes. Em identicas circumstancias se encontram numerosas hystericas: impedidas pelas familias, ellas não logram exhibir as qualidades criminaes que as caracterisam e que na vida livre fatalmente as conduziriam ás prisões. Accrescentemos ainda que um certo numero de psychopathas tendo praticado crimes entram nos manicômios sem passarem pelas cadeias, graças aos recursos das respectivas familias que devidamente os fazem observar e os collocam ao abrigo de uma das causas derimentes da responsabilidade criminal. Todas estas considerações, crêmos nós, são de pezo e deveriam ter bastado para impedir o A. de lançar-se de coração ligeiro em opposição aos assertos dos que o precederam no assumpto.

O capitulo consagrado á origem e formação da sociedade é dos que mais penosamente nos impressionou. Em primeiro logar, parece-nos elle mal cabido n'um trabalho que a si mesmo se dá como um simples *ensaio synthetico de observações anatomicas, physiologicas, pathologicas e psychicas sobre os delinquentes* e que deveria, porisso, desviar-se das questões de sociologia que se não prendem de um modo immediato e directo com o problema criminal; em segundo logar, dado que o A. o considerasse necessario como meio de illucidar a questão geral da génese da criminalidade, a collocação d'elle não poderia ser de modo nenhum no final do livro, mas no seu começo. Mas o que, sobretudo, nos molesta é o espirito atrasado de todo esse capitulo em que as proposições mais innaccreditaveis se enunciam no tom de axiomas. Assim, por exemplo, segundo o A., as sciencias occultas procederiam da «imbecilidade e da estupidez accrescentadas da cubiça e do amôr do dominio»; o espiritismo seria «um invento da imaginação burlesca»;

emfim, «a hypocrisia e a rapacidade dissimulada originaram as religiões e o despotismo». Puro seculo XVIII no fundo e na fórma! . . .

Vê-se, lendo esta ultima parte do livro do snr. Macêdo, que elle não possui o espirito philosophico do nosso tempo, comquanto imagine o contrario e cite com abundancia os trabalhos dos pensadores contemporaneos.

Excellente observador, solido e seguro de si no terreno dos factos, o A. desequilibra-se no dominio das especulações, onde a atmosphaera é mais subtil e o vôo exige mais larga envergadura. Isto se vê claramente na parte do livro em que combate a doutrina que faz do criminoso um ser atavico, uma sorte de anachronismo n'um meio civilisado. Se o A. conhecesse realmente todo o alcance d'esta concepção atavistica — tão larga como a do proprio evolucionismo de que procede — se soubesse que ella está dando em psychiatria a explicação de um consideravel numero de factos, certamente não teria passado ao lado d'ella desdenhosamente e, sobretudo, não lhe lançaria o argumento de que «ella contem o terrivel paradoxo de basear as sociedades civilisadas sobre criminosos». Este paradoxo é uma phantasia do A.: as sociedades civilisadas nascem dos elementos perfectiveis e progressivamente adaptaveis da especie e não dos seus elementos improgressivos, inferiores e anadaptaveis, que são os criminosos no sentido anthropologico do termo, como atraz o definimos. Decerto, a humanidade atravessou um periodo premoral, sem noções e sem emoções de piedade e de justiça; essa epocha, porém, não é um periodo criminal, pois que a noção do crime é precisamente a da violação d'esses sentimentos que *ainda* então não existiam. Mas desde que essas noções e emoções surgiram (e a sua mesma eclosão demonstra a perfectibilidade da especie) immediatamente e naturalmente dois typos psychicos se diferenciaram: os insusceptiveis de as comprehenderem e sentirem (*criminosos*) e os que as integraram na consciencia, transmittindo as por herança (*normaes*). É sobre estes e não sobre os primeiros que as sociedades civilisadas se baseam. Como, porém, os criminosos são prolificos, ao lado da descendencia dos normaes e pela mistura com estes os typos imperfeitos se geram: d'aqui a persistencia dos criminosos nos meios civilisados. A hereditariedade explica-os perfectamente: existem como productos saltuarios, como regressões, como representantes, na dichotomia humana, do ramo imperfeito e inferior. Mas tanto as sociedades e as civilisações se não baseiam sobre elles que, por um lado, as degenerescencias accumuladas acabam por extinguir-lhes as gerações e, por outro, a justiça — expressão da collectividade que se defende — procura segregar-os.

Estas reflexões reduzem a coisa nenhuma o argumento ingenuo do snr. Macêdo quando, fazendo a critica da doutrina que vê no criminoso a reaparição do selvagem, nos diz que ainda «nenhum viajante affirmou que *todos* os Australianos do centro e do littoral, que *todos* os indigenas da America, que *todos* os naturaes da Oceania sejam criminosos». Mas, á doutrina não era precisa para nada uma tal affirmação. N'esses povos, como nos primitivos (e com mais rasão ainda, porque são muito ultteriores) deve haver elementos perfectiveis e outros que o não são. Os primeiros progredirão em contacto com as raças superiores, se este não fôr inteiramente absorvente, seguindo-as e evolucionando; os outros persistirão como agora. E da mistura de uns e de outros surgirão civilisações em que, como nas nossas actuaes e mais elevadas, ao lado dos normaes apparecerão excepcionalmente criminosos.

Mais feliz na maneira de considerar o problema da repressão criminal, o A. manifesta-se a favor da pena de morte, no que segue, contra a corrente sentimentalista, o caminho dos que, como naturalistas, teem estudado o delinquente. Sómente, ainda n'este ponto o A. manifesta um certo desequilibrio de principios e pontos frouxos de raciocinio. Por um lado, com effeito, elle deixa perceber que um criterio exclusivamente naturalista o conduz a aceitar a pena de morte como um processo necessario de que a sociedade se serve para defender-se dos que a perturbam; e tanto que não vacilla em affirmar que «um criminoso que premedita, com funções physiologicas apparentemente perfectas e fatalmente funestas aos individuos da mesma especie, merece tanto a morte como o criminoso que é impellido por um symptoma pathologico». Abaixo porém, falla da pena de morte como de um direito usado pela sociedade para expulsar de si aquelle que não «observa os artigos impostos pelo contracto ou convenção entre os homens», aquelle que, tendo-se tornado incompativel com a collectividade «*persiste em querer fazer parte d'ella*». E' evidente que o criterio do A. variou, desviando-se da orientação naturalista da *necessidade social* para a metaphysica do *contracto voluntariamente violado*. Ora, a pena de morte imposta ao criminoso doente é, n'este ultimo caso, um não-senso.

Se não luctassemos com falta de espaço e de tempo, procuraríamos mostrar ao A. que nenhum dos seus criterios extremos é hoje viavel: o da *violação voluntaria do contracto social*, porque a sociedade é um organismo cuja evolução não depende de convenções, de contractos ou de artigos de codigos, que apenas e de um modo imperfeito reflectem o seu estado consciente; o da exclusiva *necessidade social*, porque a *lucta pela existencia*, de que elle procede, é dentro da nossa especie uma lei cuja interpretação differe profundamente da que tem quando se trata de organismos inferiores. Depois, procuraríamos evidenciar-lhe que a morte do criminoso-doente, sendo um não-senso na doutrina corrente dos juristas, é tambem, embora por motivos diversos, inaceitavel por parte dos que sustentam as theorias positivas da repressão. Onde nos levaria, porém, esta exposição de principios?

Temos necessidade de acabar. Não o faremos, todavia, sem uma referencia de vivo applauso para tudo o que no *Crime et Criminel* representa um trabalho positivo de observação. Ahi o A. dá quanto aos mais habéis e conscienciosos se póde exigir; e será por esse lado que o seu livro entrará na circulação scientifica internacional. Os seus processos são rigorosos, as suas séries longas, as suas observações detalhadas, os seus graphics de primeira ordem. Se o snr. Macêdo se houvesse limitado a esta parte do seu trabalho nós não teríamos senão a felicital-o.

E' difficil possuir em doses iguaes e notaveis o espirito de analyse, sem o qual a sciencia positiva não existiria, e o espirito de synthese sem o qual a philosophia seria uma chimera.

O snr. Macêdo tem principalmente o primeiro; exercitando-o, enriquecerá a sciencia.

OS MORTOS

ESTACIO DA VEIGA

Vae rareando desanimadoramente o já pequeno grupo de homens de sciencia que, com o incentivo de Carlos Ribeiro, desentranharam os restos caracteristicos das civilisações succedidas n'um passado remotissimo n'este pequeno farrapo do occidente da velha Europa. Frederico de Vasconcellos, Paula Oliveira, Pereira da Costa foram os que, apoz o insigne chefe da Commissão geologica, baquearam na lucta, deixando outras tantas lacunas irreparaveis no nosso meio scientifico.

Agora temos a triste missão de dar outro traço negro e este no nome de um dos mais ardentes e dedicados pesquisadores da archeologia nacional — Estacio da Veiga.

Unico no Algarve, Estacio da Veiga esquadrinhou as antiguidades d'esta bella provincia, determinando-lhe os monumentos das diversas étapes civilisadoras, recolhendo um riquissimo mobiliario e os restos archeologicos das populações d'então.

Por occasião do Congresso d'antropologia e d'archeologia prehistoricas, realisado em Lisboa, em 1880, essas antiguidades foram reunidas sob a denominação de — Museu do Algarve. Ahi estavam bellamente representados os periodos neolithico, do cobre, do bronze e do ferro, mostrando quam rica era aquella região sob o ponto de vista paleoethnologico e quam incansavel e methodico tinha sido o trabalho do seu dedicado explorador.

Notemos no emtanto com profundo desgosto que esta magnifica collecção foi mais tarde mandada fechar ao publico e desterrada para os baixos do museu de bellas-artes, onde ella ainda hoje se empoeira e se desarranja no negrume d'um subterraneo! Improficuos foram os

protestos de Estacio da Veiga que teve de amargurar na alma este grande dissabor com que lhe pagaram as canceiras e as fadigas que teve na pesquisa d'esses pergaminhos da nossa nacionalidade.

Em 1886 começou elle a publicação da sua obra capital *Antiguidades monumentaes do Algarve*, onde o auctor tencionava conglumar tudo o que recolhera sobre a archeologia algarvia. A parte prehistorica, formando quatro volumes, já é do dominio publico e, preparava Estacio de Veiga o quinto que ligava essa parte com a historica, quando a morte o veio surprehender n'esse trabalho.

Nos quatro volumes referidos admira-se a grande quantidade de materiaes colligidos e dispostos segundo a chronologia paleoethnologica: Estacio da Veiga assignala-nos vinte e trec grutas que ficaram inexploradas; enumera-nos as estações caracteristicas do periodo neolithico, entre as quaes sobresahe a de Aljezur como typica, com todo um mobiliario robenhausiano e onde o auctor recolheu dezenove das problematicas placas ornadas, de schisto, e que dão um cunho tão especial á ultima phase da idade da pedra no sul do nosso paiz; e mostra-nos em Alcalá — uma verdadeira necropole dolmenica — a transição d'essa phase industrial para uma outra nova, a *do cobre*, cujos vestigios o illustre archeologo encontrou espalhados por toda a provincia.

As necropoles de Cácella e Castro Marim representam no Algarve essa idade, cuja existencia tanto foi contestada, mas que teve uma plena confirmação com estas descobertas de Estacio da Veiga e com as de Siret no sud-este da Hespanha.

Os caracteristicos das edades do bronze e do ferro que se succederam a ess'outra, encontrou-os o infatigavel pesquisador bem representados na sua provincia. Citemos a necropole da Donalda para a primeira e a de Bensafrim para a segunda.

Reunidos todos estes dados archeologicos, Estacio da Veiga elaborou com elles a carta archeologica do Algarve, em 1878, que mais tarde foi ampliada em virtude de novas descobertas e finalmente publicada no primeiro volume das *Antiguidades*. Deve-se-lhe pois a elaboração da primeira carta archeologica que se fez no nosso paiz, trabalho este muito importante na paleoethnologia para o conhecimento da centralisação e da dispersão, n'um dado territorio, das populações prehistoricas que n'elle existiram.

Não se limitou Estacio da Veiga a estudar a sua provincia sob o ponto de vista paleoethnologico; fez tambem n'ella o estudo dos povos historicos que a occuparam, como os romanos, os wisigodos e os arabes.

Fóra do Algarve, Estacio da Veiga, pesquisou as antiguidades de

Mafra, durante a sua permanencia n'esta celebre villa extremeña, em 1779.

Além da sua obra *Antiguidades monumentaes do Algarve*, de que acabamos de fallar, Estacio da Veiga tinha já publicado os seguintes trabalhos :

Povos balsenses, folheto. Lisboa, 1866.

Romanceiro do Algarve. Lisboa, 1870.

Antiguidades de Mafra. Lisboa, 1879.

Memoria das antiguidades de Mertola observadas em 1877. Lisboa, 1880.

• *A Tabula de bronze de Aljustrel, lida, deduzida e commentada em 1876*, memoria apresentada á Academia Real das Sciencias. Lisboa, 1880.

Ainda existe d'elle um trabalho botanicó sobre orchideas.

Estacio da Veiga deve occupar um lugar proeminente na Historia da archeologia portugueza, como um seu incansavel obreiro e distincto pesquisador.

Que ao menos em homenagem ao dedicado archeologo se lhe satisfaça emfim o seu maior desejo, expondo convenientemente o seu museu do Algarve, ha mais de nove annos fechado ao publico.

É a revalidação da obra de Estacio da Veiga e um incentivo para os que vierem.

F. C.

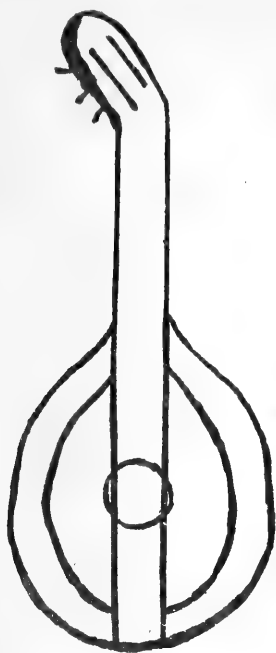


Fig. 1

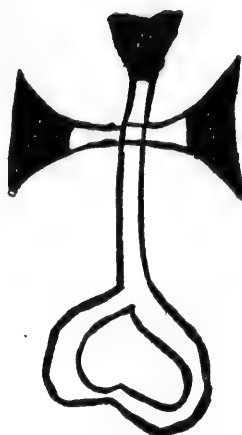


Fig. 2

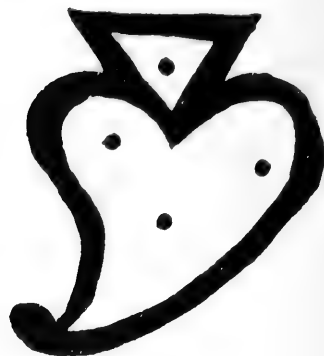


Fig. 3

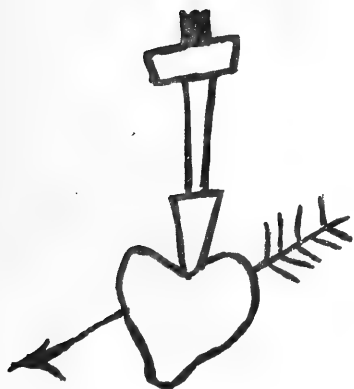


Fig. 5

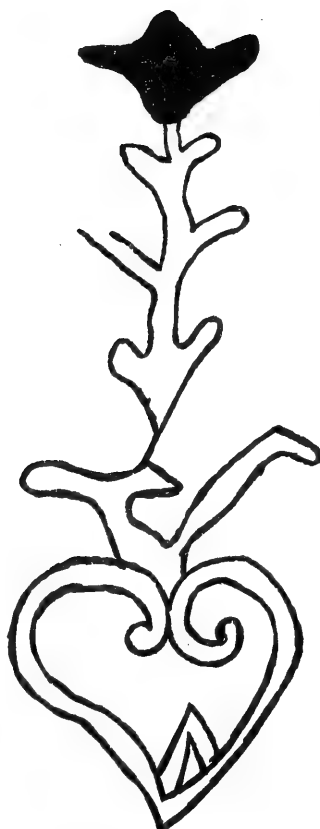


Fig. 4



Fig. 6





Fig. 7

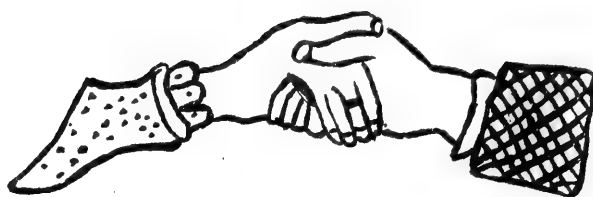


Fig. 8

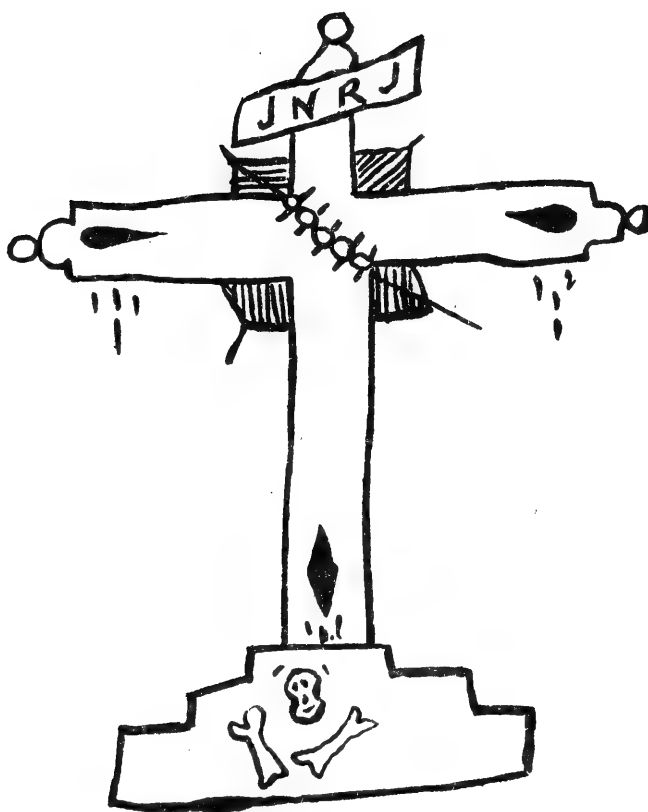


Fig. 9

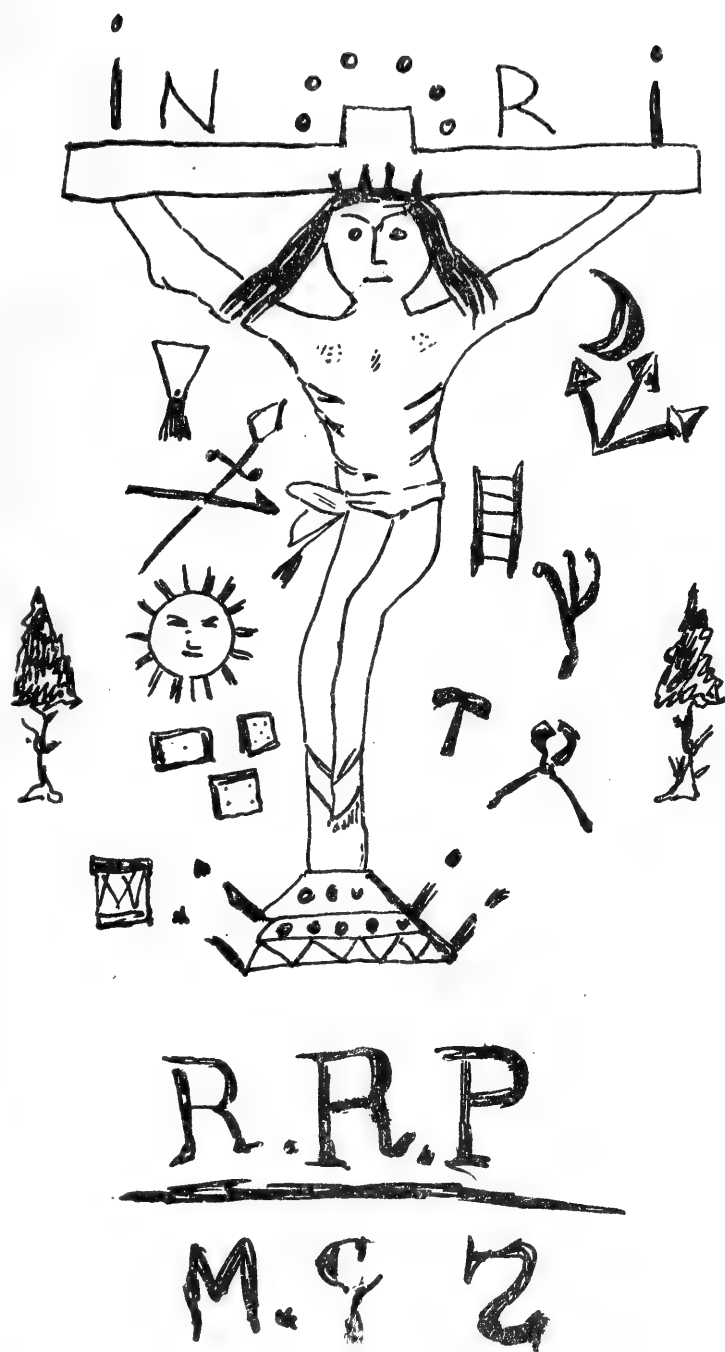


Fig. 10

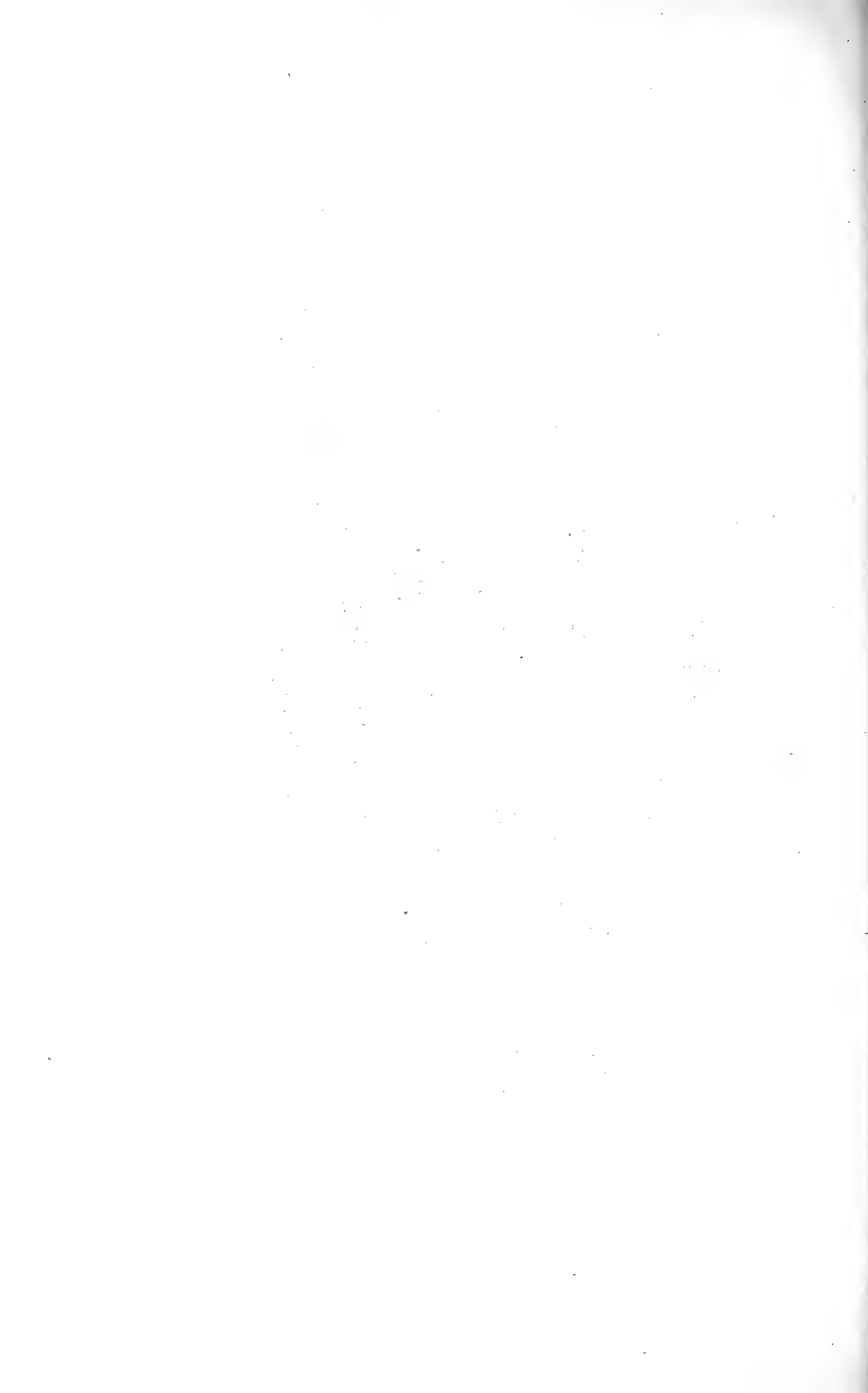




Fig. 11



Fig. 13

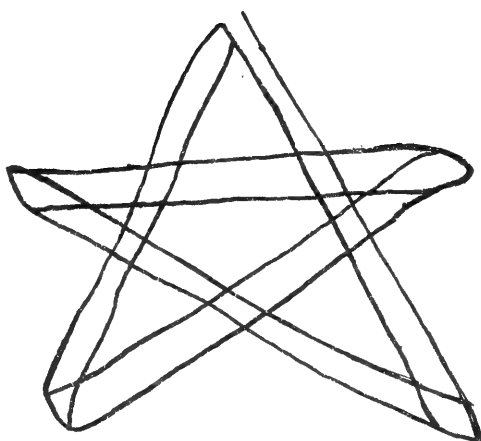
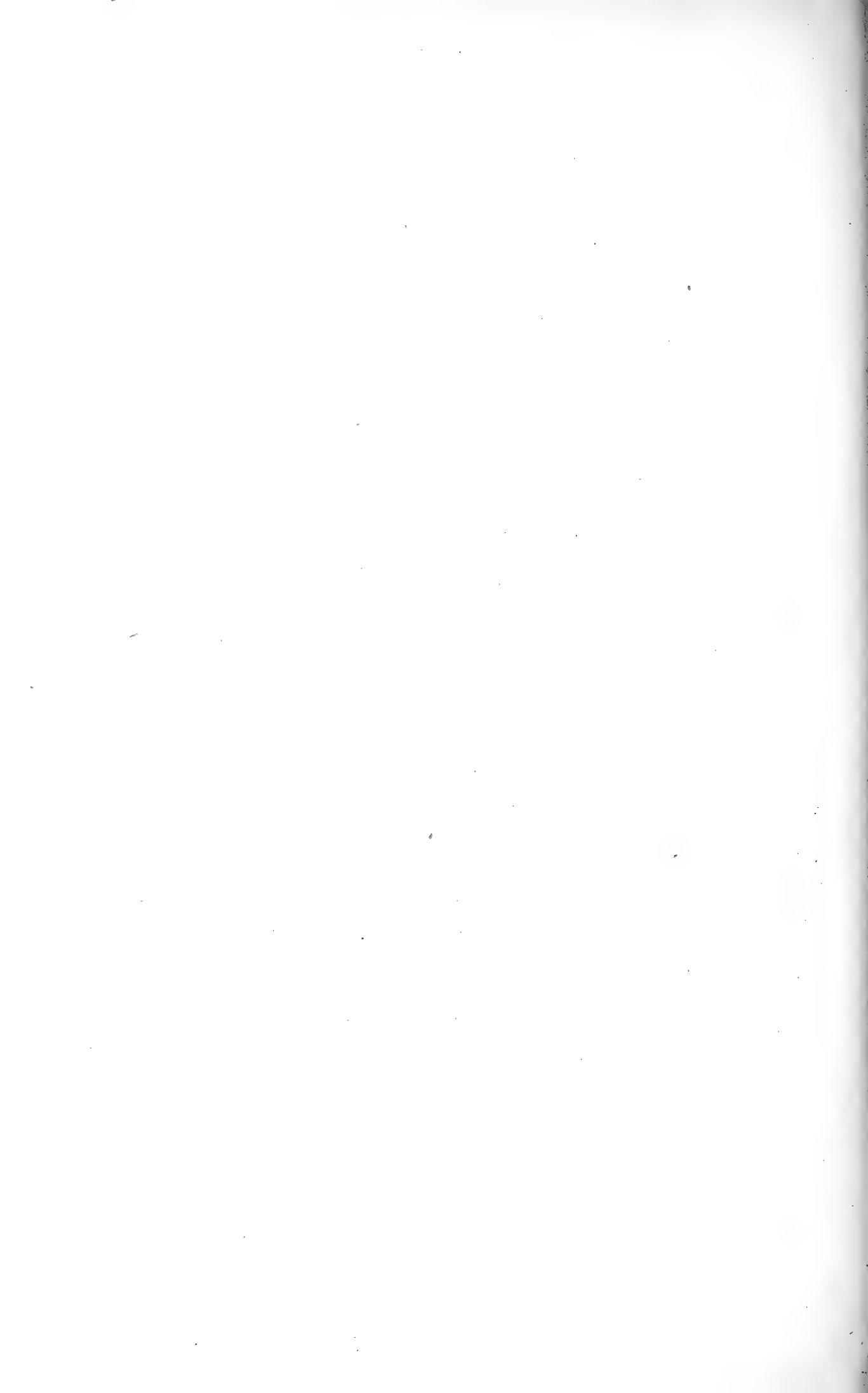


Fig. 15



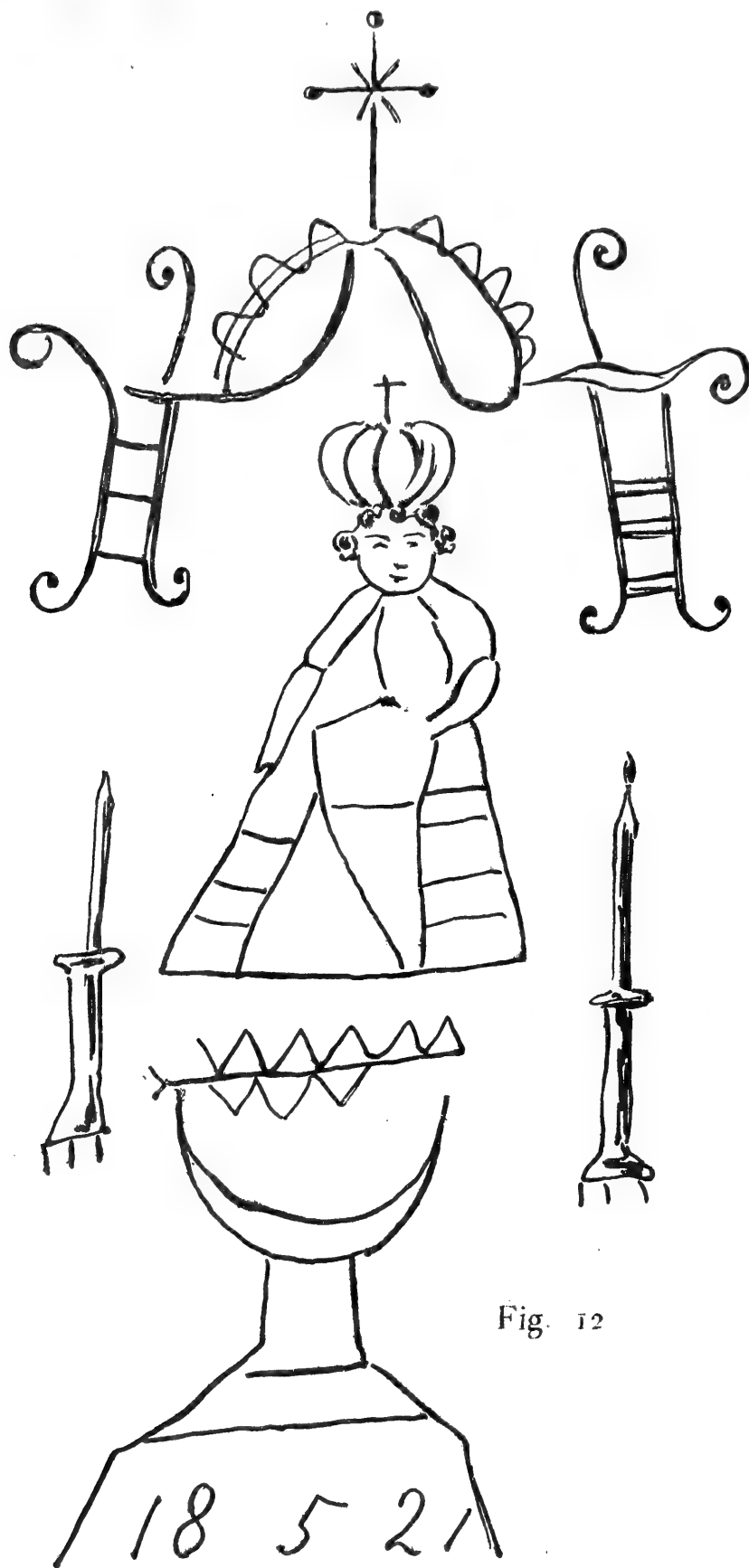


Fig. 12

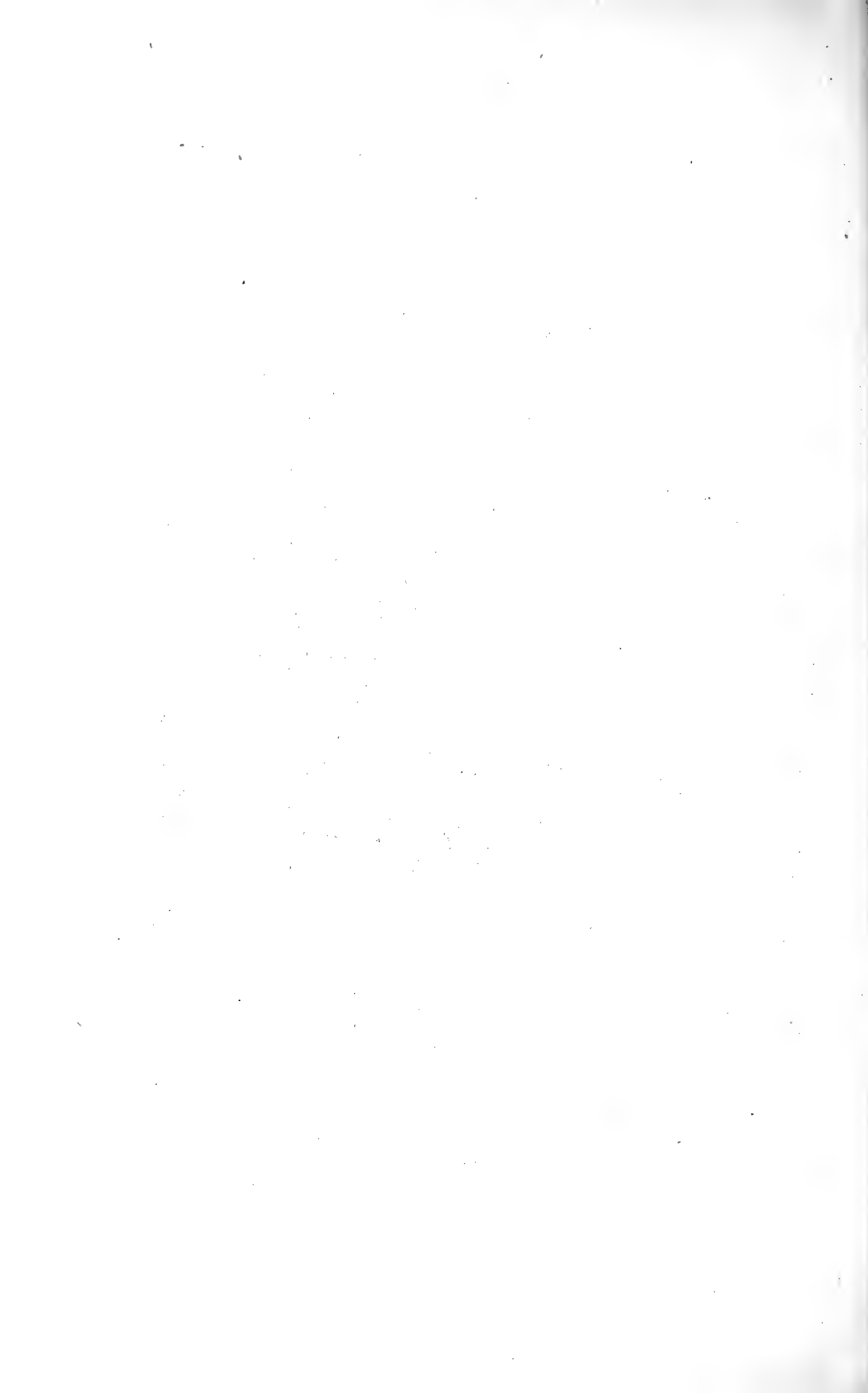




Fig. 14



Fig. 16

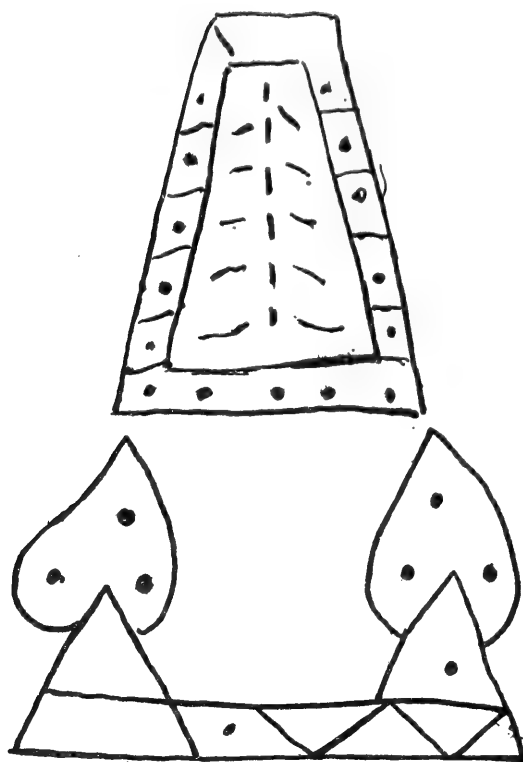


Fig. 17



Fig 19

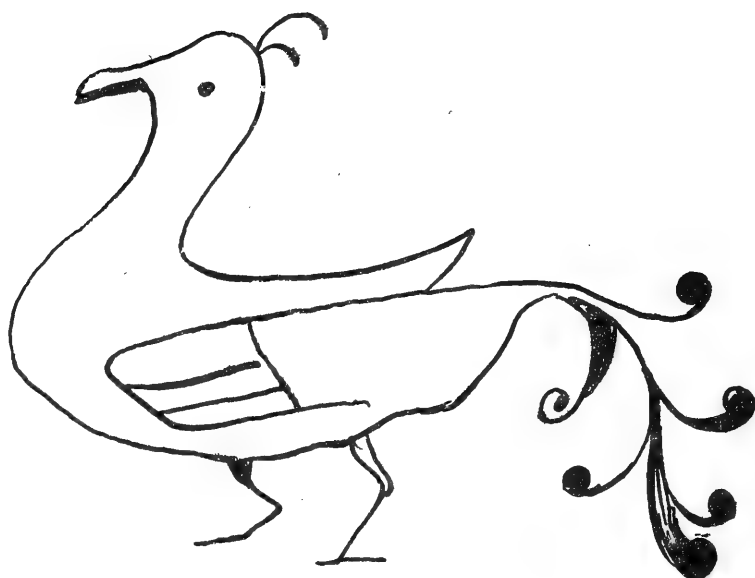


Fig. 18



Fig. 20

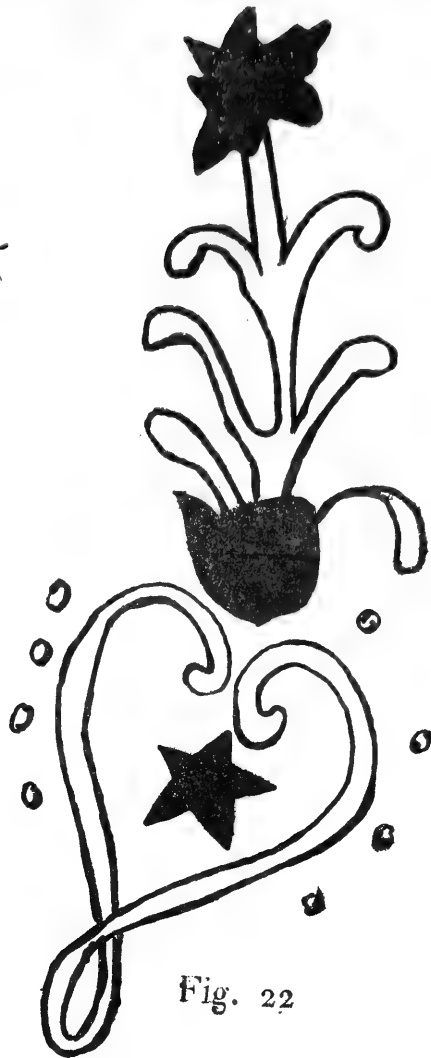


Fig. 22

S A T O R
 A R E P O
 T E N E T
 O P E R A
 R O T A S

Fig. 23

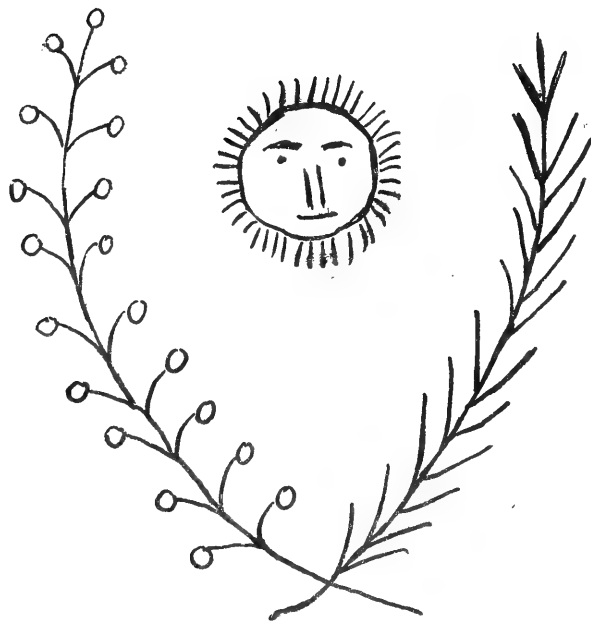


Fig. 21



SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*:

- Ferreira da Silva**—*O reconhecimento analytico da cocaína e seus saes* (Notas e documentos), 8.º, 42 pag. Porto, 1891.
- *O emprego do sulfo-selenito de ammonio para caracterisar os alcaloides*, 8.º, 3 pag. Lisboa, 1891.
- *O oxydo amarello de mercurio na analyse dos vinhos*, 4.º, 3 pag. Lisboa, 1891.
- Arthur Malheiros**—*A lei do trabalho maximo* (Estudo critico de mechanica chimica), 8.º, 150 pag. Porto, 1891.
- E. Hamy**—*L'œuvre géographique des Reinel et la découverte des Moluques*, 8.º, 35 pag. e II cart. Paris, 1891.
- R. Collignon**—*Projet d'entente internationale pour arrêter un programme commun de recherches anthropologiques à faire aux conseils de révision*, 8.º, 10 pag. Cherbourg, 1892.
- Th. Huxley**—*Les problèmes de la géologie et de la paléontologie*, in-16, 312 pag. e XXXIV fig. Paris, 1892.
- Henri Sicard**—*L'évolution sexuelle dans l'espèce humaine*, in-16, 318 pag. e 94 fig. Paris, 1892.
- Sociedad geográfica de Madrid**—*Congreso geografico hispano-portugués-americano* (Commemoracion del cuarto centenario del descubrimiento da America), in-18, 29 pag. Madrid, 1892.
- Programma para a representação de Portugal na celebração do centenario da descoberta da America*, in-4.º, 6 pag. Lisboa, 1891.
- Nery Delgado**—*Fauna silurica de Portugal. Descripção d'uma fôrma nova de trilobite*, Lichas Ribeiroi, in-4.º, 16 pag e VI pl. Lisboa, 1892.
- United States Geological Survey**—*Ninth annual report* (1887 88), in-4.º, 717 pag. e numerosas grav. e pl. Washington, 1889.
- Florentino Ameghino**—*Contribucion al conocimiento de los mamiferos fosiles de la Republica Argentina*, 4.º gr., 1027 pag. e ATLAS com 98 planchas. Buenos-Ayres, 1889.
- Paul Choffat**—*Esquisse de la marche de l'étude géologique du Portugal*, in-8.º, 20 pag. Porto, 1892.
- *Espagne & Portugal* (Extrait de l'Annuaire géologique universel), in-8.º, 11 pag. Paris, 1892.
- Société d'Anthropologie de Paris**—*Catalogue de la Bibliothèque*, 2 vol. in-8.º. Paris, 1891.
- Prince de Monaco**—*Projet d'observatoires météorologiques sur l'Océan Atlantique*, in-4.º, 3 pag. Paris, 1893.
- J. Pilling**—*Bibliography of the Algonquian languages*, in-8.º, 614 pag. e numerosas grav. Washington, 1891.
- J. Dorsey**—*Omaha and ponka letters*, in-8.º, 123 pag. Washington, 1891.
- *The cegiha language*, in-4.º, 794 pag. Washington, 1890.
- C. Thomas**—*Catalogue of prehistoric works*, in-8.º, 246 pag. Washington, 1891.

- Communicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tom II. Lisboa, 1892.
- Revista de obras publicas e minas*, tom. XXIII, n.ºs 265 a 273. 1892.
- Revista do Minho*, vol. VII, n.ºs 19 a 22 e 24; vol. VIII, n.ºs pozende, 1891-93.
- Revista Juridica*, vol. I, n.ºs 1-14 e vol. II, n.ºs 3-6. Porto, 1892-93.
- Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. IX, fasc. 2-4 e vol. X, fasc. 1-2. Coimbra, 1892.
- Revista dos lyceus*, tom. I, n.º 11. Porto, 1892.
- Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 10.^a ser. n.ºs 4 e 12 e 11.^a ser. n.ºs 1-5. Lisboa, 1892.
- Revista de Guimarães*, vol. X, n.º 1. Guimarães, 1893.
- Boletim do Atheneu Commercial do Porto*, vol. II, n.ºs 1-12 e vol. III, n.ºs 1-3. Porto, 1893.
- Instituto*, vol. XXXIX, n.ºs 4 a 12; vol. XL, n.ºs 1-8. Coimbra, 1892-93.
- Jornal da Sociedade pharmaceutica lusitana*, tom. III, n.ºs 1-32; tom. IV, n.º 1. Lisboa, 1893.
- Revue scientifique*, tom. 49, n.ºs 5 a 26; tom. 50, n.ºs 1 a 27; tom. 51, n.ºs 1-6. Paris, 1892-93.
- Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris*, vol. II, n.ºs 1 a 12; vol. III, n.º 1. Paris, 1893.
- Bollettino del Real Comitato geologico d'Italia*, vol. II, n.º 4; vol. III, n.ºs 1-3. Roma, 1892.
- Bollettino della Società geologica italiana*, vol. X, fasc. 2. Roma, 1891.
- Bollettino di palenologia italiana*, toms. V, VI e VII; tom. VIII, n.ºs 1-12. Parma, 1892.
- Bulletins du Comité géologique de St. Pétersbourg*, vol. IX, n.ºs 9-10; vol. X, n.ºs 1-9; vol. XI, n.ºs 1-4. S. Petersburgo, 1891-93.
- Supplément au tom. X des Bulletins du Comité géologique de St. Pétersbourg*. S. Petersburgo, 1891.
- Bulletin de la Société zoologique de France*, tom. XVII, n.ºs 1-8. Paris, 1893.
- Bulletin de la Société belge de microscopie*, tom. XVIII, n.ºs 3-9; tom. XIX, n.ºs 1-3. Bruxelles, 1893.
- Bulletin de la Société vaudoise des sciences naturelles*, n.ºs 106-109. Lausanne, 1892.
- Mémoires du Comité géologique de St. Pétersbourg*, vol. IX, n.º 2; vol. XIII, n.º 1. S. Petersburgo, 1891.
- Mémoires de la Société des naturalistes de Kiew*, tom. X, n.ºs 3-4; tom. XI, n.ºs 1-2. Kiew, 1891-1892.
- The American anthropologist*, vol. IV, n.ºs 2-4 e vol. V, n.ºs 1-2. Washington, 1892.
- Annuaire de la Société d'Archéologie de Bruxelles*, toms III e IV. Bruxelles, 1893.
- Feuille des jeunes naturalistes*, tom. XXII, n.ºs 257 a 264 e tom. XXIII, n.ºs 265 a 269. Paris, 1893.
- Mélusine*, tom. VI, n.ºs 1-5. Paris, 1893.
- Verhandlungen der Berliner gesellschaft für anthropologie, ethnologie und urgeschichte*, n.ºs de julho-dezembro de 1891 e janeiro-julho de 1892. Berlim, 1892.
- The journal of the anthropological institute of Great Britain and Ireland*, vol. XXI, n.ºs 3-4; vol. XXII, n.ºs 1-3. Londres, 1892-93.
- Abstracts of the proceedings of the Geological Society of London*, n.ºs 583-601. Londres, 1893.
- Bulletin de l'Institut Egyptien*, 3.^a ser. n.ºs 1-3. Cairo, 1892.
- Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, tom. II (ser. II) fasc. 3.º; tom. III, fasc. I-III; tom. IV, fasc. 1. Paris, 1893.

(Continua).



3 2044 106 225 139

DIGEST OF THE
LIBRARY REGULATIONS.

No book shall be taken from the Library without the record of the Librarian.

No person shall be allowed to retain more than five volumes at any one time, unless by special vote of the Council.

Books may be kept out one calendar month; no longer without renewal, and renewal may not be granted more than twice.

A fine of five cents per day incurred for every volume not returned within the time specified by the rules.

The Librarian may demand the return of a book after the expiration of ten days from the date of borrowing.

Certain books, so designated, cannot be taken from the Library without special permission.

All books must be returned at least two weeks previous to the Annual Meeting.

Persons are responsible for all injury or loss of books charged to their name.

